

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Josy Kelly Cassimiro Rodrigues dos Santos

*O LIVRO DOS SNOBS: O ROMANCE INGLÊS NOS JORNAIS E
PERIÓDICOS PARAIBANOS DO XIX*

JOÃO PESSOA
2016

JOSY KELLY CASSIMIRO RODRIGUES DOS SANTOS

*O LIVRO DOS SNOBS: O ROMANCE INGLÊS NOS JORNAIS E
PERIÓDICOS PARAIBANOS DO XIX*

Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito institucional
para obtenção do Título de Mestre em
Letras, na área de concentração
Memória e Produção Cultural.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

JOÃO PESSOA - PB

2016

S2371 Santos, Josy Kelly Cassimiro Rodrigues dos.
O livro dos snobs: o romance inglês nos jornais e
periódicos paraibanos do XIX / Josy Kelly Cassimiro Rodrigues
dos Santos.- João Pessoa, 2016.
118f. : il.
Orientadora: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL
1. Thackeray, William Makepeace, 1811-1863 - crítica e
interpretação. 2. Literatura e cultura. 3. Memória e produção
cultural. 4. Romance inglês - folhetim. 5. O Livro dos Snobs.
6. Jornais paraibanos - século XIX.

UFPB/BC

CDU: 82(043)

Josy Kelly Cassimiro Rodrigues dos Santos

*O LIVRO DOS SNOBS: O ROMANCE INGLÊS NOS JORNAIS E
PERIÓDICOS PARAIBANOS DO XIX*

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Gilsa Elaine Ribeiro Andrade
(Externo ao Programa)

Prof^a. Dr^a. Maria Eulália Ramicelli
(Externo ao Programa)

João Pessoa – PB

Maio de 2016

À Professora Socorro de Fátima P. Barbosa, por tudo o que me ensinou ao longo dos últimos seis anos: com a senhora eu aprendi o ofício da pesquisa, do escrever, do absorver e, poeticamente, do sonhar.

AGRADECIMENTOS

A Deus “porque Eu colocarei as devidas palavras em vossa boca e vos concederei sabedoria, a que não conseguirão resistir ou contradizer todos os que vierem a se opor a vós” (LUCAS, 21:15).

A minha mãe, Josefa Teixeira, que com carinho me educou e apoiou os meus passos. Mãe, obrigada, essa conquista é nossa.

A minha família, em especial ao meu noivo, Douglas Lima, que pacientemente compreendeu as minhas angustias, alegrias, tristezas e vitórias; a minha amada tia, Mary Rodrigues, que sonhou e compartilhou desse sonho; e ao meu querido tio, Adalberto Teixeira, que sempre se mostrou disposto a sanar as minhas dúvidas e a ouvir as minhas lamentações e glórias.

Aos meus colegas de pesquisa Karla Janaína, Virna Lúcia, Natanael Duarte, Otoniel Machado, Maria do Carmo, Antônia Pereira e, em especial, a Camila Machado. Nossas discussões acadêmicas e a nossa paixão pelos jornais oitocentistas tornaram a pesquisa mais leve e saborosa.

Agradeço às professoras Gilsa Elaine Ribeiro Andrade e Wiebck Röben de Alencar Xavier, e em especial, a Maria Eulália Ramicelli, que apesar de todos os contratemplos se dispôs a colaborar nesse trabalho. Suas contribuições foram de grande importância tanto para este estudo como para minha formação.

Minha gratidão ao Programa de Pós Graduação em Letras na UFPB, na pessoa de seus coordenadores, professores e funcionários. Rose, sua paciência e competência merecem destaque.

À Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que disponibilizou, por meio online, os jornais pesquisados nesse trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão durante todo o curso.

A todos os outros que, direta ou indiretamente, contribuíram de alguma forma para a finalização de mais uma etapa de minha vida acadêmica.

RESUMO

O romance em folhetim inglês *O livro dos snobs* (1846), de W. M. Thackeray, foi publicado em 1891 no jornal *O Estado da Paraíba*. Teve sua publicação primeira na revista inglesa *Punch* (1846), sendo traduzido posteriormente. O principal objetivo do escritor era mostra por meio da sátira uma visão diferenciada da sociedade da Inglaterra vitoriana. Este trabalho consiste em investigar os textos ficcionais e não-ficcionais ingleses presentes nos jornais da província paraibana, mapear os romances ingleses em folhetim e analisar mais detidamente o romance *O Livros dos Snobs*, *corpus* desta pesquisa, com a finalidade de compreender as práticas de circulação e publicação do romance inglês em folhetim nos jornais paraibanos no século XIX. Buscamos analisar fontes como artigos, anúncios, reclames, bem como o próprio romance inglês, que serviram de base para mapear a presença de ficção inglesa em periódicos paraibanos. Refletimos com autores como Chartier (1990; 2002; 2011), Barbosa (2007; 2011), Freyre (2000), Ramicelli (2009), Hansen (2004), entre outros, que nos ajudaram a compreender a importância cultural inglesa no desenvolvimento da Paraíba, bem como a entender o espaço dos romances ingleses em folhetim nos jornais paraibanos.

Palavras-chave: Romance inglês em folhetim; *O Livro dos Snobs*; W. M. Thackeray; Jornais Paraibanos; Século XIX.

ABSTRACT

The serialized English novel *The Book of Snobs* (1846) by W. M. Thackeray was published in 1891 in the newspaper *O Estado da Paraíba*. It was first published in the British magazine *Punch* (1846) and translated later. The author's main purpose was to show—through satire— a different perspective of the aristocratic society in Victorian England. This paper aims to investigate the English works of fiction and non-fiction in the newspapers in the province of Paraíba, map out the serialized English novels and analyze more thoroughly the novel *The Book of Snobs*, which is the *corpus* of this research. Our aim is to understand the circulation and publication practices of the serialized English novel in Paraíba newspapers in the 19th century. We analyzed source materials such as articles, ads, announcements, as well as the English novel itself, which served as a basis to map the presence of English fiction in Paraíba's newspapers. We reflect with authors such as Chartier (1990; 2002; 2011), Barbosa (2007; 2011), Freyre (2000), Ramicelli (2009), Hansen (2004), among others, who helped us to understand the English cultural importance in the development of Paraíba, as well as to understand the space of English novels in serialized in Paraíba's newspaper.

Keywords: Serialized English novel; *The Book of Snobs*; W. M. Thackeray; Newspapers from Paraíba; 19th Century.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráficos

Gráfico 1 - A crescente circulação de romances na seção Folhetim dos jornais paraibanos

Gráfico 2 - Nacionalidade dos romances que circularam nos jornais paraibanos no século XIX

Figuras

Figura 1 – Anúncio presente no jornal *O Estado da Paraíba*

Figura 2 – Notícias da *Gazeta da Paraíba*

Figura 3 – Romance *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas

Figura 4 - Capa do jornal *O Estado da Paraíba*, romance *O Relógio*

Figura 5 - Capa do jornal *Estado da Paraíba*, romance *Por telephone phantasia americana*

Figura 6 - Capa do jornal *Gazeta da Paraíba*

Figura 7 - Romance *As aventuras de terra e mar*, de Mayne-Reid, jornal *Diário da Manhã*

Figura 8 - Capa do jornal *O Estado da Paraíba*, romance *O Livro dos Snobs*

Figura 9 - Romance *Vice Versa: a lesson to fathers*

Figura 10 - Romance *A alma de Pedro*, *O Relógio* e *Urania*

Figura 11 - Capa da revista *Punch*

Figura 12 - Capa da versão francesa do romance *Le livre des snobs*

Figura 13 - Capa do jornal republicano *O Estado da Paraíba*

Figura 14 - Capa da versão inglesa do romance *The book of Snobs*

Tabelas

Tabela 1- Principais romancistas em circulação nos jornais da Paraíba Oitocentista

Tabela 2- Romances ingleses que circularam nos jornais da Paraíba entre 1850 e 1897.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. UM BREVE ESTUDO DO ROMANCE INGLÊS OITOCENTISTA NO BRASIL.....	17
1.1 Os primeiros estudos do romance inglês nos periódicos brasileiros.....	17
1.2 Os ingleses nos anúncios dos jornais paraibanos da segunda metade do século XIX	27
1.3 Um espaço de deleite: a circulação de romances na Paraíba do século XIX	34
1.3.1 O romance inglês em folhetim: uma falsa designação	44
2. A CIRCULAÇÃO DOS ROMANCES INGLESES NA PARAÍBA OITOCENTISTA (1850 – 1894).....	49
2.1 O romance inglês em folhetim: contextualização.....	49
2.2 A circulação do romance inglês em folhetim	57
2.3 O lugar do romance inglês seriado nos periódicos da Paraíba	64
3. THE BOOK OF SNOBS: DO PÚBLICO INGLÊS AO LEITOR PARAIBANO.....	68
3.1 Punch Magazine	68
3.2 O Livro dos Snobs: uma prosa de ficção satírica	77
3.2.1 A sátira inglesa na Paraíba oitocentista	82
3.2.2. Os snobs e o esnobismo no contexto paraibano	84
3.2.3 As táticas de um snob escritor	90
3.2.4 Os snobs caricaturados e suas representações	92
Algumas Considerações	106
REFERÊNCIAS.....	109
ANEXO	116

INTRODUÇÃO

O texto do historiador tem, pois, uma pretensão à verdade e refere-se a um passado real, mas toda a estratégia narrativa de refigurar essa temporalidade já transcorrida envolve representação e reconstrução. (PESAVENTO, 2008, p. 36).

As ideias para a produção do presente trabalho surgiram a partir de dois fatores. Inicialmente, através do interesse pelo estudo de textos literários que circularam na imprensa oitocentista brasileira, fruto de minha participação como bolsista do PIBIC/CNPq no projeto de pesquisa – *Jornais e Folhetins Paraibanos do século XIX* –, orientado pela Prof^a. Socorro de Fátima P. Barbosa, durante a graduação em Letras (2010 – 2013). Nesse período, desenvolvemos pesquisas sobre o Século XIX brasileiro e seus escritos, mais propriamente sobre as cartas do padre e jornalista Miguel do Sacramento Lopes Gama, presentes no jornal *O Carapuceiro*, pelo viés da historiografia literária – o que veio a resultar na produção do trabalho monográfico *As Cartas em O Carapuceiro (1832 – 1842) e The Spectator (1711-1712)*.

O segundo fator, esse mais recente, pode ser considerado a leitura do artigo científico *Jornalismo e literatura no século XIX paraibano: uma história* (2010), de Socorro Barbosa. Nele, a pesquisadora faz referência à presença de algumas narrativas inglesas nos jornais paraibanos, e cita como exemplo o romance *O Livro dos Snobs*, de W. M. Thackeray, dado esse que me chamou a atenção, uma vez que no contexto literário brasileiro são constantes as referências à circulação dos romances ingleses apenas no eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Fato este que nos levou a refletir sobre a presença de um romance inglês nos jornais da Paraíba, localizado, geograficamente, distante do estudado e prestigiado centro de concentração cultural no Brasil. Desse modo, este trabalho convida o leitor a adentrar no século XIX, por meio dos jornais, permitindo ampliar o conhecimento sobre a presença de ficção inglesa no Brasil no século XIX para além do Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro tem sido o contexto mais estudado até o momento, isso é compreensível porque era a Corte, e pelo que se sabe foi no Rio de Janeiro do século XIX que a ficção estrangeira circulou com maior frequência tanto em periódicos como em acervos de instituição de leitura.

Acreditamos, então, que nosso objeto de estudo – o romance inglês em folhetim –, bem como os anúncios, artigos, reclames, dentre outros escritos que giram em torno do romance inglês do século XIX, nos ajudaram na construção da ficção

inglesa nos periódicos da Paraíba. Este trabalho tem como objetivo compreender como o romance inglês em folhetim circulou nos jornais da Paraíba e até que ponto a cultura britânica interferiu na sociedade paraibana; para isso, realizamos um mapeamento da presença inglesa nos periódicos paraibanos, o que proporcionou a nossa pesquisa dar notícias sobre a circulação dos ingleses na Paraíba, no Brasil e no mundo, construindo um contexto mais amplo para o nosso trabalho.

Dessa forma realizou-se uma pesquisa junto ao acervo disponível no site *Jornais e folhetins literários da Paraíba no século XIX*¹, e no acervo dos periódicos digitalizados da Biblioteca Nacional². Foi realizado o levantamento de dados primários nos jornais *O Tipógrafo* (1986), *O Mercantil* (1883), *Diário da Paraíba* (1884-85), *Arauto Paraibano* (1888), *Gazeta da Paraíba* (1888-89-90), *O Estado da Paraíba* (1890-92), *A Ordem* (1894), *Gazeta do Comércio* (1895-96-97), *A Borboleta* (1860), *A regeneração* (1862), *O Heliotrópio* (1856), *O Publicador* (1864), *A esperança* (1877-78), *A ideia* (1879-80), *A imprensa* (1897-98-99-1900), *Correio Noticioso* (1877), *Eco Escolástico* (1877), *Jornal da Paraíba* (1889), *O artista* (1895), *O Conservador* (1874), *O Despertador* (1874), *O Liberal Paraibano* (1883-84), *O Livro* (1890), *O mirante* (1892), *O popular* (1883), *O Porvir* (1883), *O Solícito* (1867), *O sorriso* (1887), *The Paraíba Times* (1894) e *União Tipográfica* (1894), conjunto que constitui a nossa principal fonte de pesquisa.

A pesquisa se encaminhou por duas vertentes. A primeira tratou especificamente do levantamento de dados concernentes à presença de romances ingleses traduzidos nos jornais paraibanos. Paralelo a essa busca pelos romances ingleses, observávamos também todo o suporte jornal, desde as notícias de cunho político até os anúncios de mercadorias, pois como afirma Barbosa (2007, p. 18), “o jornal no século XIX é, por excelência, o lugar do diálogo, do debate, da fofoca e das polêmicas, sejam aquelas comezinhas, sejam as grandes e célebres”; logo, observar toda a composição do jornal nos permitiu constatar não só a presença dos ingleses em nosso país no século XIX, mas também a forte influência que eles exerceram em nossa nação, desde o chá inglês, até as vestimentas e as estradas de ferro inglesas. Em todos os seguimentos os ingleses se fizeram presentes na Paraíba bem como nas outras províncias do país (FREYRE, 2000).

Essa busca pelos romances ingleses traduzidos acabou se constituindo em uma tarefa angustiante, pois à medida que o tempo da pesquisa avançava e as edições dos

¹Disponível em: < <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>>. Acesso em: 22 março 2015.

² Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 22 março 2015.

jornais passavam não se percebia a presença das narrativas inglesas, o que se observava era um número expressivo de romances franceses traduzidos. Somente a partir de 1890 apareceu na página do jornal paraibano *Diário da Manhã* o primeiro romance em folhetim inglês, intitulado *As aventuras de Terra e Mar*, de Mayne-Reid (1818-1883). A partir desse período, os romances de autoria inglesa, publicados em seções avulsas do jornal, começaram a aparecer, como *Vice versa: a lesson to father*, de Thomas Anstey Guthrie (1856-1934), publicado no jornal *The Paraíba Times* (1894) e *O livro dos snobs*, de M. W. Thackeray (1811-1863), que circulou no jornal *Estado da Paraíba* no ano de 1891, este constitui o *corpus* da nossa pesquisa.

Destes três romances encontrados nos jornais paraibanos, optamos em trabalhar apenas com *O livro dos Snobs* pelo fato de ser uma obra de ampla circulação mundial, como veremos ao longo do trabalho; o anúncio e as notícias encontradas no jornal *O Estado da Paraíba* também contribuíram para a escolha, pois este material ajudaria a enriquecer a apresentação e análise da obra como um todo.

É bem possível que existam romances que não foram localizados durante essa pesquisa, talvez presentes em periódicos não consultados, devido à não digitalização do material, e/ou textos que escaparam durante o processo de levantamento de dados nos jornais pesquisados por limitações impostas pela ação do tempo que ocasionou a deterioração dos periódicos ou mesmo pelo desaparecimento de muitos títulos e números.

Precisamos ampliar o escopo geográfico das nossas pesquisas. Em se tratando de estudos que abordem o romance inglês em folhetim, um conjunto de autores deu sua contribuição no sentido de produzir uma historiografia sobre o romance inglês e sua inserção em jornais brasileiros, abordando as práticas culturais e educacionais inglesas. Esses estudos são consideráveis em proporcionar ao pesquisador elementos para uma contextualização sócio-histórica. São exemplos desses: Freyre (2010), Vasconcelos (1997; 2002; 2007), Ramicelli (2009), entre outros³.

Alguns pesquisadores têm desenvolvido pesquisas tomando por fonte os jornais oitocentistas. Nessa linha, destaca-se o trabalho pioneiro do sociólogo Gilberto Freyre (2010) que versa sobre os ingleses no território brasileiro e sobre o papel da imprensa como instrumento utilizado para a propagação da vida social, econômica e

³Alguns pesquisadores trabalham com o romance inglês, mas não no suporte jornal como é o caso de Schapochnik (1999). Outros não se detêm apenas ao romance inglês como objeto de pesquisa, mas foram de fundamental importância para este trabalho, como ocorreu com Germana Sales (2008; 2011; 2012) e Socorro Barbosa (2007; 2010; 2011).

cultural dos ingleses. Vasconcelos (2002) por meio do panorama traçado a respeito da formação e ascensão do romance inglês subsidiou este trabalho não só na parte teórica, mas também no que compete a análise e exposição de dados; a pesquisadora oferece em seus estudos basilares uma introdução acerca do novo gênero literário que estava em voga na Inglaterra do século XVIII. Ramicelli (2009), por sua vez, tem oferecido importantes contribuições a esse novo enfoque sobre os romances ingleses que circularam nos jornais do Brasil, verificando os textos pelo viés da História da Leitura, o que contribui para uma abordagem mais acadêmica em relação aos jornais. Barbosa (2010) vem desenvolvendo pesquisas relacionadas aos jornais e folhetins da Paraíba oitocentista e sua relação com a Literatura; a pesquisadora propôs investigar, através de fontes impressas, as cartas, anúncios, romances-folhetins, entre outros gêneros narrativos.

A fim de ampliar os estudos acerca do romance inglês em folhetim na construção de uma história da leitura no Brasil, nosso trabalho justifica sua importância na busca de compreender as práticas de circulação e publicação do romance inglês em folhetim nos jornais paraibanos no século XIX, especificamente o romance *O Livro dos Snobs*, procurando compreender como os aspectos materiais dos impressos ingleses se misturam aos discursos veiculados nos jornais paraibanos.

O recorte temporal selecionado para a presente pesquisa se justifica pelo fato de que, na segunda metade do século XIX, o Brasil, especificamente a Paraíba, já estava com sua produção impressa funcionando a todo vapor, e os romances, bem como os romances em folhetim já eram parte integrante dos jornais, além do mais, o primeiro romance em folhetim a circular na Paraíba – *Capitão Paulo*, do romancista Alexandre Dumas – data de 1856 (BARBOSA, 2007).

A partir desses pressupostos, alguns problemas de pesquisa puderam ser elaborados, apontando, conseqüentemente, para nossas hipóteses: I) Por que os romances em folhetim ingleses circularam em uma sessão avulsa do jornal?; II) Quais os gestos de leituras implantados pela imprensa nos romances ingleses publicados nos jornais paraibanos do século XIX?

Os romances ingleses em folhetim bem como os anúncios utilizados nessa dissertação foram transcritos tal como publicados nos jornais paraibanos do século XIX, por isso determinadas palavras e expressões apresentam construções obsoletas aos dias atuais, pois eram próprias ao vocabulário da época. Essa dissertação desenvolve-se em três capítulos os quais discutiremos a presença de romances inglês em folhetim nos

jornais da Paraíba oitocentista, especificamente *O Livro dos Snobs*, corpus deste trabalho.

Assim, no primeiro capítulo, *Um breve estudo do romance inglês no Brasil*, procuramos expor, a partir dos principais estudos realizados no território brasileiro, o estado da arte do romance inglês em folhetim nas cidades de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro (FREYRE, 2010), São Paulo (VASCONCELOS, 1997; 2002; 2007), Rio de Janeiro (SCHAPOCHNIK, 1999; RAMICELLI, 2009), Mato Grosso (NADAF, 2002), Pará (SALES, 2008; 2011; 2012) e Paraíba (BARBOSA, 2007; 2010; 2011). Ademais, procuramos historiar a presença inglesa por meio dos anúncios, artigos e romances presentes nos periódicos paraibanos.

O segundo capítulo, *A circulação do romance em folhetim inglês na Paraíba (1850 – 1894)*, se dedica de forma específica à ficção. Assim, encontram-se catalogados os autores e romances ingleses que circularam nos jornais paraibanos pesquisados; para isso, foram feitas algumas tabelas e gráficos listando os resultados encontrados nos periódicos. Nesse capítulo, também procuramos discutir o lugar da prosa de ficção inglesa nos periódicos paraibanos estudados, pois, como veremos, diferentemente dos demais – romances franceses, portugueses – os romances ingleses circularam na primeira página do jornal, em uma coluna localizada do lado direito da folha.

No terceiro capítulo, *The Book of Snobs: do público inglês ao leitor paraibano*, procuramos analisar mais detalhadamente o romance *O Livro dos Snobs*, corpus deste trabalho. Esta parte da pesquisa se propõe apresentar a história editorial da revista *Punch*, em que originalmente circulou o romance inglês, e do jornal *O Estado da Paraíba*, periódico paraibano no qual circulou o romance em folhetim. Em seguida, traçamos um breve percurso apontando os possíveis países em que o romance foi traduzido e, por fim, realizamos uma explanação da obra focando a nossa análise na sátira, elemento visivelmente trabalhado pelo narrador na abordagem dos personagens caricaturados como *snobs*. Nossa pretensão nesse capítulo foi apontar e despertar o interesse nos pesquisadores para uma pesquisa em uma área do saber histórico que se mostra auspiciosa a quem a interessa trabalhar.

Vários estudiosos já estão ampliando os estudos no campo da historiografia literária, desenvolvendo pesquisas com acervos de bibliotecas, gabinetes de leitura, dentre outros; e o resultado positivo desse escopo geográfico é constatar que ficção estrangeira, no geral, sem me restringir apenas à inglesa, chegou a diferentes regiões do Brasil no século XIX por meio de vários suportes (livro, periódicos, revistas) e, às

vezes, sem intermediação comercial do Rio de Janeiro, que foi o caso da Paraíba. A medida que aumentamos a quantidade de pesquisas com fontes primárias, vamos recuperando os caminhos de construção da cultura letrada e, mais especificamente, da cultura literária no Brasil da época.

1. UM BREVE ESTUDO DO ROMANCE INGLÊS OITOCENTISTA NO BRASIL

Um Brasil onde as primeiras fundições modernas, o primeiro cabo submarino, as primeiras estradas de ferro, os primeiros telégrafos, os primeiros bondes, as primeiras moendas de engenho moderno de açúcar, a primeira iluminação a gás, os primeiros barcos a vapor, as primeiras redes de esgotos foram, quase todas, obras de inglês (FREYRE, 2000, p. 62).

1.1 Os primeiros estudos do romance inglês nos periódicos brasileiros

Caracterizada como obra inaugural nos estudos a respeito da predominância inglesa no Brasil, *British Preeminence in Brazil*, de Alan Krebs Manchester (1905 – 1975), foi publicada originalmente em inglês em 1933, e traduzido no Brasil em 1973. Este estudo foi de grande contribuição para a historiografia estrangeira relativa ao Brasil, e serviu de modelo para o primeiro estudo desenvolvido no Brasil a respeito dos ingleses.

A partir de 1930 em diante, o sociólogo-historiador brasileiro Gilberto Freyre (1900 – 1987) deu início ao primeiro estudo realizado no Brasil a respeito da presença inglesa. Publicado pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 1948, *Ingleses no Brasil* (2000) é uma obra de grande contribuição na reconstrução do desenvolvimento do Brasil no seu aspecto mais íntimo (histórico – sociológico). A obra é focada nas marcas culturais deixadas pelos ingleses aqui, especialmente no século XIX (FREYRE, 2000). Para compor seu estudo sobre o encontro cultural Brasil – Inglaterra, Freyre privilegiou duas fontes: a correspondência consular e os anúncios dos jornais oitocentistas que circularam no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. Constatemos:

Mas o que principalmente nos interessa estudar nesses anúncios de jornal de negociantes e técnicos britânicos estabelecidos no Brasil da primeira metade do século XIX, como também nas reclamações ou simples notícias de mercadorias importadas da Inglaterra, e nas notícias de leilões de ingleses ou de outros europeus ou de brasileiros, importadores ou possuidores de novidades inglesas, é a influência da cultura intelectual e material dos britânicos, da sua indústria, da sua técnica, das suas modas sobre a vida brasileira daquela época (FREYRE, 2000, p. 184).

Neste trabalho, nota-se que Freyre (2000) fez um estudo da formação da nossa cultura através de agentes menos conhecidos e menos ilustres, como é o caso dos comerciantes e dos jornais à época. O sociólogo buscou essa influência em aspectos simples, tais como vestuário, objetos domésticos, culto religioso, moradia, dentre outros. Do ponto de vista do pesquisador, os anúncios, juntamente com os personagens mais obscuros e pormenores foram primordiais para conhecer a influência de uma cultura sobre a outra. Assim, o pesquisador vai percebendo que a formação cultural brasileira está pautada nos hábitos ingleses. Observemos:

[...] pela calça de flanela, pela Knicker-bocker, pelo redingote (de riding coat), pelo chapéu inglês (o chapéu redondo que substituiu entre nós o triangular), pelo chá das cinco, pelo molho inglês, pela soda-water, pelo colarinho Eton para os meninos, pelo capacete de cortiça, pela mostarda, pelo sabonete inglês, pelo biscoito inglês, pelo tipo inglês de vinho do Porto ou de Jerez, pelo cachimbo inglês, pela governanta inglesa, pela hora inglesa (com o significado de hora rigorosamente exata), pela palavra de inglês (com o significado de quase palavra de honra) [...] (FREYRE, 2000, p. 67, grifo do autor).

A presença das nações estrangeiras, principalmente dos ingleses no Brasil, deu-se, primeiramente, sob a forma econômica. Para Freyre (2000, p. 46), “essa preponderância econômica dos britânicos não poderia deixar de transbordar, como transbordou, noutras zonas ou esferas de influência”. Assim, os produtos comerciais como remédio, alimentos (açúcar, milho, *etc*), algodão, e os próprios livros chegaram ao Brasil por meio dos navios que, provavelmente antes de seguir para a Paraíba, faziam escala em Pernambuco, como nos mostra o anúncio:

Para Liverpool

O vapor “Merchant” da companhia “Harrison line of steamers Liverpool”, de 849 toneladas de registro, capitão H. H. Shaw, vindo da Europa com parte de seu carregamento directamente para esta praça, consignado a Cahn Freres & C., tocou em Pernambuco, tendo ancorado em Cabedello em 7 do corrente onde descarregou 109 toneladas de diversas mercadorias; despachou em 12 do corrente para Liverpool, manifestando 8050 saccos com sementes de algodão, 1150 saccos com milho e 60 saccos bagas de mamona e seguiu seu destino (*O PARAIBANO*⁴, 13/04/1892, nº 50, p. 02).

⁴*O Paraibano* circulou no ano de 1855 com a epígrafe de “periódico literário, noticiador e por acidentes políticos”, sem dias certos para publicação, e no ano de 1892 como “órgão do povo”.

O comércio da Inglaterra no Brasil era tão próspero que gerou notícias no exterior e o jornal *Regeneração*⁵ da Paraíba disponibilizou tais informações nas páginas do seu jornal. Vale ressaltar que, lentamente, a importação de produtos ingleses repercutiu sobre os mais variados aspectos da vida cotidiana no Brasil e na Paraíba. Constatemos:

Não se pergunta se a Inglaterra deve fazer tal coisa; deve se saber se ela interessa em fazê-la. É assim nas suas relações com o Brasil; e é assim nas suas relações com todo o mundo. Vemos, por uma carta de Londres, que, pela convenção consular que a França concluiu com o Brasil, a Grã-Bretanha pretende alcançar neste império as mesmas vantagens para o seu comércio. O correspondente aludido diz que as relações gerais entre a Inglaterra e o governo brasileiro são de tal ordem, que não pode asseverar se o representante inglês alcançará na corte do Rio de Janeiro o que obteve o agente francês. Sabe-se que o comércio da Inglaterra com o Brasil é considerável; calculasse hoje em a quantia anual de sete milhões de libras [...] (A *REGENERAÇÃO*, 18/05/1861, nº 09, grifo do autor)⁶.

Assim como os periódicos, os registros comerciais do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia do século XIX estão repletos de nomes ingleses. Isso sem falar nos produtos que circulavam nos anúncios dos jornais, o que torna estes materiais tão valiosos para os estudos sociais. Da mesma forma que a presença inglesa foi constatada por Freyre em anúncios dos periódicos do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, também foi possível encontrar nos jornais paraibanos inúmeros anúncios referentes aos ingleses – o gosto pelo modo inglês estava desde as vestimentas, até os alimentos e materiais de uso doméstico. Em *O Publicador*⁷ (1862 – 1869), encontramos diversos anúncios mostrando que a influência inglesa estava na *manteiga inglesa, sela inglesa, conhaque inglês, conserva inglesa, dita inglesa, selins ingleses, louça inglesa, colher para chá de aço inglês, seda inglesa, papel inglês, gramáticas inglesas*, e outros artigos ingleses. Logo, as mercadorias inglesas, de acordo com os anúncios, eram preferência nacional tanto nos jornais das províncias estudadas por Freyre, quanto na Paraíba.

⁵ Com circulação entre os anos de 1861 e 1862 era um jornal classificado como “político, literário, noticioso e comercial” (ARAÚJO, 1986, p.37).

⁶ Os anúncios e fragmentos transcritos do jornal mantêm a grafia original, bem como eventuais erros tipográficos e ortográficos da época.

⁷ “Editado e redigido pelo Padre Lindolpho José Correia das Neves, mas de propriedade do gráfico J. Rodrigues da Costa. *O PUBLICADOR* foi o primeiro jornal de circulação diária da Paraíba e destaca-se pelas célebres polêmicas em que se metia, como pelo bom nível de seus editoriais.” (ARAÚJO, 1986, p. 37) Jornal de vida longa, o primeiro número saiu em 1862 e sua última publicação disponível consta de 1869 (Fonte: Hemeroteca Digital).

O sociólogo destaca que as mercadorias inglesas veiculadas nos anúncios oitocentistas eram artigos de peso (ferro, aço, bronze, vidro, *etc*). Nos anúncios que circularam nos jornais da Paraíba, percebemos uma significativa movimentação desses produtos, bem como de artigos de baixo custo, a exemplo de “manteiga inglesa”, conforme se vê abaixo:

Annuncios

Na taberna de Domiciano Nunes Soares vende-se peixe denominado cavallinha a 80 rs. cada um, assim como, marmelada, conservas, queijoslondrinos, vinho chamisso velho do Porto, cebolas, sardinha de Nantes, frigideiras, alguidares, púcaros e papeiros, tudo vidrado, moringos, manteiga ingleza e franceza, e muitas e diversas miudezas e ferragens, espingardas lazarinas e francezas, chá da India, enchadas calçadas de aço e inglezas, tudo por preços mais baratos que em outra qualquer parte, dinheiro á vista (*O PUBLICADOR*, 26/03/1864, nº 469, p. 04, grifo nosso).

Notemos também que os anúncios se encarregavam de distinguir os objetos ingleses dos franceses, pois os negociantes ingleses no Brasil preferiam distinguir seus artigos das mercadorias vendidas pelos portugueses, ou os ofertados pelos franceses, alegando que seus produtos eram mais nobres se comparados aos produtos oriundo da França (FREYRE, 2000). Vejamos:

Figura 1 - Anúncio presente no jornal *O Estado da Paraíba*



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2014

A influência dos hábitos ingleses não recai apenas sobre os produtos consumidos pelos brasileiros do século XIX – o gosto pelo modo inglês de falar (palavras) também se dissipou pelo Brasil. Uma breve leitura nos jornais oitocentistas já é suficiente para se notar que traduzir o inglês ou britanizar o português era uma prática recorrente. Um

dos termos célebres do período oitocentista e bastante utilizado nos jornais da época, principalmente nos jornais pernambucanos, foi o vocábulo *snoobs*⁸, ou “simplesmente elegantes” (FREYRE, 2000, p. 66) – termo muito presente no *Jornal do Recife* (1876 a 1894). Na Paraíba, a palavra *snoobs* também consagrou-se com a circulação do romance inglês *O Livro dos Snoobs*, do romancista W. M. Thackeray (1811 – 1863), presente no periódico *O Estado da Paraíba*⁹. Sua primeira publicação no jornal saiu no dia 16/07/1891, nº 286, na primeira página. Posto em uma coluna vertical, localizada do lado esquerdo da folha, sem uma seção específica, o romance foi publicado incompleto até o momento desta pesquisa, sua última publicação consta no número 429, datado de 09/01/1892.

Freyre (2000, p. 43) também constatou em suas pesquisas nos anúncios dos jornais “a crescente influência do romance inglês sobre os brasileiros”. Apesar de não ser o seu campo de estudo, o pesquisador também constatou a circulação de romances ingleses traduzidos no Brasil: “já então eram lidos no Brasil, em traduções, o *Robinson Crusoe*, o *Spectator* de Addison, as *Cartas do conde de Chesterfield a seu filho*, os romances de Walter Scott e de Ann Radcliffe, ensaios de Pope e Bentham, poemas de Milton e de Bryon, de Shakespeare” (FREYRE, 2000, p. 43). E, como vimos anteriormente, a Paraíba também foi contemplada com a circulação de romances ingleses traduzidos.

Além de seu pioneirismo nos estudos sobre a presença e influência da cultura inglesa no Brasil, Freyre permitiu que outros estudiosos dessem continuidade às pesquisas nos periódicos, tendo em vista que o jornal só passou a ser utilizado como objeto de estudo, com certa frequência na historiografia brasileira, a partir de seu trabalho. Analisando não apenas os anúncios, mas outros aspectos que compõem o jornal oitocentista, Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos (USP), Nelson Schapochnik (USP), Maria Eulália Ramicelli (UFSM), Germana Maria Araújo Sales (UFPA), Socorro de Fátima P. Barbosa (UFPB), dentre outros, deram continuidade aos estudos de Gilberto Freyre nos jornais brasileiros do século XIX. Diante disso, pretendemos, em nossa pesquisa, dar continuidade aos estudos da pesquisadora Barbosa, considerando o destaque que ela confere ao romance inglês.

⁸ O termo *snoobs* será estudado com maior veemência no capítulo 3, durante a análise do romance *O Livro dos Snoobs*.

⁹ “*O ESTADO DA PARAÍBA*, que tinha inicialmente, por diretor, A. Hortênsio Cabral de Vasconcelos, e depois, Anísio A. C. Serrano; redator-chefe: Eugênio Toscano de Brito e colaboradores do quilate de Lima Filho, Arthur Aquiles, Castro Pinto e Thomaz Mindello. Circulou até 94” (ARAÚJO, 1986, p. 40).

Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, autora de *Puras Misturas* (1997), *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII* (2002) e *A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos* (2007), estuda o romance inglês nos séculos XVIII e XIX, as relações Inglaterra-Brasil no século XIX e o romance brasileiro nos jornais do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, Brasil/Inglaterra. Os seus projetos de pesquisa visam recolher os escritos que discutiram o romance de um ponto de vista teórico no Brasil do século XIX e estabelecer comparações e/ou relações com o debate que se iniciou sobre o novo gênero ao longo dos séculos XVIII e XIX na Europa, principalmente na Inglaterra. Nesse sentido, a leitura dos estudos de Vasconcelos foi basilar para compreendermos o romance inglês dentro do contexto do século XVIII e XIX.

Nelson Schapochnik é autor de *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na Corte Imperial* (1999). Nesta tese de doutorado que não foi publicada, Schapochnik pretende conhecer melhor os impressos e as ideias em circulação entre França, Inglaterra, Portugal e Brasil, recorrendo, para isso, à ação e aos escritos dos letrados ativos ao longo do século XIX, bem como às atividades de editores, impressores e livreiros – responsáveis pela produção e circulação desses impressos. O autor busca identificar e analisar as práticas culturais, políticas e econômicas inerentes aos processos de circulação dos impressos e ideias em escala transnacional. Através da análise do catálogo *British Subscription Library* – RJ, Catálogo (1842), Schapochnik apresenta uma lista com os autores com o maior número de obras, as lacunas e os silêncios em relação ao cânone. Dentre os romancistas ingleses mencionados pelo historiador (SCHAPOCHNIK, 1999, p. 16)¹⁰ que circularam nos Gabinetes de Leitura do Rio de Janeiro, encontram-se,

Dickens, Charles – 35
Trollope, Anthony – 29
Scott, Walter – 28
Thackeray, William Makepeace – 27 (grifo nosso)

Embora os estudos atuais (Vasconcelos; Abreu; Ramicelli;) não façam referência à presença de romances de W. M. Thackeray nos jornais oitocentistas da Corte, as obras do romancista circularam no Rio de Janeiro no formato de livro (SCHAPOCHNIK, 1999). Na Paraíba, o romancista circulou nos jornais através do romance em folhetim *O*

¹⁰ SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na Corte Imperial*. São Paulo: 1999.

Livro dos Snobs. Em Recife, é possível encontrar W. M. Thackeray nos anúncios de livros, bem como sendo ofertado para os assinantes do jornal. Vejamos:

British Authors

Tauchnitz Edition

Just received the following volumes of these well known collection, 1\$500 each.

Charles Dickens [...]

G. P. R. James[...]

Sir Edward Buhcer Lytton [...]

Anthony Trollope [...]

W. M. Thackeray [...]

Wilkie Collins[...]

Carlyle[...]

Lever[...] (*JORNAL DE RECIFE*¹¹, 24/01/1876, nº 18, p. 03, grifo do autor).

O Livro dos Snobs

Começamos a publicar amanhã em columna d'esta folha o incomparável *Livro dos Snobs* do grande romancista inglez Thackeray.

Poucos romancistas, diz um seo biographo preservaram com mais seguro escapello o coração humano e não há nenhum outro que tenha combatido o vicio com armas mais leaes e mais temíveis [...] (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 15/07/1891, nº 285, p. 02).

Aos nossos assignantes

O *Jornal de Recife* firme no seu propósito de ser agradável aos seus ilustres assignantes tem resolvido offerecer-lhes, como tem feito nos anos precedentes, prêmios nas seguintes condições.

Os que pagarem um anno adiantado no escriptorio deste jornal até o dia 31 de Janeiro terão direito á escolha de uma das obras abaixo mencionadas:

O ventríloquo, por Xavier de Montepin.

Philosophia e Critica, pelo Dr. Tobias Barretto.

O sentimentalismo, por João de Andrade Correia.

Roteiro da Viagem de Vasco da Gama, por A. Herculano e o Barão do Castello de Paiva.

Scenas Contemporaneas, por José Maria Latino Coelho.

A Maçonaria Desmascarada, por **.

A Sereia, por Vast-Ricouard.

A idéa de João Têterol, por Victor Cherbulier.

O Diabo no Campo, por George Sand.

O Pastor Peregrino, por Rodrigues Lobo.

O Livros dos Snobs, por Thackeray.

O Abysmo, por Dickens Collins.

A Côrte na Aldeia, por Rodrigues Lobo.

Memorias do Cavalheiro de Grammont, por Hamilton.

Poesias, por Antonio Pinheiro Caldas.

¹¹ O *Jornal de Recife* é um periódico Pernambucano que circulou entre os anos de 1859 a 1938, com algumas interrupções. Classificado como uma revista semanal, o jornal tinha como epígrafe “sciencias – lettras – artes”.

Miragens, por Eduardo de Carvalho.
 Historia de Pariz, tradução de Branca Carvalho.
 A caça do Leopardo, por Emygdio de Oliveira.
 As infernaes, por Mario de Artagão.
 História de um crime, drama, de Thomaz Espiuca.
 Formulario Magistral de Therapeutica, pelo Dr. Urias A. da Silveira.
 Discursos do Dr. Tobias Barretto.
 Monographias Brasileiras os Mamiferos do Brazil, pelo Dr. Emilio Augusto Goeldi.
 Processo e julgamento de José Cardoso Vieira de Castro, pela accusação do crime na pessoa de sua mulher, em Lisboa.
 A Saúde ao Alcance de Todos, único Methodo Racional de tratar as doenças, pelo Dr. T. R. Allinson.
 Martyrios do Coração, por Nuno Lossio.
 Os Jesuitas e as congregações religiosas, por M. Borges Grainha.
 Contos côr de Rosa, por A. O. Viveiros de Castro.
 A Europa e a Reacção, por **.
 Folhinha de Desfolhar para 1894. (*JORNAL DE RECIFE*, 27/12/1893, nº 294, p. 02, grifo nosso).

[...] Centenas de contos e romances aqui se depara, de romancista como José de Alencar, Machado de Assis, Bulgae Flaubert, Dumas, Maupassant, Paulo Heyse, Freytag, Gabriel d'Annuzio, *Thackeray*, Jorge Eliô, Cervantes, Tolstoi, Manzoni, Walter Scott, Dickens, Dostoievsky, Sienkiewicz, Eça de Queiroz, Medeiros e Albuquerque, etc. [...] (*JORNAL DE RECIFE*, 12/11/1913, nº 311, p. 03, grifo nosso).

Os anúncios aos assinantes não só dão notícia do movimento de livros na capital pernambucana, mas também permitem tirar algumas conclusões sobre o que se pode ler neles, ou por meio deles. No caso de W. M. Thackeray, notamos a presença do romancista nos jornais ao longo dos séculos XIX e XX, ou seja, passando de um século para o outro. Logo, isso sugere o interesse pela obra desse autor, além de indicar um comércio livreiro atualizado com as novidades que circulavam pela Europa. É possível ainda afirmar que os romances de Thackeray tiveram uma circulação ampla e constante em nosso país, caso contrário, ele não teria sido ofertado aos leitores do *Jornal de Recife* como forma de agradar o público adiantava o pagamento da assinatura do jornal. Ademais, como explicar sua permanência nos reclames e anúncios dos jornais de Pernambuco e Paraíba, ou nas estantes dos gabinetes de leitura do Rio de Janeiro ao longo de todo o século, se não for através do sucesso que o romancista fez no período? Outro importante ponto é que as obras do romancista inglês circularam ao lado de autores prósperos à época, o que nos leva a pensar o quanto Thackeray foi importante na formação da sociedade do século XIX e na composição do jornal enquanto disseminador de ideias.

A leitura atenta destes anúncios expostos anteriormente permite ver, em suas entrelinhas, vários aspectos da história do romance no Brasil, mais especificamente sobre a circulação do romance *O livro dos Snobs*. Por meio do ano de publicação destes anúncios é possível saber que apesar do nome do autor W. M. Thackeray ter aparecido primeiramente em Pernambuco, o seu romance *O livro dos Snobs* não circulou na capital pernambucana, este circulou primeiro na Paraíba. Esta relação, do ponto de vista teórico, parece improvável, tendo em vista que alguns pesquisadores enxergam a relação Paraíba – Pernambuco como uma cópia, na qual a Paraíba seria uma reprodução de Pernambuco. Enquanto o jornal *O Estado da Paraíba* anunciou o romance *O livro dos snobs* no ano de 1891, o *Jornal de Recife* só passou a anunciá-lo em 1893.

Outra pesquisadora que estuda a circulação de ficção brasileira e britânica nos periódicos literários brasileiros e franco-britânicos na primeira metade do século XIX é Maria Eulália Ramicelli. Autora do livro *Narrativas Itinerantes* (2009), a professora procura investigar os primeiros passos sobre a ficção britânica no Brasil, analisando os jornais e revistas que circularam na cidade do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX. Em seu livro, Ramicelli (2009, p. 12) afirma que o Rio de Janeiro no século XIX era tido como o “centro irradiador de cultura do país”. Entretanto, observamos com o levantamento feito por Schapochnik – e de acordo com o que pretendemos mostrar em nossa pesquisa – que o Rio de Janeiro, enquanto Corte, teve grande importância. Como se vê, nos jornais paraibanos não só circularam romances que passaram pelos jornais da Corte, como também, na província da Paraíba se fez publicar romances que não constam nos catálogos de periódicos do Rio de Janeiro, a exemplo de *O livro dos snobs*, obra do escritor inglês W. M. Thackeray mencionado anteriormente, logo, observamos que aos poucos as pesquisas que trabalham com as fontes primárias estão mostrando que o Rio de Janeiro foi um centro cultural homogêneo.

Pioneira nos estudos do romance-folhetim e da prosa de ficção oitocentista nos jornais do Pará, Germana Sales publicou vários capítulos de livros, dentre os quais se destacam: *Prefácios, advertências e prólogos: ao caro e benevolente leitor* (2012); *Ainda romance: trajetória e consolidação do gênero no Brasil oitocentista* (2012); *O Trânsito de romances franceses e portugueses na imprensa paraense* (2011) e *Romans-feuilletons: une pratique de lecture au XIX e siècle* (2008). Em seus estudos, Germana Sales buscou reunir os jornais diários presentes em Belém do Pará no intuito de compreender como esses textos foram produzidos, bem como comparar e analisar a circulação dos romances-folhetins nos jornais oitocentistas de Belém com os da cidade

do Rio de Janeiro. Estas leituras foram essenciais durante o desenvolvimento desta pesquisa, pois a partir delas percebermos que os ingleses, bem como os romances em folhetim inglês também ajudaram a compor as páginas dos jornais paraenses.

Por fim, Socorro de Fátima P. Barbosa desenvolve um projeto voltado para o estudo dos jornais e folhetins da Paraíba Oitocentista¹². Recorrendo sempre às fontes, a pesquisadora – no livro *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX* (2007) e *Jornalismo e literatura no século XIX paraibano: uma história* (2011) – analisa cartas, anúncios, romances-folhetins, entre outros gêneros narrativos inseridos nos jornais brasileiros do Dezenove, levantando hipóteses e comprovando-as com os escritos dos jornais. Com o intuito de restaurar as práticas discursivas da comunidade paraibana, Barbosa (2007) foi a primeira a desenvolver o trabalho de pesquisa nos jornais da Paraíba. Durante seus estudos, Barbosa identificou a presença de romances ingleses nos jornais, mas nenhum desses romances estava na seção folhetim. Apesar da descoberta, a pesquisadora afirma a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada para compreendermos o porquê dessa distinção entre esses romances que circularam na seção folhetim e em seções avulsas, bem como observar se este foi um fato isolado, ou seja, se apenas o romance inglês *O Livro dos Snobs* circulou em uma seção avulsa, ou se essa era uma prática recorrente com os romances em folhetim inglês.

Este trabalho busca dar continuidade aos questionamentos iniciados pela pesquisadora acerca dos romances ingleses que circularam nos periódicos paraibanos oitocentistas, bem como propor uma análise do romance *O Livro dos Snobs*, consagrado pelos ingleses e de grande repercussão no Brasil oitocentista, mais propriamente em meados do século XIX paraibano – período em que o romance inglês está mais presente nas folhas dos jornais. O trabalho é relevante, uma vez que pretende mostrar, por meio dos jornais, que não havia um centro irradiador de notícias, romances, entre outros gêneros, e que o romance inglês em folhetim, bem como os franceses e brasileiros, circularam nos periódicos da Paraíba Oitocentista.

É certo que os estudos de Freyre sobre os anúncios dos jornais, revelam a forte e marcante influência britânica sobre os aspectos culturais do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco do século XIX. Contudo, as pesquisas não podem se restringir apenas a essas três províncias. É preciso ampliar o leque, assim como o fizeram os pesquisadores

¹² O site < <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html> > abriga um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq que tem como objeto de pesquisa os jornais brasileiros, principalmente os paraibanos, cujo objetivo é reconstituir as práticas de leitura e de escrita de romances, cartas, dentre outros do século XVIII e XIX na Paraíba.

citados acima. De acordo com Barbosa (2011 p, 01), “a julgar pela pobreza material, pelo alto grau de analfabetismo da população, a Paraíba teve sim uma imprensa da qual deve-se reconhecer a importância para melhor fazer uso dela na reconstituição de parte de sua história cotidiana e cultural”, recorrendo ao suporte jornal sempre como fonte primária.

1.2 Os ingleses nos anúncios dos jornais paraibanos da segunda metade do século XIX

Durante os Oitocentos, especificamente a segunda metade do século, os jornais paraibanos estavam repletos de anúncios, artigos, reclames e alguns poucos romances ingleses, se comparados aos romances franceses. Oriundos normalmente da Inglaterra (*O PARAIBANO*, 1892), os produtos ingleses, incluindo os romances, chegavam à Paraíba através dos navios a vapor que vinham geralmente de Liverpool. Infelizmente, os anúncios que circularam na Paraíba não permitem identificar quando os primeiros livros ingleses chegaram à província, mas são precisos ao afirmar a entrada de produtos como cerveja, cigarro, papel em branco, dentre outros já citados anteriormente. Como exemplo, temos a nota que circulou no jornal:

Acha-se no porto de Cabedelo o vapor inglês “Merchant” vindo directamente de Liverpool, tocando em Pernambuco, trazendo para este porto 147 toneladas de diversas mercadorias e ferragens. Receberá ali gêneros do Paiz, assucar, algodão e sementes, e seguirá para Europa. (*O PARAIBANO*, 14/01/1892, nº 04, p. 04).

Vale ressaltar que esses gêneros oriundos da Europa poderiam ser livros (a exemplo de romances) ou jornais, como também qualquer outro produto de interesse para os brasileiros. Os anúncios de livros ingleses também circulavam nos jornais paraibanos, mas eram, normalmente, apresentados de forma generalizada, como podemos constatar no anúncio:

Livraria Econômica

de

Manoel Ezequiel Pompeu d’Oliveira

N. 56 – Rua Conde d’Eu – N. 56

Esta livraria acaba de receber um variado sortimento de diversos artigos, a saber:

LIVROS em portuguez, francez e inglez.

Litteratura, Viagens, *Romances*, Poezias.

Ricos manuaes da missa e confissão com capa de veludo, e dourado e outros livros devotos.

Tudo quanto diz respeito a EDUCAÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA.

PAPELARIA

PAPEL inglez e francez das melhores marcas [...] (*O LIBERAL PARAIBANO*¹³, 25/09/1879, nº 56, p. 03, grifo nosso).

Como salientamos anteriormente, os livros ingleses apareciam nos anúncios dos jornais paraibanos, de forma bastante abrangente, normalmente sem especificar título do livro ou autor. As gramáticas, por sua vez, eram constantemente anunciadas: “*Grammatica inglez por Gbson*1 v. 5\$000” (*A REGENERAÇÃO*, 07/02/1862, nº 72, p. 04). Nesse caso, além de apresentar o nome do autor, o anúncio dispõe do volume da gramática e do valor. Independente de classificar ou de informar maiores dados sobre os livros ofertados, “o critério de seleção não é o valor estético” (BARBOSA, 2007, p. 44), os anúncios buscavam fomentar uma concepção educacional e moral. Tratando-se de um público para quem o gosto e os valores ainda estavam em formação, os anúncios passaram a auxiliar o leitor na escolha de suas leituras. Servindo de intermediário, os anúncios estabeleciam critérios e até mesmo aconselhavam os leitores no plano moral.

Fossem nos anúncios ou nas mercadorias, os ingleses influenciaram a sociedade paraibana da mesma forma que Freyre constatou tal influência no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. A necessidade de se aproximar culturalmente do povo inglês era tão grande, que o jornal *O Publicador* (12/05/1864, nº 507, p. 03) fez veicular, na seção Variedade, um artigo intitulado *As origens da nobresa Inglesa*, que teve continuidade nos números 508, 517 e 521 do mesmo jornal. Neste artigo, o autor (desconhecido) apresenta alguns nomes da Grã-Bretanha, como o romancista Walter Scott que ganhou aceitação e respeitabilidade em seu país graças à herança da sua família, enfatizando, assim, o sangue real da Inglaterra e louvando aqueles que nascem com o sangue aristocrata inglês, pois estes são dignos de toda nobreza. Para o autor do artigo, os ingleses são verdadeiros lordes, devido a sua educação, modos e beleza impecável, além de carregarem na genealogia a marca de uma família ilustre. O título do artigo já chama

¹³ Órgão do partido liberal, o jornal *O Liberal Paraibano* circulava três vezes por semana – terça, quinta e sábado – do ano de 1879 a 1889. De acordo com a redação do jornal, o periódico era um “jornal do partido na província compõe-se dos Drs.: José Peregrino d’Araujo, José Ferreira de Novaes, Antonio Alfredo da G. e Mello, Francisco José Rabello; o roga á imprensa no paiz o obsequio da permuta não interrompida dos jornaes, avisando em tempo de qualquer omissão ou falta de nossa administração contra este intuito manifestado” (*O LIBERAL PARAIBANO*, 20/05/1879, Nº 6).

a atenção para este prestígio que os ingleses tinham na Europa. O texto irá tratar da nacionalidade inglesa e de sua relação direta com o favorecimento de uma origem nobre, conforme se constata a seguir:

Na nossa opinião, a nobresa, fundada em um systema social, deixa de existir logo que não está circumscripta em estreitos limites. Ou por outra, ella assemelha-se a esses círculos produzidos por uma pedra atirada dentro d'água, que desapareceram á medida que se vão estendendo.

É o que acontece quando a nobreza se transmite pelas mulheres. Para dar uma idéia da rápida extensão dessa nobreza feminina, basta citar o grande numero de famílias inglezas que teem nas veias algumas gotas do sangue real da Inglaterra (*O PUBLICADOR*, 12/05/1864, nº 507, p. 03, Cf. Anexo1).

Para o autor deste artigo, a genealogia da família real inglesa está pautada no sistema social, ou seja, não basta casar-se com um homem nascido na Inglaterra para ser digno da nobreza. Para pertencer a esse grupo social detentor do poder é preciso que o sangue real corra nas veias, isso é uma questão hereditária, que vem de geração em geração. As mulheres até podiam desempenhar algum papel na nobreza inglesa, mas os títulos de cortesia (duque, conde, marquês, etc.) descendiam da linhagem masculina, ao filho mais velho cabia a responsabilidade de dar continuidade àquela geração.

Nos jornais paraibanos também não faltaram os professores de língua inglesa. Em consonância com Freyre (2000, p. 267), “os jornais da primeira metade do século XIX trazem número ainda maior de professores de inglês para meninos e homens feitos; de aulas de inglês; de colégios ingleses para rapazes”. Em escolas ou em aulas particulares, os professores ingleses eram presença certa nos anúncios dos jornais paraibanos, principalmente da segunda metade do século, como mostra *O Governista Paraibano*¹⁴, por exemplo.

O Lycêo estabelecido n'esta Capital, e a cujo cargo está a instrucção secundaria da Provincia, consta de 5 cadeiras, sendo Latim, Francez e Inglez, Philosophia Racional e Moral, Rhetorica e Geographia, e Geometria, as quaes actualmente são frequentadas por 96 alumnos, á saber 58 de Latim, 21 de Francez, 5 de Inglez, 3 de Rhetorica, 8 de Geometria, e 1 de Philosophia. (*O GOVERNISTA PARAIBANO*, 10/05/1851, nº 51, p. 03).

¹⁴ Folha oficial, política e literária, *O Governista Paraibano* saía regularmente todos os sábados durante os anos de 1850 e 1851.

As notícias sobre os ingleses e sobre o mundo vinham de qualquer parte do país e circulavam em qualquer seção/página do jornal. Oriundas dos jornais de Paris, Inglaterra, bem como de estados vizinhos, como Pernambuco, Bahia, Ceará, Maranhão, e até mesmo Pará, Amazonas e Rio Grande estiveram presentes nos jornais da Paraíba. Observemos:

Vapor do Norte

Tocou em nosso porto, terça-feira 16 de corrente, procedente do Norte, o “Cruzeiro do Sul”.

A seu bordo levava o Sr. Senadores Vieira e Muniz, e o ex presidente do Maranhão Dr. Silveira de Souza, que vai tomar assento na assembléa geral, como deputado pela província de S. Catharina.

Dos jornaes que recebemos consta o seguinte:

Do Pará e Amazonas as notícias são destituídas de interesse.

No Maranhão o Sr. Leão Vellozo havia tomado conta da presidência no dia 24 do passado.

No Ceará a câmara municipal da capital havia procedido no dia 10 á apuração geral das actas dos differentes collegios para a composição da lista tríplice, que tem de ser apresentada á S. M. o Imperador para a escolha de um senador [...] (A *REGENERAÇÃO*, 20/04/1861, nº 01, p. 04).

De acordo com Barbosa (2011, p. 01),

[...] não havia um centro, uma base irradiadora de notícias e matérias a serem copiadas. Em princípio, podemos observar que no século XIX nem mesmo havia um centro do qual irradiaria um certo ‘saber’. As províncias mantinham intensas trocas que não tinham só a direção da Corte/Capital para o Norte e o resto do país. Era muito comum que as matérias fossem retiradas dos jornais, mesmo dos estrangeiros [...].

O intercâmbio de notícias era uma característica em evidência no periodismo oitocentista. Esse movimento intenso entre as províncias, apresentado nas notas dos jornais, mostra que os periódicos se apropriavam de tudo o que lhes fosse conveniente. O anúncio acima revela como as notícias circulavam intensamente, havia um deslocamento dos escritos por todo o país. Segundo Pereira (2005, p. 15), “por causa de sua localização estratégica, Recife foi vista pelos ingleses como um ponto economicamente interessante para seus negócios no Brasil. Daí o número considerável de firmas britânicas que vieram se estabelecer em Pernambuco, ou antes, no Nordeste”, o que vem corroborar nossa pesquisa.

Constatamos que alguns folhetins que circularam nos jornais paraibanos, também circularam nos jornais do Mato Grosso, como é o caso do romance *O abade*

Constantino, de Ludovic Halévy. Na Paraíba, o romance teve publicação no jornal *O Estado da Paraíba*, de 20/11/1892 a 21/01/1893. Apesar da mudança no título do romance, para *O Padre Constantino*, trata-se da mesma história. Observemos:

Folhetim

No rodapé desta folha encetamos hoje a publicação do bem acabado romance intitulado O PADRE CONSTANTINO, da lavra do primoroso escriptor francez Ludovic Halévy.

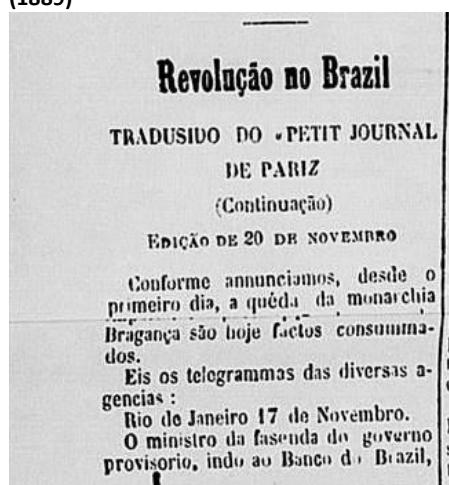
Romance de extraordinário effeito, cheio de peripécias tocantes e agradáveis. O PADRE CONSTANTINO, estamos certos, agradará bem [?] aos nossos leitores especialmente as nossas gentilíssimas leitoras (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 20/11/1892, n° 588, p. 01).

Já nos jornais de Mato Grosso, o romance circulou no jornal *O Debate*, de 08/07/1913, n° 519, p. 02 a 28/09/1913, n° 584, na coluna folhetim. Portanto, vê-se que os romances circulavam de jornal em jornal contribuindo para a difusão dos próprios jornais, bem como para a propagação da obra.

São inúmeros os periódicos que apresentam matérias (correspondência, sonetos, artigos) provenientes de jornais estrangeiros, como o periódico *Arauto Paraibano* (1888), por exemplo. Intitulado como “periódico literário, noticioso e revolucionário”, esse jornal da Paraíba apresenta uma epígrafe em inglês do escritor Shakespeare, “*Ignorance is the curse of God, Knowledge the wing wherewith we fly to heaven*”¹⁵. Atentemos para o fato de um jornal, na Paraíba, fazer uso de um famoso dramaturgo

inglês dando destaque para traços da cultura literária inglesa.

Figura 2- Notícias da *Gazeta da Paraíba* (1889)



Fonte – Hemeroteca Digital Brasileira, 2014

Outro exemplo é o jornal *Gazeta da Paraíba*, que traduzia do *Petit Journal* de Paris as notícias mais relevantes (Figura 02). O redator do jornal buscou levar a tradução de um jornal francês para a sociedade paraibana no intuito de servir de inspiração e estímulo para aqueles que queriam se aproximar dos costumes franceses. Através dessas traduções, o redator conseguia abordar temas mais polêmicos, principalmente os de maior apelo popular (FARIA, 2008).

¹⁵ A ignorância é a maldição de Deus, o conhecimento da asa com que voamos para o céu (tradução nossa).

A Paraíba oitocentista também contou com a circulação de um jornal todo escrito em língua inglesa, *The Paraíba Times*¹⁶ (1894). Na primeira página do jornal já era possível encontrar uma mensagem destinada ao público informando as matérias que seriam aceitas para publicação no periódico, “*No article concerning, any political affair or any one is private life is accepted, any other will be gladly received*”¹⁷ (*THE PARAIBA TIMES*, 22/04/1894, nº 04, p. 01). Apesar do jornal *The Paraíba Times* ter demonstrado interesse apenas por assuntos políticos, ele contou com prosa de ficção circulando no rodapé do jornal. Ao nos depararmos com este periódico é impossível não questionar por que um jornal escrito em inglês circulou na Paraíba em 1894. Vale ressaltar que a presença desse jornal na Paraíba reforça, conseqüentemente, a marcante e significativa presença dos Ingleses nessa província. De acordo com Araújo (1986), na Paraíba oitocentista também circulou o jornal inglês *The North Paraíba Herald* (1891) classificado como órgão dos ingleses da ferrovia (RIBEIRO, 2012), contudo não foi possível encontrar esse periódico digitalizado durante a nossa pesquisa. Vale ressaltar que em 1831 circulou na Austrália um jornal inglês intitulado *Morning Herald*.

O romance em folhetim, por sua vez, passa a ser parte integrante e carro-chefe do jornal. A sua divulgação fica a cargo do próprio periódico, que se utiliza dos reclames do jornal para anunciar e propagar os autores, os romances e as traduções. Muitas das obras que circularam no Brasil fizeram sucesso graças aos reclames que utilizavam de estratégias no intuito de seduzir e chamar a atenção do leitor. Segundo Barbosa (2007, p. 76), “os anúncios são sobretudo importantes para os historiadores da literatura que abstraem do ‘texto literário’ toda a materialidade, entre elas as que envolvem questões ‘menores e menos importantes’ como as de preço, pouco dignas de serem avaliadas”. O reclame, retoricamente, também era uma forma de aproximar o leitor do suporte jornal, permitindo ao redator dirigir-se diretamente ao público, num tom de conversa franca, tendo a cortesia como um artifício.

A linguagem coloquial típica dos reclames poderia ocupar alguns parágrafos ou estender-se por várias páginas, se a obra ou o autor fossem considerados dignos de maior atenção. No reclame nº 299, por exemplo, encontra-se o jornal *O Estado da Paraíba* anunciando a circulação do romance *Agonia*, do romancista francês Julio Mary (1851 – 1922). Nesse caso, o reclame ganhou apenas uma nota de divulgação do

¹⁶ Editado por Joaquim Garcia da Costa Júnior e tendo por secretário Symphrônio da Silveira; por tesoureiro Leonardo C. Forster, o *The Paraíba Times* circulou no ano de 1894.

¹⁷ “No artigo relativo, qualquer questão política ou qualquer notícia sobre a vida privada é aceito, nenhum outro será recebido.” (tradução nossa)

romance, não se estendendo pelo jornal. O romance *Agonia* circulou de 31/07/1891 a 31/01/1892 e, notemos que no dia 31/07/1891, no dia em que o romance começou a circular, o redator inseriu o reclame no jornal, ambos circulando paralelamente nessa edição do jornal. Essa mesma estratégia foi utilizada por vários outros redatores durante a divulgação da circulação de determinado romance do jornal. Observemos:

Tendo concluído ontem a publicação do romance – Therezina – que tanto julgamos ter agradado aos nossos leitores, começamos hoje a publicar um não menos interessante – AGONIAS –. O autor do romance – AGONIAS – que tanta sensação tem produzido aos apreciadores da literatura moderna, é o conhecidíssimo escriptor Julio Mary (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 31/07/1891, nº 299, grifo nosso).

Esse reclame, publicado avulsamente no jornal *O Estado da Paraíba*, inicia-se com o redator exaltando o sucesso do romance *Therezina*, do romancista Alberto Delpit¹⁸ (1849 – 1893), presente na seção Folhetim de 22/04/1891 a 30/07/1891. Na construção do reclame, o redator utiliza alguns artifícios com o intuito de manter o mesmo sucesso que o romance *Therezina* alcançou, só que agora com o romance do ‘conhecidíssimo’ Jules Mary¹⁹. Presença constante nos jornais paraibanos, Jules Mary circulou n’*O Estado da Paraíba* com os romances *Agonia*, *A Emboscada* (24/08/88 a 21/12/1888), *O regimento* (28/12/1889 a 21/05/1890), *O fim de Roussiote* (26/09/1895 a 13/11/1895); com alguns contos e participações em artigos assinados pelo romancista ou destinados a ele. Sendo assim, por ter seu nome sempre nas folhas dos jornais paraibanos, a sua apresentação muitas vezes se tornava dispensável.

O redator d’*O Estado da Paraíba* demonstra interesse em aumentar a quantidade de leitores, tendo em vista que o jornal passará a publicar o romance que tanta “sensação tem produzido aos apreciadores da literatura moderna” (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 31/07/1891, nº 299). Além do sucesso que o romancista fazia na França, ele

¹⁸ « Albert Delpit, né à La Nouvelle-Orléans le 30 janvier 1849 et mort à Paris le 5 janvier 1893, est un romancier et auteur dramatique français ». (Fonte : Bibliothèque nationale de France). Albert Delpit nasceu em Nova Orlando em 30 de Janeiro de 1849 e morreu em Paris, em 5 de Janeiro de 1893, ele é um romancista e autor da dramaturgia francesa (tradução nossa).

¹⁹ « MARY (Jules, romancier français, membre du Comité de la Société des gens de lettres, né, le 20 mars 1851, à Lauvois (Ardonnos), a fait ses études au Collège du Clurloville (Ardeniies). Il a publié: « Nouvelles », au théâtre, drame en 5 actes [...] » (GUBERNATIS, A. De. Dictionnaire international des écrivains du jour. Florence, 1891, p. 1452). MARY (Jules), romancista francês, membro do Comitê da *Société des gens de Lettres*, nasceu em 20 de março de 1851, em *Launois* (Ardenes) e estudou no *Collège de Charleville* (Ardenes). Publicou novelas, no teatro, drama em 5 atos [...] (tradução nossa).

foi classificado pelos franceses como o moderno Alexandre Dumas²⁰ (*Jornal Petit*²¹) devido a suas influências do naturalismo. Expressões do tipo “começamos hoje a publicar um não menos interessante” (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 31/07/1891, nº 299) ajudam a compor a imagem da obra, além de estimular o interesse do público leitor pelo romance, tendo em vista que o redator já o classifica como ‘interessante’. Entretanto, de acordo com Barbosa (2007, p. 77), reclames “muitas vezes se revelam falsos, quando não correspondiam à expectativa dos leitores”. Dessa forma, não podemos afirmar se de fato o romance de Jules Mary foi interessante para os leitores, ou se essa foi mais uma estratégia do redator para atrair o público. Era nos reclames que o redator utilizava de sua retórica para instruir o leitor a ler o romance, conduzindo sua leitura e induzindo-o com relação à conduta na vida, pois o romance tinha como dever instruir e moralizar o leitor. Os reclames funcionavam ainda como uma espécie de preparação para tais segmentos, por isso era tão importante ressaltar o valor e as virtudes da obra e do romancista (VASCONCELOS, 2007).

1.3 Um espaço de deleite: a circulação de romances na Paraíba do século XIX

Durante a pesquisa feita nos periódicos²² digitalizados e presentes no site da Hemeroteca Digital²³ do Rio de Janeiro, bem como no site *Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no século 19*, encontramos mais de 50 jornais publicados durante a segunda metade do Dezenove paraibano. Na Paraíba, assim como no Mato Grosso (NADAF, 2002), Pará (SALES, 2006), entre outras cidades brasileiras, “havia um padrão, um modelo de jornal” a ser seguido (BARBOSA, 2011, p. 01). Dessa forma, é

²⁰ « DUMAS (Alexandre), célèbre auteur dramatique et romancier français, fils du récédent, né à Villers-Cotterets le 24 juillet 1803, mort à Puys, près de Dieppe, le 5 décembre 1870 » (VAPEREAU, 1876, p. 672). DUMAS (Alexandre), famoso autor dramático e romancista francês, filho de Alexandre Dumas (pai), nasceu em 24 de julho de 1803, em Villers-Cotterets, e morreu em 5 de dezembro de 1870, em Puys, próximo a Dieppe (tradução nossa).

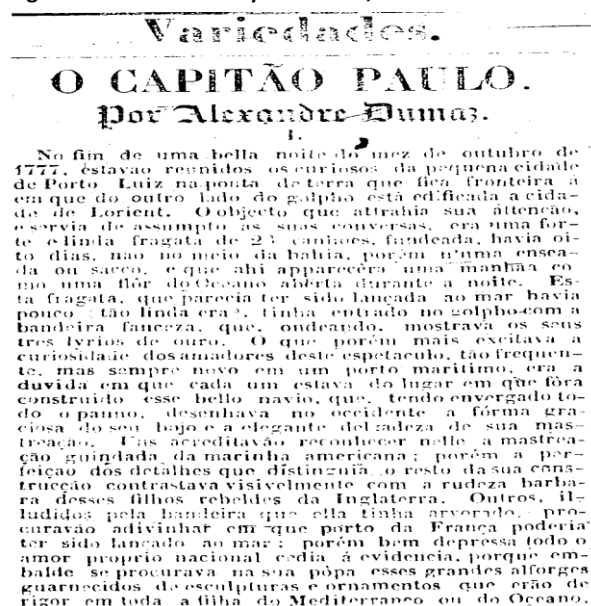
²¹ *Le Petit Journal* foi um jornal parisiense diário publicado de 1863 a 1944.

²² *O Tipógrafo* (1986), *O Mercantil* (1883), *Diário da Parayba* (1884-85), *Arauto Paraybano* (1888), *Gazeta da Parayba* (1888-89-90), *O Estado da Parayba* (1890-92), *A Ordem* (1894), *Gazeta do Comércio* (1895-96-97), *A Borboleta* (1860), *A regeneração* (1862), *O Heliotropio* (1856), *O Publicador* (1864), *A esperança* (1877-78), *A ideia* (1879-80), *A imprensa* (1897-98-99-1900), *Correio Noticioso* (1877), *Echo Escolástico* (1877), *Jornal da Parahyba* (1889), *O artista* (1895), *O Conservador* (1874), *O Despertador* (1874), *O Liberal Parahybano* (1883-84), *O Livro* (1890), *O mirante* (1892), *O popular* (1883), *O Porvir* (1883), *O Solícito* (1867), *O sorriso* (1887), *The Paraíba Times* (1894), *União Tipografica* (1894).

²³ <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acessado em: 19 maio 2014.

importante destacar que, apesar de os jornais oitocentistas se apresentarem como comerciais, republicanos ou conservadores, as narrativas ficcionais circulavam em qualquer folha do jornal independente de sua corrente partidária, não existindo, assim, empecilhos por parte dos órgãos políticos quanto à publicação de tal gênero nos periódicos. É o caso de *Regeneração* (1861) – “Jornal político, litterario, noticioso e commercial”, *Gazeta da Paraíba*²⁴ (1888) – “Folha Diária”, *Jornal da Paraíba* (1890) – “Órgão do partido conservador”, para citar alguns exemplos.

Figura 3 - Romance *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2014.

Em consonância com as pesquisas desenvolvidas até o momento nos jornais disponíveis, foi possível observar que, mesmo circulando desde 1826, os jornais paraibanos só deram espaço ao romance em 1856. Esse espaço foi então marcado com a publicação de *Capitão Paulo* de Alexandre Dumas, presente na seção Variedades (Figura 3), do jornal *Época*. De acordo com Barbosa (2011, p. 23), “coincidentemente, este romance-folhetim foi também o primeiro

publicado nos jornais brasileiros, de 31 de outubro a 27 de novembro de 1838, no rodapé do *Jornal do Comércio*, inaugurando o gênero no Brasil”. Logo, esta coincidência reafirma que não havia limites para a circulação dos romances. Com a publicação da ficção de Dumas nos jornais paraibanos, o romance passa a integrar os periódicos que aqui circulavam, com autores nacionais ou estrangeiros – “não faltam aos jornais paraibanos a presença significativa do romance em folhetim” (BARBOSA, 2011, p. 24).

É provável que a pouca oportunidade de instrução, juntamente com o alto preço dos livros tivesse impedido que uma boa parte da sociedade participasse da vida

²⁴ “GAZETA DA PARAÍBA, 1888 a 90, com o número inicial datado de 8 de maio, era também editado pela tipografia da Rua da Misericórdia. A data exata do último número é 8 de julho de 1890” (ARAÚJO, 1986, p. 40).

literária. Assim, o jornal e o folhetim tornaram-se indispensáveis para a formação do público leitor. Conforme Barbosa (2011, p. 06):

Hoje, sabemos que o fato de haver pouca publicação de livros na Paraíba – lugar comum que também precisa de uma investigação mais aprofundada –, ou a opção de publicar livros fora do Brasil, pode ser explicado menos pelo atraso da província, como julgam alguns historiadores paraibanos, do que pelas condições de produção e circulação do livro brasileiro naquele século, o que incluía o preço do papel, a falta de legislação sobre os direitos autorais, a péssima remuneração dos escritores.

O romance foi, por excelência, um gênero desregrado e sem modelos a ser seguido, sendo muitas vezes alvo de críticas (VASCONCELOS, 2007). Antes de dar continuidade, é preciso estabelecer uma diferença entre romance em folhetim e romance-folhetim. Dessa forma, estaremos evitando possíveis equívocos no decorrer deste trabalho. Segundo Serra (1997, p. 21),

O romance em folhetim tem preocupações estruturais e temáticas que diferem das do romance-folhetim, mais voltado para o grande público em busca de diversão, embora esta não seja negada no romance em folhetim. A diferença básica está nos *objetivos* literários; o romance em folhetim está sempre atento à sua organização interna, com vistas a uma unidade da estrutura narrativa necessária para seu valor estético, enquanto o romance-folhetim pode ir sendo construído no dia a dia até o total esgotamento da curiosidade do público, o que causa, frequentemente, falhas nessa unidade.

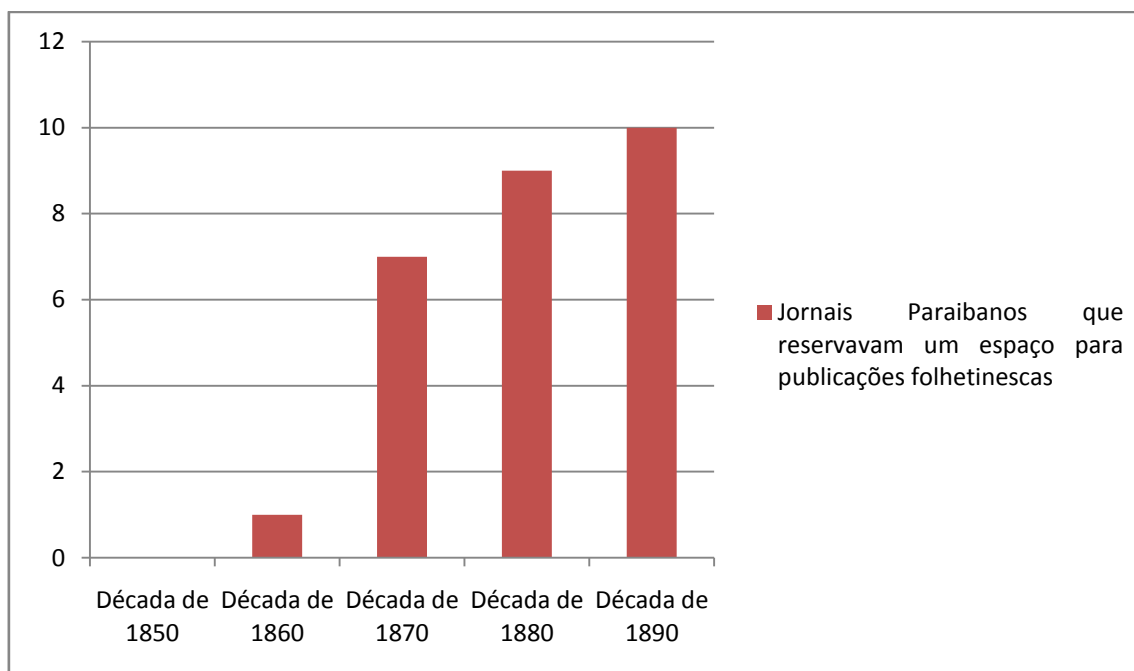
Sendo assim, nota-se que os romances em folhetim, como, por exemplo, *O Livro dos Snobs* – foi servido ao leitor dos jornais em fatias, preocupando-se com valores morais.

À medida que o romance em folhetim vai conquistando espaço nos jornais brasileiros, os jornais paraibanos vão acompanhando essa invasão do gênero. A cada década o número de jornais que aderem ao romance em folhetim é expressivo. Durante a pesquisa nos jornais disponíveis digitalizados que circularam na Paraíba (1850 – 1894), foi possível observar um aumento nos jornais que aderiram a coluna Folhetim. Enquanto que no ano de 1850 os periódicos não apresentavam a seção Folhetim, ou seja, o romance circulava avulsamente pelo jornal, nos anos de 1860 já foi possível encontrar, mesmo que timidamente, jornais com romances circulando na coluna. No século XIX, a coluna Folhetim era concebida como “espaço vale-tudo” (MEYER, 2005, p. 57). Nela, os redatores publicavam a respeito de qualquer assunto, desde romances

até artigos de cunho político: era uma coluna destinada às discussões. Contudo, a partir de 1850, a coluna Folhetim dos jornais paraibanos passou a publicar, quase que excepcionalmente, apenas romances nesta seção, o que garantia um espaço voltado para o gênero.

Na tabela abaixo fica evidente a discrepância entre os anos de 1850 e 1880 do crescimento de romances que passaram a circular na coluna Folhetim, o que confirma o sucesso da seção Folhetim nos jornais da Paraíba oitocentista. Apesar da tabela marcar as décadas de 1880 e 1890 com praticamente a mesma quantidade de jornais que utilizaram a seção Folhetim para a circulação de romances, a década de 90 foi, sem dúvida, o período em que os romances mais circularam na coluna.

Gráfico 1 - A crescente circulação de romances na seção Folhetim dos jornais paraibanos



Fonte: Pesquisa direta (2015).

A demanda por romances na seção Folhetim no final do século XIX era tão grande, que os jornais chegavam a publicar, no mesmo número do periódico, a seção Folhetim com dois romances distintos circulando ao mesmo tempo, para com isso agradar e aumentar o número de leitores e, consequentemente, a vendagem do jornal. É o que se pode observar no periódico *Gazeta da Paraíba* com os romances “Aos domingos”, do escritor Orsini²⁵, que circulou de 20/05/1888 a 27/10/1889, e “O collar

²⁵ Não foi possível encontrar referências sobre o escritor.

de aço”, de F. du Boisgobery, que circulou de 13/05/1888 a 18/08/1888, coincidindo de circularem juntos no dia 20/05/1888, nº 11, ambos na coluna Folhetim.

Figura 4 - Capa do jornal *O Estado da Paraíba*, romance *O Relógio*



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2014.

De modo geral, o romance em folhetim nos periódicos paraibanos era publicado no rodapé da página do jornal – mas nada o impedia de circular em qualquer outra seção, como podemos observar na figura ao lado. Na ilustração 4, temos a circulação do romance “O Relógio” de Juan Durguenieff²⁶, que circulou na primeira página do jornal, sem seção específica, de 21/03/1891 a 14/04/1891 – sem modelos ou regras a serem seguidos, mas com duas características que tornariam este gênero um marco para a literatura. Primeiro temos o lucro que o gênero romance

garantia aos jornais. Graças ao recurso “continua amanhã”, “continua” ou “continuar-se-há”, o redator conseguia atrair a atenção do leitor, garantindo que o público voltasse a comprar o jornal para dar continuidade àquela história. A segunda estratégia do romance em folhetim constituía-se em relatar as experiências humanas. Desta forma, ao ler o romance, o leitor se identificava com aquela narrativa e a tomava como modelo a ser seguido.

O romance em folhetim além de ampliar o público leitor do jornal, tinha como função instruir; o novo gênero ainda era responsável por garantir lucros para o jornal. Temos como exemplo o reclame que circulou no jornal *O Estado da Paraíba* (15/07/1891, nº 285, grifo nosso): “Si da leitura d’este incomparável livro poderem os nossos leitores colher algum *ensinamento*, estaremos recompensados”, ou seja, instruir era o papel daquela leitura, se o romance conseguisse atingir tal mérito, o restante era dispensável. Na frase de efeito moral “poderem os nossos leitores colher algum ensinamento” (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 15/07/1891, nº 285), o redator está utilizando de artifícios retóricos que têm por função chamar a atenção do leitor para aquela obra, acentuando que ela lhe trará frutos (ensinamentos). De acordo com Barbosa (2007, p. 44), “observamos que o critério de seleção não é o valor estético, mas concepções

²⁶Não foi possível encontrar referências sobre o escritor.

morais, o que revela formas de avaliar o gênero naquela época”. A partir do momento em que o redator atestava que aquela obra era de cunho moral e de acordo com os bons costumes, ele a estava protegendo das possíveis críticas, tendo em vista que, no século XIX, a função do romance era instruir e deleitar (MEYER, 2005), além de conferir a certeza de uma leitura adequada, conforme os padrões morais e sociais do tempo, a cada classe de leitores – às mulheres, aos jovens e às famílias.

O redator, conforme vimos no exemplo acima, era o responsável por fomentar a ideia do romance como veículo de instrução e de influir, por meio dos reclames, na formação dos leitores. Contudo, esse diálogo não era estabelecido apenas nos prefácios ou capítulos introdutórios, a interação entre o jornal e seu público leitor vem desde os reclames nos jornais. Em alguns anúncios, por exemplo, o escritor deixa claro que determinado romance é para o público feminino, pois este busca ocupar o seu tempo com uma leitura amena e agradável. Vejamos o anúncio do jornal *O Estado da Paraíba* (21/04/1891, nº 217, grifo nosso e do autor):

Folhetim: No intuito de proporcionarmos aos nossos assinantes leitura sempre amena, desopilante e variada, e tendo concluído o romance Alma de Pedro, começamos hoje a transcrever do jornal do Recife o importante romance THERESINA, o qual já foi publicado no Jornal do Comércio, do Rio.

Fruto da imaginação pujante e luminosa, do exímio romancista ALBERTO DELPIT, que tão brilhante nomeada obtido na França e em todo mundo [ilegível], é de esperar que os nossos leitores aplaudam a escolha que fizemos.

Nesse anúncio, além da calorosa recepção crítica da imprensa, constatamos que a prática de leitura de romances estava 100% associada a uma atividade relaxante e aprazível, sem maiores esforços ou reflexões por parte do leitor. A produção da obra “Theresina”, além de ter sido nomeada como brilhante na França, também foi sucesso nos jornais de Recife. Logo, os leitores da Paraíba, aos olhos da crítica, estavam muito bem amparados com tal leitura. Não podemos esquecer que o autor Alberto Delpit (1849 – 1893) é classificado pelo redator do jornal como “exímio romancista”, estando ele em uma condição especial, nobre, pois devido a sua “imaginação pujante”, o escritor conseguiu transformar a realidade em arte.

A circulação dos romances em folhetins nos jornais da Paraíba se deu, basicamente, com a publicação de traduções ou narrativas extraídas dos periódicos que circulavam nas regiões vizinhas. Os jornais analisados indicam um número bastante

reduzido de escritores locais. Podemos destacar João Pereira de Castro Pinto (1863 – 1944), que publicou sobre a seca na seção folhetim do jornal *Gazeta da Paraíba* (1889). Alguns romancistas brasileiros também circularam nos jornais paraibanos. Dentre eles, temos João Capistrano Bandeira de Melo (1811 – 1881) com *Um episódio* (1877)²⁷; Rivadavio – *Aqui e Ali* (1888)²⁸; Lourenço da Fonseca – *O Caminho do Sertão* (1895)²⁹; Luiz Guimarães Júnior (1845 – 1898) – *Serenata no Rio* (1891)³⁰; Bernardo Guimarães (1825 – 1884) – *A Escrava Isaura* (1883)³¹; Raul Pompeia (1863 – 1895) – *O Ramo da Esperança* (1892)³²; Coelho Neto (1864 - 1934) – *Innocencia, O aroma das Camélias, As três gotas, etc* (1892)³³; e a escritora Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934) – *O frasco de Lilaz* (1891)³⁴.

Além de romances escritos por autores paraibanos, os jornais da Paraíba em circulação na segunda metade dos Oitocentos, também publicavam, em forma de folhetim, romances estrangeiros traduzidos. Podemos dizer que a seção Folhetim desses jornais era composta, em sua quase totalidade, por essas traduções. Um dos tradutores mais presentes durante o nosso levantamento foi Antonio da Cruz Cordeiro Júnior (1859 – 1894). Segundo Barbosa (2009, p. 51), Cordeiro Júnior “trabalhou como redator e tradutor de folhetins no jornal *Gazeta da Paraíba*, em 1888, junto a Eugênio Toscano, Antônio Bernardino, Artur Aquiles, Afonso Almeida e Eduardo Marques. Foi o primeiro a traduzir no Brasil o folhetim *O Colar de Aço*, de F. du Boisgobey. Outro tradutor relevante nos jornais paraibanos foi José Alves Visconti Coaraci³⁵ (1837 – 1892), cuja assinatura no jornal era Visconti Coaracy. Foi o responsável pela tradução do romance *Urania*, que circulou no jornal *O Estado da Paraíba* (22/10/1890, nº 80), observemos: “Folhetim: Começamos hoje a publicação do importante e instrutivo romance “Urania” de Camilo Flammarion, tradução de Visconti Coaracy, e brevemente prosseguiremos na do ‘Desaparecidos’ que encetamos”.

No decorrer da pesquisa em nosso *corpus*, observamos que as publicações dos romances que circulavam na seção folhetim ou em seções avulsas eram traduções de

²⁷ *Correio Noticiosos*;

²⁸ *Gazeta da Paraíba*;

²⁹ *Gazeta do Comercio*;

³⁰ *O Estado da Paraíba*;

³¹ *O liberal paraibano*;

³² *O Estado da Paraíba*;

³³ *O Estado da Paraíba*;

³⁴ *O Estado da Paraíba*;

³⁵ “Romancista, contista, teatrólogo, jornalista, membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro e da Sociedade propagadora de belas artes, casado com Corina Coaraci, oficial aposentado da Secretaria de guerra, tradutor e redator” (BLAKE, 1883, 7v.).”

romances oriundos da França e da Inglaterra. Logo, verifica-se que na Paraíba os romances circularam da mesma forma que na Corte, mostrando-se essa província bastante sintonizada com os lançamentos dos romances que circulavam pelo Brasil oitocentista, fazendo jus ao que afirma Barbosa (2011, p. 07), “[...] em relação às publicações literárias, a imprensa paraibana apresenta as mesmas características da imprensa carioca, tanto no que se refere à linguagem ferina quanto à periodicidade”.

Os romancistas estrangeiros encontrados são os mais diferentes possíveis, desde os franceses aos ingleses. Vejamos a tabela:

Tabela 3 - Romancistas Franceses e Ingleses em circulação nos jornais da Paraíba Oitocentista

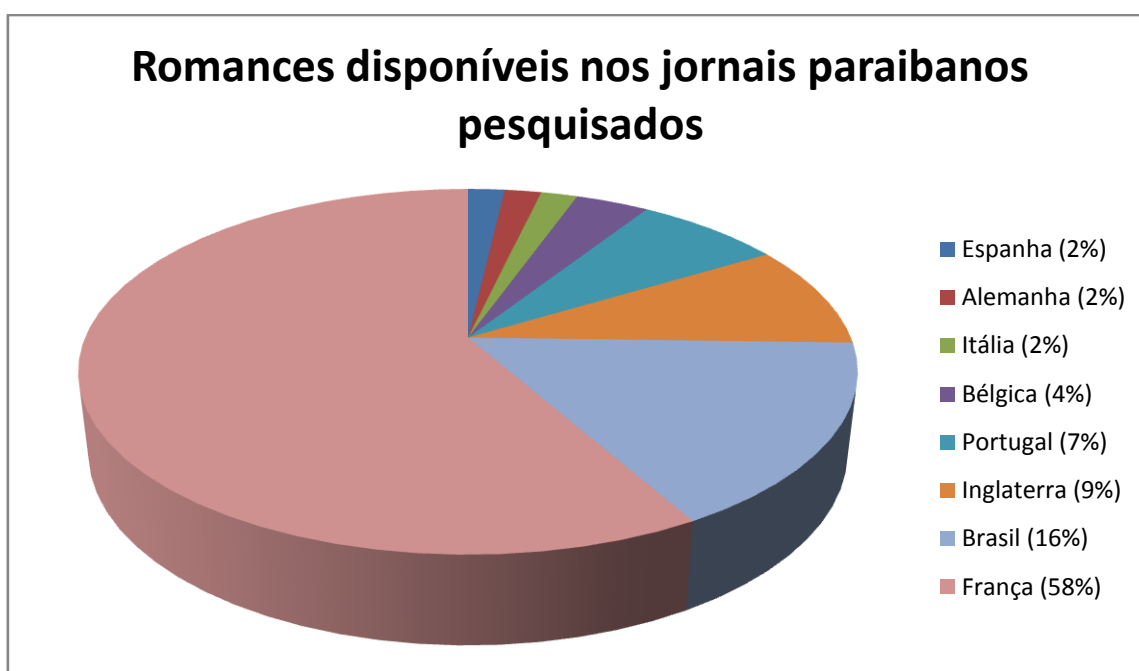
ROMANCISTAS FRANCESES	JORNAL PARAIBANO	ROMANCE TRADUZIDO
Albert Delpit (1849 – 1893)	O Estado da Paraíba	Theresina
Alexandre Dumas (1802 – 1870)	A época	O capitão Paulo
Alexis Bouvier (1836 – 1892)	Gazeta do Comércio	Anjos e Monstros
Allan Kardec (1804 – 1869)	O despertador	Sem título
Amédée Achard (1814 – 1875)	Diário da Paraíba	A vergonha que mata
Aureliens Scholl (1833 – 1902)	O Estado da Paraíba	Uma noite de amor
Camillo Flammarion (1842 – 1925)	O Estado da Paraíba	Urânia
Catulle Mendes (1841 – 1909)	O Estado da Paraíba	O enxoval
Emílio Zola (1840-1902)	A Ordem; Estado da Paraíba	O jejum; As flores em paris; A mantilha azul do amor; A inundação
Eugene Vachette (1827 – 1902)	O mercantil	Guardião fora, frades agora...
F. du Boisgobey (1821 – 1891)	Gazeta da Paraíba	O colar de aço
George Sand (Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant) (1804 – 1876)	A ideia	Sem título
Georges Ohnet (1848 – 1918)	O Estado da Paraíba	A alma de Pedro
Gontran Borys (Louis Eugène Henri Berthoud) (1828 – 1872)	O despertador	Os vadios de Paris
Guy de Maupassant (1850 – 1893)	O tipógrafo	Bertha
Hugues Le Roux (Robert Charles Henri Le Roux) (1860 – 1925)	O Estado da Paraíba	De volta; A partida do regimento
Jean Reibrach (1853 – 1927)	O Estado da Paraíba	A barba
Jules Mary (1851 – 1922)	Gazeta da Paraíba; Gazeta do Comércio; O Estado da Paraíba	A emboscada; O regimento; Agonias; O fim de Roussiotte
Jules Renard (1864 – 1910)	O Estado da Paraíba	História de um bolo

		azedo
Lamartine (1790 – 1869)	O Estado da Paraíba	Primeira saudade
Ludovico Halevy (1834 – 1908)	O Estado da Paraíba	Padre Constantino
M. Octave Feuillet (1821 – 1890)	Eco Escolástico	Os amores de Philippe
Paul Bourget (1852 – 1935)	Gazeta do Comércio	Um coração de mulher
Paul Féval (1816 – 1887)	Gazeta do Comércio	As facas de ouro
Paul Marguerite (1860 – 1918)	O Estado da Paraíba	Rhamses
Phillippe Chaperon (1823 – 1907)	O Estado da Paraíba	A mãe dos pobres
Pierre Zaccone (1817 – 1895)	O Estado da Paraíba	Dramas do tribunal de justiça
Rene de Pont-Jest (1829 – 1904)	Gazeta da Paraíba	A duquesa Claudia
Rene Maizeroy (1856 – 1918)	Gazeta da Paraíba	Turluton
Victorien Sardou (1831 – 1908)	Gazeta da Paraíba	Marmore
ROMANCISTAS INGLESES	JORNAL PARAIBANO	ROMANCE TRADUZIDO
F. Anstey (1856 – 1934)	The Paraíba Times	A lesson to fathers
Mayne-Reid (1818 – 1883)	Diário da Manhã	Aventuras de terra e mar
W. M. Thackeray (1811 – 1863)	O Estado da Paraíba	O livro dos snobs

Fonte: Pesquisa direta, 2015.

Nos periódicos paraibanos circularam também romances de autores portugueses – Júlio de Magalhães, Eça de Queiroz (1845 – 1900), Camilo Castelo Branco (1825 – 1890), Latino Coelho (1825 – 1891); italiano – S. Affonso Maria Ligorio (1696 – 1787) –; alemão – E. T. A. Hoffmann (1776 – 1822); belgíco – Camille Lamonnier (1844 – 1913) e Eugène Goblet d’Alviella (1846 – 1925) e, por fim, o espanhol – Emilio Castelar (1832 – 1899).

Gráfico 2 - Nacionalidade dos romances que circularam nos jornais paraibanos no século XIX



Fonte: Pesquisa direta, 2015.

Conforme se observa na Tabela 3, há um número expressivo de romances franceses circulando nos jornais da Paraíba. Enquanto que 58% dos romances que circularam nos jornais paraibanos eram da França, apenas 9% eram ingleses. Estes dados ilustrados na tabela, ao serem comparados com os demais estudos realizados por pesquisadores do Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Mato Grosso, entre outros, confirmam a hipótese de Barbosa (2007) de que o perfil do romance que circulou na Paraíba é o mesmo destas regiões supracitadas.

Segundo Moretti (2003, p. 163), “enquanto, no século do surto do romance, a França mais do que dobra suas importações, aumentando-as de 10 para mais de 25 por cento, a Grã-Bretanha as reduz regularmente a cada geração sucessiva”. Sendo assim, identificamos esse mesmo quadro na Paraíba ao nos depararmos com tantas traduções de folhetins franceses. Nota-se que os romances franceses presentes nos jornais paraibanos abordavam todo e qualquer tema, tais como adultério, política, cópia precisa da vida, naturalismo, romances de ideias, entre outros temas. Já os romances ingleses eram mais sentimentais, voltados para uma “imaginação melodramática” (MORETTI, 2003, 187). Desse modo, fica mais fácil entender porque a França foi uma produtora incansável de romances, pois eles escreviam sobre tudo.

Apesar da significativa presença de romances franceses nos jornais paraibanos, como nos mostrou o gráfico, é possível notar que os clássicos apresentados pela crítica, a exemplo de Walter Scott e Charles Dickens (SHAPOCHNIK, 1999), não constam nas páginas dos jornais paraibanos digitalizados e pesquisados até o momento. Segundo Moretti (2003), não temos como saber o que as pessoas realmente liam, uma vez que o periódico não era o único meio de acesso a leitura de romances, mas podemos afirmar que os leitores tinham outras possibilidades de acesso aos romances. Barbosa (2007, p. 74) corrobora essa ideia ao propor que “o suporte jornal favoreceu outras formas de ler e de fazer circular os textos, o que incluía a leitura em voz alta, o ler para o outro, bem como o empréstimo dos jornais” e até mesmo na venda de livros.

O comércio livreiro havia incorporado ao corpo do periódico a venda de livros usados, que era uma prática de divulgação em voga nos jornais do século XIX. Como podemos observar no anúncio acima, a venda dos livros vai desde o exemplar de dicionários até romances como “Mil e uma noite”.

1.3.1 O romance inglês em folhetim: uma falsa designação

O primeiro escrito supostamente inglês a identificarmos em nossa pesquisa foi *A semana em berço*. Contendo duas assinaturas, em seu primeiro número o poema circulou com um nome ilegível, e em seus dois últimos números o poema consta com a assinatura do poeta Alfred Tennyson³⁶ (1809 – 1892), 1º Barão de Tennyson. Localizado na primeira página do jornal *Gazeta da Paraíba*, na coluna Folhetim, o poema parece ter ganhado destaque aos olhos dos redatores, circulando de 02/07/1889 a 13/08/1889. A utilização dessa “falsa designação” (CHARTIER, 2002) do autor que ora utiliza um nome anônimo, ora um nome consagrado da época nos faz pensar que houve uma tentativa de se produzir prosa de ficção brasileira através dos modelos ingleses. Observemos:

³⁶ Alfred Tennyson, 1º Barão de Tennyson (Somerset, 6 de agosto de 1809 — 6 de outubro de 1892), foi um poeta inglês. Estudou no Trinity College, em Cambridge. Viveu longos anos com sua esposa na ilha de Wight por seu amor à vida sossegada do campo. Muita da sua poesia baseou-se em temas clássicos mitológicos, embora *In Memoriam* tenha sido escrito em honra de Arthur Hallam, um poeta amigo e colega de Trinity College, Cambridge, que esteve noivo da sua irmã, mas que morreu devido a uma hemorragia cerebral antes de casar. Uma das obras mais famosas de Tennyson é *Idylls of the King* (1885), um conjunto de poemas narrativos baseados nas aventuras do Rei Artur e dos seus Cavaleiros da Távola Redonda, inspirados nas lendas antigas de Thomas Malory. A obra foi dedicada ao Príncipe Alberto, o consorte da Rainha Vitória. Disponível em < http://www.bbc.co.uk/lincolnshire/asop/people/alfred_tennyson.shtml>. Acesso em: 26/05/2015.

[...] Apesar de me terem desterrado
No pavimento térreo da ‘Gazeta’
Me sinto deslocado;
Não duvide o leitor, pois não é pêta.
Demais os folhetins d’esta secção
Por Orsini e E. T. abrilhantados
Co’a sua ilustração,
Vão ás terças ficar bem desmaiados.
Si olho lá p’ra cima vejo gente
De grande animação,
E me sinto medroso – enormemente –
Co’a minha exibição [...] (GAZETA DA PARAÍBA, 02/07/1889, nº 332, p. 01).

Constatemos que no primeiro número do poema *A semana em berço* o espaço Folhetim é utilizado para justificar a sua escrita e as suas escolhas. Esta representação do jornal denota como era difícil para os romancistas publicarem e fazerem circular seus escritos nos periódicos, o fato de ter sido “desterrado no pavimento térreo da Gazeta” já mostra a posição que esse poeta se encontrava perante os demais colegas escritores. Podemos verificar também que outra dificuldade enfrentada pelos escritores no século XIX era a de escrever para um público acostumado a ler Orsini e E. T. Os escritores brasileiros dessa época subordinavam-se ao gosto e aos padrões morais do seu público, levando-o em muitos casos aos excessos da moda literária da época e as exigências e pressões dos seus variados editores.

Ao se comparar com escritores como Orsini e E. T., o autor da poesia se coloca em posição inferior aos colegas, muitas vezes demonstrando não ser digno de leitura. Ao lermos a poesia notamos que esse texto não pertence ao poeta inglês e que o escritor da poesia utilizou-se do pseudônimo de um autor renomado da época para fazer parte da coluna do jornal.

Essa falsa designação de autoria (CHARTIER, 2002) permite que o autor emule (imitar) os escritos de Tennyson. Segundo Lopes Gama (1851, p. 632), “[...] na imitação o objeto que imita tem sido feito para reproduzir o objeto imitado. A percepção deste desígnio no artista é que nos induz a chamar à sua obra uma imitação”. O público leitor sabia dessa emulação, mas nem por isso desmereceram o poema.

Neste caso, o artifício do autor em assinar a poesia com o nome do poeta inglês mostra que ele até conhecia a escrita de Tennyson, mas não tinha conhecimento da cultura inglesa, pois tais justificativas ou argumentos não são compatíveis com os escritores ingleses, por exemplo, não é comum a cultura inglesa pedir desculpa por não

estar a altura de tal escritor, essa artimanha é típica dos escritores brasileiros. Por outro lado, parece que o autor brinca com o leitor ao assinar uma das poesias com um nome, e os demais números com outro nome. Contudo, o suposto autor inglês sabia dos prestígios que a sua poesia iria ganhar ao ser assinado por um poeta inglês. Acreditamos que essa “falsa designação” (CHARTIER, 2002) foi utilizada no intuito de esconder um escritor que queria demonstrar seu pensamento político, mas não queria se expor.

Um dos contrastes mais marcantes desta poesia assinada pelo falso Tennyson aparece no número seguinte do jornal, quando ele abordará motes típicos da província da Paraíba, principalmente fazendo menção a cidades como Santa Rita e Pilar. Observemos:

Aqui, lá no Pilar, em Santa Rita,
Muita gente supõe ou acredita
Que alguém morreo de fome!
Si verdade ou mentira esses boatos
Deos queira não traduzam-se por factos,
Pois morre quem não come! (GAZETA DA PARAÍBA, 30/07/1889, nº 356, p. 01).

As táticas utilizadas pelo autor do texto foram muito bem aplicadas, chegando a confundir o leitor. O público sabia que o poema não era do poeta inglês, mas podiam apreciar a arte, “[...] ora essa habilidade, essa inteligência excitam a nossa simpatia; agradam-nos, quando as vemos desenvolver-se, vencer os obstáculos e produzir efeitos onde respira o seu poder. É este o prazer da arte” (LOPES GAMA, 1851, p. 633). A utilização do nome do poeta inglês, bem como a estrutura narrativa em forma de poema, com versos rimados na coluna Folhetim encaixam-se em todos os traços definidos por William Robson³⁷ a respeito do poeta Tennyson. Contudo, a temática abordada no texto é muito regional, com características típicas de um escritor da terra, e não de um poeta inglês. Tal “imitação”, de acordo com Lopes Gama (1851), não deve ser vista com um olhar pejorativo, pois no século XIX imitar as obras ou os escritores famosos era uma forma de aprimorar a técnica. Ademais, em todos os dicionários de escritores que fazem referência ao poeta Alfred Tennyson, não constam a poesia *A semana em berço*, o que reforça ainda mais a hipótese de que essa poesia foi escrita por um poeta regional que utilizou o nome do autor para circular na seção Folhetim do jornal paraibano, o que

³⁷Professor de Literatura Inglesa da University of Edinburgh, 1972–90. Autor de *Critical Essays: Modern English Literature*.

significa que havia um interesse dos romancistas paraibanos em se aproximar dos escritores ingleses que estavam em voga na época. De acordo com Barbosa (2007, p. 51):

[...] nesse rol de pequenas narrativas achamos um certo número de textos que ‘parecem’ se tratar de ‘imitações’ de obras estrangeiras, seja pelos títulos, seja pela falta de algum autor que a identifique, mas que sugerem, por alguns elementos, tratar-se de estratégias para cativar o leitor.

Enquanto a circulação e divulgação da venda de livros nacionais ou estrangeiros aconteciam de forma mais vagarosa, a presença de romances em folhetins, principalmente franceses, cresce bastante no final do século XIX. O romance-folhetim francês, acompanhado dos reclames, conquista ano a ano seu espaço nos periódicos paraibanos, abordando os mais variados temas, tornando-se alvos de debates nas páginas do jornal e gerando grande repercussão. Apesar de não ser o foco desse trabalho, o romance-folhetim francês, como constataremos a seguir, foi de grande valia para compreendermos um pouco o novo gênero oitocentista, bem como nos fez refletir sobre o lugar que o romance francês e romance inglês ocuparam nas páginas dos jornais paraibanos.

Ainda no jornal *O Estado da Paraíba* encontramos o segundo suposto romance inglês em folhetim a circular nos jornais paraibanos do século XIX. Vejamos:

Figura 5 - Capa do jornal *Estado da Paraíba*, romance *Por telefone: phantasia americana*



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional, 2014.

A prosa de ficção *Por telefone fantasia Americana*, de Mark Chrain, circulou de 12/01/1892 a 28/01/1892 em uma coluna avulsa na primeira página do jornal. Infelizmente não conseguimos encontrar nos dicionários de escritores da época, tampouco nos livros atuais qualquer referência ao autor do romance, nem ao próprio romance logo, presumimos que deve se tratar de uma falsa autoria. Sendo assim, não temos como afirmar ao certo se essa prosa de ficção é inglesa ou não.

2. A CIRCULAÇÃO DOS ROMANCES INGLESES NA PARAÍBA OITOCENTISTA (1850 – 1894)

Quando um texto passa de um nível de circulação a outro, mais popular, ele sofre um certo número de transformações, das quais uma das mais claras é a fragmentação operada ao pôr-se em livro, seja no nível do capítulo, seja no nível do parágrafo, destinada a facilitar uma leitura nada virtuosística (CHARTIER, 2011, p. 236).

2.1 O romance inglês em folhetim: contextualização

Ainda no século XVIII, com a revolução industrial, a Europa se sobressai pelo conjunto de mudanças que aconteceram, a destacar pela substituição do trabalho artesanal pelo assalariado, juntamente com o uso de máquinas (THOMPSON, 1987). Presente no cenário europeu desde o início do século XVIII, o jornalismo ganha impulso em meados deste século quando periódicos como *Spectator*³⁸ (1711) passam a publicar cartas mais de formação do que de informação. Segundo Pallares-Burke (1995, p. 179):

A variedade de assuntos e interesses a que o *Spectator* dava guarida, permitia que o leitor se visse nele refletido com seus variados problemas, é bem provável que se reconhecesse como um em potencial. Na verdade, pois, as cartas dos leitores, autênticas ou forjadas eram verossímeis, promoviam a cumplicidade do público e garantiam seu envolvimento, um envolvimento que muito ultrapassou o espaço e o tempo em que originalmente foi criado.

Essas cartas funcionavam como uma ponte entre o jornal e o leitor. Através dessas missivas os redatores do jornal inglês propagavam suas ideias e corrigiam o modo de pensar e os vícios inapropriados que o público transparecia nas cartas. Escritas pelo público leitor ou pelo próprio redator do jornal, “autênticas ou forjadas”, essas cartas eram representações de uma sociedade que buscava conselhos sobre o modo de agir e de pensar. Esses escritos poderiam ocupar uma folha do jornal ou um número inteiro; a depender do assunto a carta se prolongava por dois, três números, como é o

³⁸ Segundo periódico inglês a circular em Londres, o *The Spectator* teve sua primeira edição em março de 1711, sendo publicado durante quase dois anos. Seus editores, Joseph Addison e Richard Steele, ao inaugurarem o *The Spectator*, não imaginavam que o jornal ganharia tanta repercussão, sendo traduzido por vários jornais da época e até mesmo por jornais posteriores ao século XVIII (PALLARES-BURKE, 1995).

caso, por exemplo, do número 307 do *Spectator*, que se estendeu por outros três números (313, 337, 353).

A publicação de cartas do *Spectator* fomentou no final do século XVIII na discussão e comparação com um novo gênero, o romance. Diferente da carta, tido como um gênero regrado no século XVIII e XIX, o romance apresenta como uma das principais características para identificação a fidelidade à experiência humana.

Conforme Barbosa (2007), muitas cartas publicadas no século XIX poderiam parecer inverossímeis, pelo seu tom jocoso, mas ao serem estudadas dentro do suporte em que circulavam, essas cartas tornam-se totalmente plausíveis, nos fazendo pensar nelas enquanto ficção. O romance “em várias ocasiões, utilizou a epístola para ampliar, alongar e complicar os enredos e as tramas mirabolantes” (BARBOSA, 2007, p. 59). Nesse sentido a nossa pesquisa, assim como as nossas leituras, nos induz a concordar com a tese de Watt (2010) de que o romance é uma invenção inglesa.

O surgimento do romance na Inglaterra no período setecentista marcou também o começo de um longo e intenso processo de discussão sobre o novo gênero, “o termo ‘romance’ só se consagrou no final do século XVIII” (WATT, 2010, p. 10). De acordo com Vasconcelos (2002, p. 33), antes de o romance se consagrar:

[...] os escritores ingleses tinham à sua disposição duas palavras: *romance*, que designava um certo tipo de narrativa associada com o maravilhoso, com o inverossímil e com um mundo idealizado e aristocrático que lhes havia chegado pela mão dos franceses e havia gozado de grande popularidade desde o século XVII; ou ainda *novel*, que se referia a histórias curtas, de temática amorosa.

Na Inglaterra a discussão a respeito do gênero vai ganhando nova forma e novos sentidos no decorrer de cada século. O que subjaz toda essa discussão não é a nomenclatura utilizada, mas sim as diversas interpretações que os críticos e romancistas querem abarcar, pois no começo do século XVIII, a prosa de ficção era vista como uma leitura pouco indicada, que servia de passatempo para os ociosos, além de corromper os bons costumes. Essa discussão de tentar definir os termos começou a se apaziguar com as contribuições da escritora inglesa Clara Reeve (1785, p. 45):

O romance é um quadro da vida real e dos costumes, e dos tempos em que ele é escrito. O romanescos, em linguagem sublime e elevada, descreve o que nunca ocorreu nem é provável que ocorra. O romance faz um relato familiar daquelas coisas que passam todos os dias diante de nossos olhos, que podem acontecer com um nosso amigo ou

conosco; e a sua perfeição é representar cada cena de uma maneira tão acessível e natural, e fazê-la parecer tão prováveis, a ponto de nos enganar e persuadir (ao menos enquanto lemos) de que tudo é real, até que sejamos afetados pelas alegrias e aflições das pessoas na história, como se fossem nossas³⁹.

O gênero foi ganhando destaque a partir de 1740, com a publicação de *Pamela*, de Samuel Richardson (VASCONCELOS, 2007). Dessa forma, o gênero foi progressivamente conquistando o seu espaço pela Europa, principalmente na Inglaterra e na França. Contudo, na história das ideias iluministas, foi a Inglaterra quem exerceu um grande papel, segundo Pallares-Burke (1995, p. 29), “muitos dos princípios pelos quais lutaram na França já eram conquistas vividas pelos ingleses”, o que reforça mais ainda a hipótese, de Watt (2010), de que o romance teve origem na Inglaterra e não na França, e que o romance desenvolvido na França, chamado de romance-folhetim ou romance em folhetim seria um subgênero ficcional do romance, ou seja, antes dos franceses serem mestres eles foram discípulos.

É no campo da literatura que desencadeou uma disputa entre Inglaterra e França pela hegemonia cultural da Europa. Porém, vale ressaltar que a Inglaterra se destacou dos seus vizinhos. “Primeiramente pelo governo constitucional, o que permitia uma liberdade de expressão, bem como pelo caráter sereno e conservador, o que fazia com que os demais países buscassem equiparar-se a ela. Logo, a Europa teria sido conquistada culturalmente pela Inglaterra” (PALLARES-BURKE, 1995, p. 30). Esse foi o ponto de partida para o processo de submissão da França à sua rival por meio das traduções no século XVIII, pois tudo que os ingleses produziam era traduzido e enviado ao continente através dessas traduções francesas.

É, pois, em meados do Oitocentos que o romance vê a sua *consagração* no Brasil (AUGUSTI, 2010). Os romances traduzidos chegaram ao Brasil no século XIX, período em que os jornais brasileiros estavam aderindo ao novo gênero, por isso que os periódicos consistiam basicamente de ficção traduzida de jornais estrangeiros, principalmente ingleses e franceses (BARBOSA, 2007). O jornal inglês *Spectator*, por exemplo, foi um desses periódicos amplamente traduzidos pelos países vizinhos e pelo mundo, “[...] embora tenha cessado em 1712, o *Spectator* deixou marcas indeléveis na imprensa periódica setecentista” (VASCONCELOS, 2002, p. 153). Um dos jornais

³⁹ Clara Reeve. *The progress of romance*, 1785. Apud VASCONCELOS, Sandra G. Teixeira. *Dez lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. Op. Cit., p. 45.

brasileiros que se apropriou dos escritos deste periódico inglês foi o jornal pernambucano *O Carapuceiro*⁴⁰ (PALLARES BURKE, 1995).

A ascensão e a consolidação do romance na Europa ao longo do século XIX se fizeram acompanhar de um forte e efervescente debate a respeito da sua natureza, finalidade e propósito. Em meio ao processo de ascensão e consolidação, o romance bebeu de diferentes fontes, bem como gerou diversos questionamentos a respeito do seu surgimento e da correlação entre a realidade que imita e a obra literária (WATT, 2010). A inserção do Brasil entre os mercados narrativos que tinham a França e a Grã-Bretanha como os dois maiores centros irradiadores do gênero durante os séculos XVIII e XIX fez com que, assim como os romances, os artigos sobre o “novo” gênero – sem regras ou modelos pré-estabelecidos – aportassem em nosso país. Segundo Vasconcelos (2009, p. 206), “os romances europeus, sobretudo ingleses e franceses, passaram a circular no Rio de Janeiro a partir das últimas décadas do século XVIII, e se tornaram cada vez mais presentes na vida da corte após a Independência, em 1822”.

Notemos que o novo gênero ainda não possuía uma identidade própria, ou seja, o jornal funcionou como uma espécie de treinamento para as narrativas folhetinescas, no qual a preocupação do escritor não era conquistar um número significativo de leitores, mas sim fazer com que o público conhecesse a arte e o talento desses homens escritores. Os textos “visivelmente imaginados” e duramente criticados sugerem que o romance realista inglês ainda não estava em voga na França dessa época, o que tornava a leitura mais leve e acessível a todos. Desregrado e cheio de delírios imaginativos, o novo gênero carregado de sentido pejorativo era desprestigiado pela crítica e pelo público.

O jornal *Gazeta da Paraíba* repercutiu sobre o gênero romance. Apropriando-se de um artigo do jornal *Le Figaro*, o periódico paraibano fez circular nas páginas do jornal quatro diferentes perspectivas a respeito do romance. Partindo do ponto de vista de romancistas classificados pelo artigo como sendo “muito diferentes”, esses escritores contam para os leitores, cada qual do seu jeito, o modo como os escritores do século XIX entendem o gênero romance. Observemos:

Sob o título <Curso de litteratura contemporânea>, o *Figaro* dá-nos uma amostra do modo por que os escriptores actuaes entendem a litteratura.

⁴⁰*O Carapuceiro* foi publicado pela primeira vez em 1832, na cidade de Recife-PE, tendo como redator o Padre-frei Miguel do Sacramento Lopes Gama. Durante 10 anos, *O Carapuceiro* – periódico sempre moral e so per accidents político – circulou com algumas interrupções, chegando ao fim em 1842, quando passou a ser publicado na Corte (MELLO, 1996).

No gênero romance, a redacção d'aquelle jornal pediu a quatro romancistas, muito diferentes, que contassem, cada um da sua maneira, o primeiro período do (?), de Fénelon [...] (GAZETA DA PARAÍBA, 28/12/1889, nº 478, p. 01).

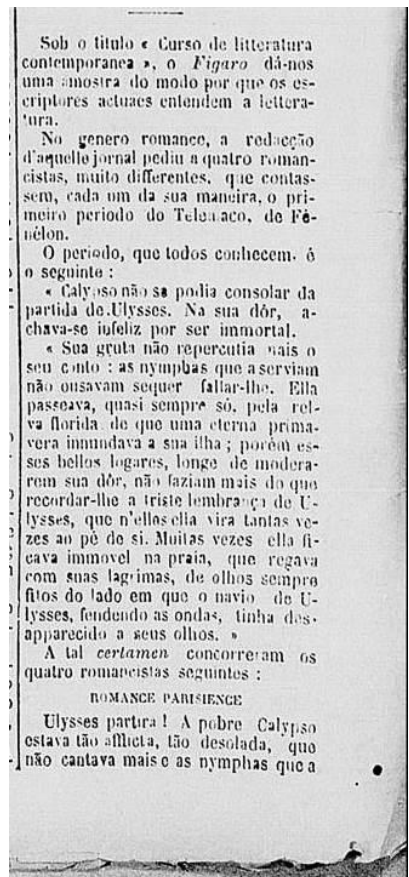
Para que isso acontecesse foi disponibilizado um trecho do romance de François Fénelon (1651 – 1715), para que cada romancista reproduzisse o mesmo escrito, porém com as formas ensaísticas próprias do seu movimento. O primeiro a retratar o romance foi o “romancista parisiense”, Alph Daudet (1840 – 1897); o segundo foi o “romancista naturalista” E. Zola (1840 – 1902); o terceiro “o romance folhetim” de X. de Montépin (1823 – 1902); e por fim “o romance decadente” de Camile Lemmonier (1844 – 1913). Para melhor compreensão, vamos exemplificar com a imagem do jornal:

Figura 6 - Capa do jornal Gazeta da Paraíba



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2014.

A proposta do jornal *Le Figaro* é de mostrar as várias formas que o romance tomou ao longo do tempo, podendo ser ele classificado como romance realista, romance



naturalista, enfim, as mil e uma facetas que o romance tinha. Segundo Augusti (2010, p. 103)

Imaginando leitores desprovidos de instrução e desejando incutir-lhes conteúdos que interessavam à construção da nacionalidade, o romance, mais do que qualquer outro gênero, foi considerado o veículo mais adequado à tarefa, pois já havia conquistado a preferência desse público por meio dos exemplares estrangeiros que aqui aportaram desde meados do século XVIII. Investida de uma visão pessimista sobre o campo literário nacional, fosse em relação ao leitor, à profissionalização do escritor ou às condições de publicação dos livros, a crítica jornalística provavelmente vislumbrou no romance uma possibilidade de avanço no que se refere à consolidação do gosto pela literatura nacional. Assim, imbuído dessa função, bem como daquela de moralizar o público, o romance saiu vitorioso das páginas da imprensa nas primeiras décadas do século XIX, ganhando fôlego suficiente para, nas seguintes, se estabelecer como um veículo privilegiado de expressão da nacionalidade brasileira.

Para que o gênero se consolidasse era necessário que o jornal circulasse com exemplos de romances a serem seguidos, e acreditamos ter sido esse o objetivo da *Gazeta da Paraíba*, pois ao publicar quatro diferentes formas de se escrever o mesmo romance, o periódico está dando margem ao leitor e aos possíveis escritores da época, de equipararem os seus textos, aos modelos colocados pelo jornal.

Ao se apropriar e traduzir para o jornal paraibano tal matéria, o redator de a *Gazeta da Paraíba* procurou mostrar para o leitor da província paraibana que da mesma forma que o gênero romance estava sendo discutido e difundido na França, ele também poderia ser discutido e repercutido na Paraíba. Outro ponto a destacar é a posição que estas matérias relacionadas ao gênero romance ou ao romance em folhetim estavam posicionadas nos jornais paraibanos, normalmente vinham na mesma página que circulava a coluna folhetim, estando essas matérias próximas da coluna, o que aumenta ainda mais a hipótese levantada pela pesquisadora Barbosa (2007), ou seja, os textos dialogam entre si.

Além de circularem em sua maioria na coluna folhetim, a pesquisa também nos revelou a intensidade com que os romances ingleses e franceses foram anunciados. Com base no número de anúncios de cada obra veiculada no período delimitado no estudo, notamos que os romances franceses compõem os títulos mais anunciados: baseado nos jornais pesquisados, mais de 50% dos títulos de prosa ficcional mais frequentemente

divulgados nos jornais paraibanos de 1850 a 1895 eram referentes aos romances franceses. Enquanto os ingleses aparecem logo em seguida, em menor escala.

O periódico *O Estado da Paraíba*, por exemplo, circulou com muitos romances franceses na coluna folhetim. Dos dezesseis romances que circularam neste espaço do jornal paraibano, nove eram franceses, ao passo que nenhum desses romances era inglês. Em consonância com Barbosa (2011, p. 15), “A permanência constante de escritores estrangeiros nas colunas dos jornais, aliada à publicação de seus textos – folhetins, contos e poesias – indicam a preferência e a leitura desse tipo de literatura pelos leitores paraibanos”. Logo, temos que a ficção francesa foi uma das responsáveis pela formação de um público consumidor de romances na Paraíba assim como no Brasil.

Outro ponto que reforça a vasta presença dos romances franceses e em seguida dos ingleses pelo mundo é a pesquisa realizada por Moretti. Observemos:

[...] a maioria dos países europeus importa do estrangeiro uma grande quantidade de seus romances (40, 50, 60, 80 por cento, se não mais), enquanto a França e a Grã-Bretanha formam um grupo em si, que importa muito pouco do resto do continente europeu – esses dois países produzem muitos romances (bons romances), de modo que não precisam comprá-los no estrangeiro (MORETTI, 2003, p. 161, grifo do autor).

Nos jornais paraibanos os romances franceses eram apresentados traduzidos, até o momento da pesquisa não foi encontrado nenhum romance em folhetim francês circulando na língua original.

Uma pesquisa realizada nos anúncios de romances veiculados pelos jornais *Diário da Paraíba*, *Gazeta da Paraíba* e *O Estado da Paraíba* permitiu-nos ter noção da presença do gênero romance na Paraíba. Os três jornais foram escolhidos como fonte por tratar-se dos periódicos com maior número de reclames, mas nada impede de mencionarmos qualquer outro jornal do período estudado no decorrer deste capítulo.

Pretendemos analisar os anúncios aqui expostos a partir de um conjunto de representações que podem nos ajudar no processo de construção e consagração do gênero romance na Paraíba no século XIX. Seguindo os pressupostos de Chartier (1990, p. 23), “A noção de representação pode ser construída a partir das acepções antigas, quando pretendemos compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo”.

Não há dúvidas de que os anúncios ou reclames, independentemente do produto ou do serviço, acompanhavam o comportamento social, político e econômico da época ao qual era veiculado, ou seja, esses escritos podem proporcionar ao leitor uma dimensão social de uma sociedade ou de uma época específica. No caso dos reclames que anunciam os romances, esses devem ser pautados no poder dos redatores de convencer o público e a crítica a ler determinada obra. Os resenhistas, jornalistas ou escritores dos reclames são responsáveis pela formação do leitor, bem como pelos protocolos de leitura, pois eles “definem quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal” (CHARTIER, 2011, p. 20).

Os reclames se revelam como espaço de apreciação crítica, desta maneira, os reclames caracterizam-se como parte integrante e fundamental da obra, pois é a partir dele que o escritor irá conquistar o público leitor utilizando das artimanhas e artifícios necessários para envolvê-lo.

Em todos os reclames analisados até o momento, nota-se que a tática do redator do século XIX era publicar nas páginas dos jornais romances provavelmente vindos da França, tendo em vista que a matéria literária que vinha de fora do Brasil, principalmente da Europa, tida como centro cultural era, normalmente, sinônimo de sucesso entre os brasileiros, principalmente em se tratando do interesse que a sociedade brasileira tinha de se aproximar socialmente e culturalmente dos europeus. Segundo Dantas (2013, p. 84):

[...] quando uma obra é traduzida de uma língua para outra, ela contribui para o aumento de capital simbólico, principalmente quando a tradução se dá no sentido de uma ‘língua periférica’ para uma ‘língua central’. Por exemplo, quando um autor que escreve em uma língua com pouco ‘capital linguístico-literário’ é traduzido para outra língua dotada desse capital simbólico, ou seja, de maior prestígio literário, ele acumula capital simbólico, o que contribui para o seu processo de consagração e, na mesma medida, dá prestígio à língua em que o texto foi produzido originalmente.

Ao ser traduzido para a língua portuguesa, a obra originalmente francesa passa a ter prestígio no Brasil, contribuindo para a consagração da mesma. Mas na França essa mesma obra pode não ter sido considerada digna de comentários, o que era muito difícil de acontecer no século XIX, pois os escritores de maior repercussão nos jornais da Paraíba já eram lidos e apreciados em seu país de origem. Como podemos constatar até

o momento, a grande maioria das traduções de romances franceses que circularam nos jornais paraibanos do século XIX eram romances assinados por romancistas consagrados na época, o que propõe o interesse do redator de promover o interesse do leitor pela virtude e moralidade (AUGUSTI, 2009) através de nomes importantes da história.

Além da ficção francesa traduzida, os jornais paraibanos também contaram com a presença dos romances ingleses. Contudo, diferente dos romances franceses que circularam, em sua maioria, na coluna folhetim, a prosa de ficção inglesa circulou em seções avulsas do jornal, especificamente na primeira página do periódico, como veremos a seguir.

2.2 A circulação do romance inglês em folhetim

Vários dos artigos e anúncios que ocuparam as páginas dos jornais paraibanos lidavam com aspectos da nação inglesa, como vimos no primeiro capítulo dessa dissertação. O enfoque deste trabalho, contudo, recairá sobre a circulação do romance inglês nas páginas dos jornais paraibanos Oitocentistas, especificamente o romance *O Livro dos Snobs*.

Dos mais variados textos ficcionais oferecidos aos leitores da Paraíba, três foram os romances encontrados que apresentam autores ou alguma nota que indicam sua origem inglesa. Isso não implica dizer que outras histórias possivelmente retiradas de fontes britânicas não fizeram parte dos periódicos paraibanos. Contudo, devido às traduções e a falta de informação de onde estes textos eram retirados não temos como atribuir a origem inglesa de alguns escritos. Os possíveis romances ingleses encontrados foram:

Tabela 4- Romance ingleses que circularam nos jornais da Paraíba entre 1850 e 1897.

ROMANCE INGLÊS	AUTOR	JORNAL DE CIRCULAÇÃO
<i>Aventuras de terra e mar</i>	Mayne-Reid	<i>Diário da Manhã</i>
<i>O livro dos snobs</i>	W. M. Thackeray	<i>O Estado da Paraíba</i>
<i>A lesson to fathers</i>	F. Anstey	<i>The Paraíba Times</i>

Observado o conjunto de textos ficcionais publicados nos jornais da Paraíba, a prosa de ficção inglesa apresenta características significativas que a diferencia dos demais textos, principalmente no que se refere ao espaço do jornal destinado à narrativa e à temática. Antes dessa exposição é necessário explanar um pouco sobre tais romances ingleses, tendo em vista que apresentaremos os contrastes em relação aos demais textos a partir desses.

O primeiro romance inglês encontrado foi do romancista Mayne-Reid⁴¹ (1818 –

Figura 7 - Romance *As aventuras de terra e mar*, de Mayne-Reid, jornal *Diário da Manhã*



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2014.

1883). Presente em apenas um único número do jornal *Diário da Manhã*, o romance *As aventuras de terra e mar* circulou na seção Folhetim no dia 15/08/1890, nº 15, tendo aparecido primeiramente no Gabinete de Leitura RJ, B. L. Garnier, no ano de 1876-78 (VASCONCELOS, 2007). Apesar de o

jornal *Diário da Manhã* contar com um único exemplar disponível digitalizado, nele o redator enfatiza que o romance de Mayne-Reid foi traduzido especialmente para o *Diário da Manhã*. Em decorrência da ação do tempo, não conseguimos identificar quem realizou a tradução, mas segundo Vasconcelos (2007), todos os romances de Mayne-Reid foram traduzidos por A. M. da Cunha e Sá. Ao contrário do primeiro romance inglês encontrado em nossa pesquisa, *As aventuras de terra e mar* circulou no Rio de Janeiro, na Paraíba e em reedições no formato de livro, compondo a bibliografia do autor. Seu título original é *The Plant Hunters or Adventures Among the Himalaya Mountains*(1858).

⁴¹ « Thomas Mayne Reid (April 4, 1818 – October 22, 1883), was a Scots-Irish American novelist. "Captain" Reid wrote many adventure novels akin to those written by Frederick Marryat and Robert Louis Stevenson. He was a great admirer of Lord Byron. These novels contain action that takes place primarily in untamed settings: the American West, Mexico, South Africa, the Himalayas, and Jamaica » (REIDE, 1890, p. 239). Thomas Mayne Reid (04 de abril de 1818 - October 22 , 1883) , era um escritor americano escoceses e irlandeses . "Capitão " Reid escreveu muitos romances de aventura semelhante a aquelas escritas por Frederick Marryat e Robert Louis Stevenson. Ele era um grande admirador de Lord Byron. Esses romances contêm ação que ocorre principalmente em locais selvagens : o oeste americano , México , África do Sul , o Himalaia , e Jamaica (tradução nossa).

O próximo romance é do famoso romancista inglês, nascido em Calcutá em 1811, falecido em 24 de dezembro de 1863, William Makepeace Thackeray⁴². Famoso por seus romances realistas (SCHAPOCHNIK, 1999), W. M. Thackeray circulou em seção avulsa do jornal *O Estado da Paraíba* com o romance *O livro dos snobs*, entre 16/07/1891 e 09/01/1892. De todos os romances ingleses encontrados até o momento, esse foi o único a circular por mais tempo e a apresentar o reclame com a sua apresentação. Este romance apresenta características da prosa de ficção britânica, como exemplo, ele possui um narrador satírico, que assume uma postura crítica tanto em relação aos personagens quanto à sociedade moderna da época. Não adentraremos muito nessas questões, pois estudaremos esse romance, em específico, no terceiro capítulo dessa dissertação.

⁴²THACKERAY (William-Makepeace), célèbre romancier anglais, né à Calcutta en 1811, mort le 24 décembre 1863. Élevé en Angleterre, il alla étudier la peinture à Rome, puis revint à Londres pour collaborer à un journal quotidien, the Constitutionnal, fondé par son père. Cette entreprise ayant échoué, il dut tirer parti de son double talent de dessinateur et d'écrivain, et fournit à diverses publications des articles satiriques et des croquis pleins de verve. Il donna dans le Frazer's Magazine, sous le pseudonyme de Alictel-Ange Titmarch, une foule d'essais critiques et de nouvelles qui furent recueillies sous le titre de Mélanges (Miscellanies; 1855-58, 2 vol. in-8), et se fit surtout remarquer par sa collaboration au Punch, où il publia une série de caricatures, d'études fines et légères et de récits enjoués, qui formèrent ensuite le Livre des Snobs (Snob papers 1856). En même temps il prenait rang, sous son propre nom, parmi les meilleurs romanciers de son pays, par des livres de plus longue haleine, où l'on retrouvait sa manière philosophique et amusante, sa verve toute britannique, si incisive sous un calme étudié, l'observation minutieuse et délicate, avec le tour leste et vif, la phrase nette et limpide. Nous citerons la Foire aux vanités. (Vanity fair; 1847, 3 vol. in-8), le type le plus complet de ses procédés d'observation et de peinture Pendennis (1850, 3 vol. in-8), que l'on dit être le roman de sa vie; tlenry Esntond (the History of H. Esm. 1852, 3 vol.) les Newcomes (1853-54, 3 vol. in-8) les Mémoires de Barry Luidon, esq. (1856, in-18). Thackeray a fait en Angleterre et aux États-Unis des lectures publiques qu'il a publiées sous ce titre les Humoristes anglais du XVIIIe siècle (1851, in-S). Ses romans, souvent réimprimés, ont été presque tous traduits en français par Am. Pichot G. Guiffrey, L. De Wailly, Ed. Scheffter. [Dict. des Contemp., les trois prem. édit.]. (VAPEREAU, 1876, p. 1952).

THACKERAY (William-Makepeace), famoso romancista inglês, nascido em Calcutá em 1811, falecido em 24 de dezembro de 1863. Criado na Inglaterra, ele foi estudar pintura em Roma, e depois voltou a Londres para trabalhar em um periódico, *The Constitutionnal*, fundado por seu pai. Com a falência deste empreendimento, ele precisou tirar proveito de seu duplo talento como desenhista e escritor, e ofereceu para publicação várias sátiras e croquis cheios de inspiração. Doou à revista *Frazer*, sob o pseudônimo de Michel-Ange Titmarch, inúmeros ensaios críticos e contos que foram coletados sob o título de *Miscelâneas* (Miscellanies, 1855-1858, 2 vol. in-8), e se destacou especialmente por sua colaboração à revista *Punch*, na qual publicou uma série de caricaturas, estudos rebuscados e elegantes e narrativas bem-humoradas, que depois formaram o *Livro dos Snobs* (Artigos Snob 1856). Ao mesmo tempo, em que se firmou, com seu próprio nome, entre os melhores romancistas de seu país, com livros mais densos, onde encontramos seu jeito filosófico e divertido, toda a sua verve britânica, incisiva sob uma calma treinada, observação cuidadosa e delicada, de expressão ágil e viva, frase nítida e clara. Citamos a *Fogueira das Vaidades*. (Vanity Fair, 1847, 3 vol. in-8), o mais completo de seus processos de observação e de pintura Pendennis (1850, 3 vol. in-8), que se diz ser a obra da sua vida; Henry Esmond (História de H. ESM., 1852, 3 vol.) O Newcomes (1853-1854, 3 vol. in-8) Memórias de Barry Luidon, advogado. (1856, in-18). Thackeray realizou, na Inglaterra e nos EUA, leituras públicas que ele publicou sob o título de *Os comediantes ingleses do século XVIII* (1851, in-S). Seus romances, frequentemente reimpressos, foram quase todos traduzidos para o francês por Am. Pichot, G. Guiffrey, L. de Wailly, Ed. Scheffter. [Dic. de Contemp., os três primeiros editados] (Tradução nossa).

O redator do jornal *O Estado da Paraíba* antecede a publicação desse romance com a circulação do reclame carregado de elogios, observemos:

Começamos a publicar amanhã em columna d'esta folha o incomparável Livro dos Snobs do grande romancista inglez Thackeray.

Poucos romancistas, diz um seo biographo preservaram com mais seguro escapello o coração humano e não há nenhum outro que tenha combatido o vicio com armas mais leaes e mais temíveis [...] (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 15/07/1891, nº 285, grifo nosso).

Thackeray no romance *O livro dos snobs* faz uma crítica à divisão de classes sociais, aos valores burgueses ainda vigentes na época, bem como a tantos outros “esnobes” que passam a frente. Sempre irônico e satírico Thackeray é classificado pelo redator do jornal paraibano como um romancista que combate “o vicio com armas mais leaes e mais temíveis” justamente por utilizar de elementos como a sátira para conseguir atingir os políticos, religiosos, ou melhor, os snobs – aquelas pessoas pretenciosas e cujo interesse é o financeiro –, como classifica Thackeray.

Figura 8 - Capa do jornal *O Estado da Paraíba*, romance *O Livro dos Snobs*



Fonte: Hemeroteca Digitam Brasileira, 2014.

Antes de circular no jornal da Paraíba, o romance inglês apareceu primeiro na revista *Punch* (1846), com ilustrações caricaturadas que acompanhavam o texto explicando e amplificando as possíveis interpretações dos leitores. A revista *Punch* teve

grande participação nos jornais da Paraíba, a exemplo tem o jornal *O Estado da Paraíba* (1891) e *O Publicador* (1868). Dela os redatores extraíram notícias, prosa de ficção, dentre tantos outros motes que despertavam interesse.

Por fim, além de ficção traduzida, os periódicos paraibanos também contaram em suas páginas com um romance escrito em língua inglesa. O jornal *The Paraíba Times* publicou *Vice Versa: A lesson to fathers*, de Thomas Anstey Guthrie⁴³ (1856 – 1934), cuja assinatura no jornal era F. Anstey. Apesar de não aparecer com o nome Folhetim, o romance de F. Anstey circulou no rodapé do jornal paraibano, exatamente onde ficava a coluna Folhetim. O romance cômico *Vice Versa: A lesson to fathers* circulou no jornal paraibano *The Paraíba Times* em 01/03/1894, porém ele foi publicado pela primeira vez em 1882 em Londres, circulando posteriormente em jornais do mundo todo, livros, rádio e até em adaptações fílmicas e na televisão (BLEILER, 1948). Vejamos:

⁴³ « Trained in the law, Thomas Anstey Guthrie was called to the Bar in 1881. However, the success of his story *Vice-Versa* (1882) with its substitution of a father for his schoolboy son, immediately made his reputation as a humorist, and he never practised law. His reputation was further confirmed by work including *The Black Poodle* (1884) and *The Tinted Venus* (1885). Guthrie began working for *Punch* in 1886 and he remained with the magazine until 1930. He had a talent for burlesque and parody, and for recording and transmitting the day-to-day talk of Londoners. His *Punch* series included *Voces populi*, *Mr. Punch's Young Recite*, *Mr. Punch's Model Music-Hall Songs and Dramas* and *Mr. Punch's Pocket Ibsen* ». Disponível em : <<http://www.npg.org.uk/collections/search/person/mp01955/thomas-f-anstey-guthrie>>. Acesso em: 02/06/2015. Treinado na lei, Thomas Anstey Guthrie foi chamado à barra em 1881. No entanto, o sucesso de sua história *Vice- Versa* (1882) com a substituição de um pai para seu filho estudante , imediatamente fez sua reputação como um humorista , e ele nunca praticou lei. Sua reputação foi ainda confirmada por trabalho, incluindo *The Black Poodle* (1884) e *A Tinted Venus* (1885) . Guthrie começou a trabalhar para *Punch* , em 1886, e permaneceu com a revista até 1930. Ele tinha um talento para burlesque e paródia, e de registo e transmissão da conversa do dia- a-dia dos londrinos . His *Punch* série incluiu *Voces populi* , do Sr. Perfurador novo Recite, Modelo music-hall Canções do Sr. Perfurador e Dramas e do Sr. Perfurador bolso Ibsen (tradução nossa).

Figura 9 - Romance *Vice Versa: a lesson to fathers*



Fonte: Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no século 19

Até o momento dessa pesquisa, as prosas de ficção inglesas traduzidas do século XIX pareciam ser privilégio apenas dos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, com base no nosso levantamento, a província da Paraíba não circulou apenas com um romance inglês, pelo contrário, ela disponibilizou para os seus leitores três romances ingleses consagrados na época, de autores renomados no século XIX, além de um romance todo escrito em língua inglesa.

Baseado nesses três romances ingleses – *As aventuras de terra e mar*, *O livro dos snobs* e *Vice Versa: A lesson to fathers* –, constatamos algumas características em comum neles, a começar pela falta de personagens femininas no centro da trama da

narrativa britânica. Todas as histórias inglesas presentes nos jornais da Paraíba são protagonizadas por personagens masculinos, com conflitos e situações problemáticas de um mundo regido por valores tidos, na época, como esfera do mundo dos homens, como, por exemplo, o ambiente marítimo de *As aventuras de terra e mar*, as classes sociais d'*O livro dos snobs*, assim como em *Vice Versa: A lesson to fathers* o conflito se dá com os personagens masculinos, evidenciando o universo cultural do mundo patriarcal. Segundo Chartier (2002, p. 84),

A tipologia dos gêneros cuja circulação mantém-se ampla ou mesmo majoritariamente manuscrita na Inglaterra do século XVII distingue três repertórios: os textos políticos (discurso e declarações parlamentares, publicados em forma de *separates*, *newsheet*, *sátira*), as coletâneas poéticas que reúnem obras de um único poeta ou de vários autores e as partituras musicais destinadas aos músicos dos *consorts*.

Outra característica da prosa de ficção britânica é o tom satírico da narrativa, os ingleses buscavam divertir enquanto ensinavam. De maneira geral, a sátira de alguns dos textos, como é o caso d'*O livro dos snobs*, tece uma crítica contundente aos valores herdados e a sociedade inglesa vitoriana. É possível afirmar que as inúmeras digressões e intervenções críticas do narrador britânico, assim como a escolha dos temas e da maneira de abordá-los tornou a prosa de ficção inglesa bem divertida. Em especial porque, diferente de qualquer outro, os ingleses empenham-se em enaltecer as qualidades dos 'bons' ou apontar os defeitos dos 'maus' satirizando e/ou caricaturando. Essa postura dos escritores ingleses tem raízes no próprio contexto histórico da Inglaterra do século XIX (VASCONCELOS, 2007).

Importante ressaltar que os romances traduzidos nos jornais da época não se pautavam na fidelidade ao texto original (RAMICELLI, 2009), pois os próprios tradutores e redatores da época reconheciam essa livre apropriação das obras. Em uma entrevista publicada no jornal *O Publicador* (26/07/1869), nº 2046, Lopez (aparentemente tradutor) fala das dificuldades de se traduzir um texto mantendo as características originais, além de enfatizar as várias alterações realizadas pelos tradutores na composição dos textos ficcionais. Observemos: "Lopes replicou á resposta que Sua Alteza lhe dera. Infelizmente não possuo copia dessa replica e sou obrigado a traduzi-la do jornal inglês *Standard*, único que a publicou. E claro que esta dupla tradução há de alterar bastante o original".

Cabe observar que da mesma forma que as pesquisadoras Vasconcelos (2007) e Ramicelli (2009) constataram a circulação de prosa de ficção inglesa no Rio de Janeiro, os jornais paraibanos também apresentaram tais ficções inglesas, com as mesmas características no que diz respeito à composição do romance, a sátira, aos assuntos abordados, enfim, em nada os romances ingleses traduzidos presentes na Corte se diferenciaram dos romances que aqui se apresentaram. Percebe-se apenas que, dos três romances ingleses encontrados durante a pesquisa, dois não circularam na seção Folhetim. Desse modo, por que o romance-folhetim inglês não circulou na coluna Folhetim?

2.3 O lugar do romance inglês seriado nos periódicos da Paraíba

A partir da década de 1830 o romance passa a ter um espaço no jornal destinado a sua circulação: o Folhetim (NADAF, 2002). Traduzidos dos jornais ingleses ou franceses, o romance esteve presente nos rodapés dos jornais brasileiros de forma bastante significativa. Nos jornais paraibanos não foi diferente, os romances tomaram conta da seção Folhetim, mas acreditamos que a prosa de ficção se expandiu tanto, que a coluna destinada para a sua circulação não estava mais conseguindo suprir a demanda. Nos jornais paraibanos nos deparamos com romances na seção Folhetim, Variedades, Miscelânea e em seções avulsas.

De forma geral, os romances vinham na seção Folhetim, mas de acordo com Barbosa (2011, p. 26):

Algumas narrativas inglesas apareceram, mas não na seção Folhetim. O fato de terem sido publicadas em uma coluna de forma vertical, na página inicial do jornal, como é o caso de *O livro dos snobs*, W. M. Thackeray, pode sugerir simplesmente que não havia espaço para dois romances-folhetins no mesmo jornal ou, que havia uma distinção entre esses textos e o modo como os jornalistas o concebiam.

Algumas narrativas inglesas apareceram nos jornais paraibanos, inclusive na seção Folhetim, como é o caso do romance *As aventuras de terra e mar*. Não podemos esquecer a prosa de ficção *Vice versa: A lesson to fathers* (Imagem 8), embora não esteja na coluna intitulada Folhetim, o romance ocupou o espaço físico do jornal destinado a tal seção, ou seja, o rodapé da primeira página, o que o caracteriza como um folhetim do século XIX.

Os romances ingleses que circularam especificamente no jornal *O Estado da Paraíba*, não circulavam na coluna Folhetim, estes romances circulavam em seções avulsas do jornal. Esses vários lugares para a publicação das narrativas inglesas nos faz pensar acerca da concepção que esses redatores tinham a respeito de determinados gêneros, neste caso, o romance. Por que os romances ingleses ocuparam um espaço diferenciado dos demais romances que circularam nos jornais paraibanos? Por que circulou um romance escrito em língua inglesa, e não em língua francesa, tendo em vista que a maioria dos romances publicados nos jornais paraibanos eram franceses?

Ao observar o jornal *O Estado da Paraíba*, constatamos um número expressivo de romances na seção Folhetim. A princípio até corroboramos a ideia de que não havia espaço no jornal para a circulação de dois romances, porém tivemos que descartá-la, pois ao mesmo tempo em que circulava o romance inglês *O livro dos snobs* na primeira página, seção avulsa do jornal, o romance *Theresina*, de Alberto Delpit, circulava na seção Folhetim (17/07/1891, nº 287).

Sendo assim, começamos a cogitar a hipótese de que o jornal *O Estado da Paraíba* não disponibilizava para os seus leitores dois romances circulando paralelamente na seção Folhetim, mas essa hipótese também não se configurou, pois no número 176, por exemplo, o jornal paraibano não só disponibilizou dois romances na seção Folhetim, como também fez circular o romance *O Relógio*, de Juan Durguenieff, na seção avulsa, constatamos:

Figura 10 - Romance A alma de Pedro, O Relógio e Urania



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2014.

Tal situação do romance inglês nos jornais paraibanos, principalmente no jornal *O Estado da Paraíba*, demonstra as várias maneiras como os redatores classificavam o romance. É incontestável que havia uma distinção entre os romances ingleses e as demais prosas de ficção, a começar pela posição física ocupada nas páginas do jornal.

No final do século XIX os jornais brasileiros estavam se apropriando ao máximo dos escritos oriundos da Europa, principalmente a partir de 1821 quando D. Pedro pôs fim à censura à imprensa. Nos jornais paraibanos não foi diferente, “[...] os periódicos eram o suporte principal e primeiro por onde circulava toda e qualquer obra que quisesse ser lida por um número considerável de leitores” (BARBOSA, 2007, p. 79), além dos lucros que as obras conferiam ao jornal. Para isso os jornais paraibanos buscavam se equiparar aos melhores, sendo assim, os redatores colocaram as obras inglesas em destaque nos jornais (primeira página). Sabendo do contexto histórico rico da Inglaterra (MORETTI, 2003), os redatores do jornal *O Estado da Paraíba* “consideravam a Inglaterra o próprio exemplo vivo de emancipação a ser imitado” (PALLARES-BURKE, 1995, p. 30); ou seja, a presença inglesa era vista pelos brasileiros como uma influência cultural, e a circulação dessas obras inglesas que

representavam os hábitos, cultura, política, etc., fez com que a sociedade brasileira incorporasse os costumes ingleses.

Acreditamos que os redatores dos jornais paraibanos buscaram colocar o romance inglês em lugar de destaque, pois “a simplicidade das vestes, a ânsia pela instrução, o apreço pelo comércio e pelo comerciante são todos traços da cultura inglesa que atraíam a admiração de estrangeiros” (PALLARES-BURKE, 1995, p. 30). Outra hipótese que levantamos é que provavelmente informados de que a forma dominante de leitura na Inglaterra no século XIX foi o romance, os redatores dos jornais da Paraíba inseriram este gênero inglês nas páginas da nossa província, com o objetivo de, assim como os ingleses, conseguirem moralizar a sociedade através de romances satíricos.

Além das hipóteses apresentadas até o momento, nosso trabalho nos fez pensar que colocar os romances ingleses na seção Folhetim poderia desvalorizar a obra. Ao publicar um romance inglês na primeira página do jornal, ao lado das matérias referentes à política ou aos assuntos do mundo, o redator do jornal paraibano estava conferindo maior visibilidade ao escrito que, possivelmente, seria visto e lido por todos aqueles que tivessem acesso ao jornal.

3. THE BOOK OF SNOBS: DO PÚBLICO INGLÊS AO LEITOR PARAIBANO

E por influência inglesa desenvolveu-se entre os brasileiros snobs, ou simplesmente elegantes ou smarts e up-to-dates – palavras que vão brasileirasmente no plural porque o seu começo de abasileiramento chegou ao ponto de permitir essa licença –, o gosto pelo modo inglês de andar a pé, pelo modo inglês de andar a cavalo (...) (FREYRE, 2000, p. 66).

3.1 *Punch Magazine*

O Livro dos Snobs, corpus desse trabalho, foi publicado pela primeira vez em 1846 na *Punch*, uma revista inglesa de sátira e humor fundada pelo especialista em xilografia Ebenezer Landells (1808 – 1860) e o escritor Henry Mayhew (1812 – 1887), e que circulou entre 1841 e 2002 com obras de grandes escritores da época, tais como John Tenniel, John Betjeman, Anthony Powell, James Thurber, W. M. Thackeray, dentre outros. De acordo com o artigo publicado na *Punch*:

A primeira edição da *Punch* foi publicada em 17 de julho de 1841. Seus fundadores, o xilógrafo Ebenezer Landells e o escritor Henry Mayhew, tiveram a ideia de criar a revista após lerem um jornal satírico francês, *Le Charivari* (a primeira edição foi denominada ‘*The London Charivari*’ (tradução nossa)).⁴⁴

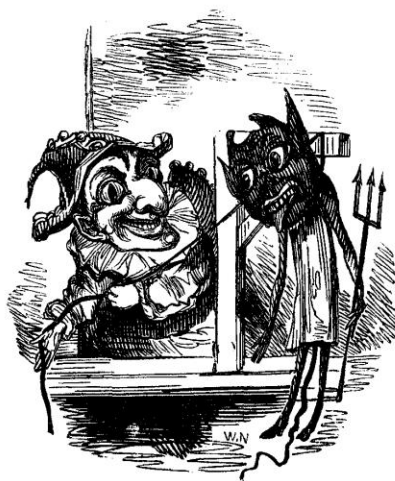
Com o desenho de um bonequinho da *commédia del’arte* na capa, a revista inglesa *Punch* foi criada seis anos depois do famoso jornal francês *Le Charivari*⁴⁵ (PINTO, 2005). Com um título bastante agressivo, os desenhos, bem como a sátira ajudavam a revista a amenizar o impacto que, a princípio, carregava o nome *Punch*, podendo ser traduzida como ‘soco’, ou melhor, um murro na cara. Essa metáfora nos faz refletir a respeito do objetivo da revista inglesa que queria chamar a atenção do público leitor utilizando de recursos como o próprio nome da revista, os símbolos e desenhos, além da linguagem humorística. Vejamos:

⁴⁴The first edition of *Punch* was published on July 17th, 1841. Its founders, wood engraver Ebenezer Landells and writer Henry Mayhew, got the idea for the magazine from a satirical French paper, *Le Charivari* (the first issue was subtitled, “The London Charivari”). (PUNCH. *About PUNCH Magazine Cartoon Archive*. Disponível em: <www.punch.co.uk/about/>. Acesso em: 26 maio 2015)

⁴⁵*Charivari* significa muita confusão, algazarra. O jornal *Le Charivari* circulou entre os anos de 1832 e 1937, em Paris, França.

Figura 11 - Capa da revista *Punch*

PUNCH
OR THE
LONDON CHARIVARI



VOLUME THE FIRST.

LONDON:
PUBLISHED AT THE OFFICE, 85, FLEET STREET.

Fonte: *Punch*, 1841

A revista *Punch* possuía como subtítulo *The London Charivari*, o que reforça a influência da cultura francesa, ademais, ambas tinham em comum as diversas caricaturas e um manifesto político extremamente forte (PINTO, 2005), porém sem nunca se posicionar quanto a partidos políticos. Observemos:

Embora, devido à sua estrutura editorial, a *Punch* expressa uma admiração para a política da direita, mas mantém uma inclinação essencialmente Liberal (Morris, 2005: 248-251), a revista diz ter várias causas políticas ao longo de sua vida, bem como acabaram com a tirania de crinolina sobre as mulheres e se opuseram ao sufrágio feminino (Thomas, 2004: 77-104) (SCULLY, 2013, p. 11).⁴⁶(Tradução nossa).

A revista inglesa era composta, normalmente, por nove páginas constituídas em sua maior parte por *cartoons*; as imagens formam um dos atrativos da revista que auxiliam na compreensão dos escritos e carregam múltiplos significados. Em pleno século XIX, *Punch* parecia ter conseguido conquistar todos os grupos e partidos da Inglaterra Vitoriana, ou melhor, a revista começou a conquistar não só os ingleses, mas os países vizinhos também. Observemos algumas das principais revistas que circularam após *Punch London* e que, apesar da repercussão e inspiração na revista inglesa, não tiveram o mesmo tempo de circulação:

Alguns desses jornais tiveram uma curta duração, tais como *Punch in Canada* (1849-1850), *Tasmanian Punch* (1866-1879), and *Cape Punch* (1888) in South Africa (...). As mais duradouras foram *Melbourne Punch* (1855-1925), *Sydney Punch* (1856-1857; 1864-1888), *Hindu Punch* (1871-1909), and *Awadh [or Oudh] Punch* (1877-1936). (SCULLY, 2013, p. 08).⁴⁷ (tradução nossa).

Além das caricaturas, a revista *Punch* retrata o cotidiano da sociedade inglesa através de anedotas, poesias, correspondências, anúncios, dentre vários outros gêneros. Outro detalhe é que, diferente das demais publicações britânicas que zelavam pelo teor

⁴⁶“Though because of its editorial structure, *Punch* tended to express guarded admiration for the right wing of politics, while maintaining an essentially Liberal bent (Morris, 2005: 248-251), the magazine did notably take up various political causes throughout its life these ranged from ending the tyranny of crinoline for women, but also opposing women's suffrage (Thomas, 2004: 77-104).” (SCULLY, 2013, p. 11).

⁴⁷ Some of these colonial *Charivaris* were short-lived-such as *Punch in Canada* (1849-1850) (Fig. 2), *Tasmanian Punch* (1866-1879) (Fig. 3), and *Cape Punch* (1888) (Fig. 4) in South Africa (...). The longer-lasting *Melbourne Punch* (1855-1925), *Sydney Punch* (1856-1857; 1864-1888), *Hindu Punch* (1871-1909), and *Awadh [or Oudh] Punch* (1877-1936). (SCULLY, 2013, p. 08)

político, a revista inglesa, segundo a versão online de *Punch*⁴⁸, almejava um padrão literário superior, na qual todos os assuntos seriam abordados e todas as classes sociais seriam incluídas (*PUNCH*, 2015, p. 01). Sendo assim, o editorial da *Punch* utilizou da circulação da revista para disseminar sua ideologia, reproduzindo uma cultura e atuando como uma ferramenta no controle social do império inglês.

Dentre tantos anos de circulação e envoltos a tantas sátiras e *cartoons*, encontramos na revista inglesa um romance que circulou no jornal paraibano *Estado da Paraíba*. A obra do romancista e colaborador da revista, W. M. Thackeray caricaturava, satiricamente, os homens snobs de uma sociedade inglesa, assim como a revista *Punch*, a obra de Thackeray exagera em certos aspectos com intenção de moralizar o público leitor sem perder a graça ou causar constrangimento a quem lê.

Durante as pesquisas realizadas no decorrer deste trabalho, observamos que após circular originalmente em língua inglesa em *Punch*, Inglaterra, também houve publicação desse romance em formato de livro, a 1ª edição é de 1848. A obra de Thackeray também foi traduzida para a França, Portugal, Brasil, dentre outros. De acordo com a Bibliothèque Nationale de France, a primeira circulação do *Le Livre des snobs* na língua francesa data de 1860, quatorze anos após a publicação inglesa.

Figura 12 - Capa da versão francesa do romance *Le livre des snobs*

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.punch.co.uk/about/>>. Acesso em: 11 set 2015

LE
LIVRE DES SNOBS

PAR W. M. THACKERAY

TRADUIT DE L'ANGLAIS
AVEC L'AUTORISATION DE L'AUTEUR
PAR GEORGES GUIFFREY



PARIS
LIBRAIRIE DE L. HACHETTE ET C^{ie}
BOULEVARD SAINT-GÉRMAIN, N° 77
—
1865

Fonte: Biblioteca Nacional da França, 2015.

Durante nossa pesquisa, observamos por meio das datas que antes de chegar ao Brasil a obra inglesa recebeu uma tradução em Portugal, constando na Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, em 1888. Lida, copiada e adaptada por diversos jornais (SCULLY, 2013), a revista inglesa também se fez presente nas páginas dos jornais paraibanos. Como vimos no primeiro capítulo, tudo que os ingleses liam, vestiam ou comiam era apreciado pelo povo brasileiro.

Na província da Paraíba o romance *O Livro dos Snobs* circulou no periódico paraibano *O Estado da Paraíba* no ano de 1891. O jornal de circulação diária teve sua primeira publicação em Julho de 1890 e tinha como epígrafe “periódico político, social e noticioso”. O Órgão Republicano circulou até 1894 e contava com escritório e tipografia administrados pelo senhor Antônio Alfredo de Gomes e Mello, localizado na rua General Osório, nº 44. Vejamos:

Figura 13 - Capa do jornal republicano *O Estado da Paraíba*



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional, 2014

Esse periódico paraibano conta com quatro páginas que abordam os mais diversos motes, desde política até anúncio de remédio. A Paraíba também contou com periódicos que se apropriavam de jornais ingleses, como foi o caso do jornal *O Publicador*, esse se apropriava dos textos dos periódicos ou revistas inglesas fazendo circular pela província paraibana o que estava acontecendo na Inglaterra. Vejamos:

Caricatura – O último número do famoso período satyrico de Londres o <Punch> contém uma caricatura muito expressiva sobre a questão política religiosa que hoje está travada em Inglaterra.

Esta caricatura representa Disraeli e Gladstone, chefes dos dois grandes partidos ingleses em forma de dois galos com a crista e as pennas eriçadas e lutando furiosamente sobre uma espécie de galinheiro que representa a igreja de Irlanda. Esta, em figura de uma galinha, vai recolhendo os seus pintos que entram apressadamente no seu albergue levando as cabeças cobertas com barretes dos que usam os clérigos irlandeses.

Ao lado do dito albergue ou galinheiro está uma pequena proeminência que tem este título: governo; é sem duvida ao lugar que disputam com ardor os contendores. (*O PUBLICADOR*, 08/06/1868, grifo do autor).

Conhecidos pelo senso de humor, os ingleses possuíam como peculiaridade o cômico, contudo, como constatado no anúncio supracitado, os ingleses debruçavam as suas provocações não em uma pessoa singular, mas em um grupo. Outro ponto importante é que a ironia inglesa “provoca mais um riso do que uma risada” (Norbert, 2006, p. 135), ou seja, ela é sutil, debochada, sem ser necessariamente dura e rude. Na notícia, os traços da cultura britânica aparecem marcados desde a menção ao “famoso periódico satírico de Londres” até os trocadilhos feitos com os Senhores, comparando-os a galos.

Nesse anúncio temos uma representação de uma disputa política “entre chefes de dois grandes partidos ingleses”, de um lado a revista apresenta Lord Disraeli (1804 – 1881) – político conservador britânico –, do outro lado Lord Gladstone (1809 – 1898) – líder do partido liberal –, ambos são representados pela figura de um galo “com a crista e as pennas eriçadas”, ou seja, os dois partidos estavam em guerra, brigando, lutando por um direito. No caso de Disraeli, o conservador buscava manter as políticas estabelecidas pelo partido; já Gladstone lutava por novos ideais, um deles era a separação da Igreja e do Estado na Irlanda.

No anúncio a igreja aparece alegoricamente simbolizada como uma galinha, “vai recolhendo os seus pintos que entram apressadamente no seu albergue”, ou seja, vista simbolicamente como uma mãe que acolhe seus filhos, a igreja irlandesa estava a postos para abrigar aquele que saísse do “galinheiro” ferido, ou melhor, derrotado. Vale salientar que toda essa disputa em torno da igreja irlandesa deu-se após o rompimento da Igreja da Inglaterra com o papa e a Igreja Católica Apostólica Romana; a partir de então a igreja da Irlanda tornou-se estatal e manteve sob seu domínio as propriedades da Igreja Católica Romana, o que gerou uma disputa de poder entre os partidos governamentais pelo apoio moral e financeiro da igreja irlandesa. Apesar de estarem inseridos em uma revista inglesa do século XIX, tais acontecimentos ocorreram entre os séculos XII e XV, repercutindo até o século XIX e XX. Outro fato que nos chamou atenção é que essa disputa religiosa era apenas um pano de fundo para esconder tantos outros interesses (THOMPSON, 1987).

Primeiramente devemos observar a menção que o jornal faz ao termo “caricatura”. Com o intuito de ampliar sua tiragem, seu alcance e sua influência, os periódicos passaram a utilizar as caricaturas. De origem inglesa, a expressão conquistou o público após circulação da revista *Punch*, a estratégia de representar uma sociedade

por meio de desenhos com alegria e humor suscitou em sucesso, “it introduced the term ‘Cartoon’ as we know it today⁴⁹” (*PUNCH*, 2005). Outro ponto que provocou o sucesso e a sobrevivência da revista inglesa deve-se à capacidade que os redatores tiveram de entender o espírito da sociedade da época. A *Punch* conseguia reunir em suas páginas o que era de interesse dos leitores ingleses, e também dos leitores franceses, brasileiros e de todos os países que a copiaram, tudo isso com humor (*PUNCH*, 2005). “O ‘*sense of humour*’ (NORBERT, 2006) inglês, e especialmente, o hábito de zombar de si mesmo e da própria nação, está sob o signo dessa intimidade com o povo, ainda hoje quase inabalada, e da profunda confiança de que, quando necessário, pode-se contar com qualquer outro inglês” (Norbert, 2006, p. 136).

Essas caricaturas apareciam nos jornais desenhadas ou descritas em forma de narrativa e sempre representavam figuras públicas da cidade; o exagero e a distorção compõem um dos pontos fundamentais da caricatura. A representação de pessoas como objetos e animais também ajuda a compor os elementos caricaturais nas ilustrações de humor, como foi mostrado na caricatura de Disraeli e Gladstone. Mesmo representando uma disputa de poder, o editorial da revista em momento algum se posiciona a favor ou contra os liberais e conservadores; ao mesmo tempo, constatemos que “*Punch*, no entanto, manteve uma postura neutra em termos de partido políticos: feliz em tratar tanto de W. E. Gladstone Liberais e Benjamin 's Disraeli em igual medida [...]”⁵⁰ (tradução nossa).

A *Punch* circulava semanalmente após o almoço (*PUNCH*, 2005) e os assuntos eram os mais variados; contudo, a política parecia ser sempre o mais instigante dos motes. É interessante observar que Disraeli e Gladstone foram motivos de deleite em vários números da revista inglesa; contudo os jornais paraibanos deram destaque apenas à caricatura acima mencionada. Segundo o dicionário de Webster (1879, p. 198),

Caricature: [Fr. *Caricature*, It. *Caricature*, from *caricare*, to charge, overload, exaggerate. See CHARGE, v. t.]

1. The exaggeration, in a representation, pictorial or otherwise, of that which is characteristic.
2. A figure or description in which the peculiarities of a person or thing are so exaggerated as to appear ridiculous.

⁴⁹ A revista criou o termo ‘Cartoon’ como o conhecemos hoje (no Brasil, é também chamado de ‘cartum’ ou ‘charge’) (tradução nossa).

⁵⁰ “*Punch* nevertheless maintained an aloof posture in terms of party politics-- happy to sling mud at both W. E. Gladstone's Liberals and Benjamin Disraeli 's Conservatives in equal measure [...]”. (SCULLY, 2013, p. 11)

The truest likeness of this prince of French literature will be the one that is most of the look of a *caricature*
Caricature: v. t. [imp. & p. p. CARICATURED; p. pr. & vb. N. CARICATURING] To make or draw a caricature; to represent with ridiculous exaggeration; to burlesque.
In revenge for this epistle, Hogarth *caricatured* Churchill⁵¹.

A caricatura aparece frequentemente em histórias de humor na qual os personagens são reconhecidos pelas suas características fixas e ridículas. As caricaturas da *Punch* ficaram bastante populares na época de sua circulação; nos jornais paraibanos os personagens caricaturados ganham destaque com a publicação e circulação d'*O Livro dos Snobs*. Ao publicar tal representação no jornal paraibano, há uma tentativa de mostrar para o público leitor que, da mesma forma que a política inglesa estava disputando poder, o mesmo acontecia no Brasil, ou seja, essa rivalidade política não foi uma exclusividade da Inglaterra. Publicando essa representação em seu jornal, o redator paraibano não precisava mencionar as instituições de poder aqui do Brasil, mas ao mesmo tempo fazia com que seu público refletisse acerca da situação em seu país.

No Brasil dos Oitocentos a imprensa era vista como uma espécie de arena política, pois a maioria das folhas estavam vinculadas a algum partido ou político. Na Paraíba oitocentista, bem como no resto do país e do mundo, a imprensa funcionou como uma espécie de agente responsável pela circulação dos mais diversos escritos do século XIX (BARBOSA, 2007). Inseridos em um momento de grande efervescência política, social e econômica, os jornais se apresentavam como órgão do Partido Republicano ou Oficial; logo, a posição política do jornal está associada à construção do discurso veiculado nesse meio de comunicação. No fragmento mencionado anteriormente do jornal *O Publicador* (08/06/1868), temos uma amostra dessa troca de farpas entre os partidos; nesse caso o periódico se apresenta como um jornal a serviço do governo, ou seja, todos os assuntos e discussões empregadas nas folhas de *O Publicador*, de modo geral, estão de acordo com o governo da época.

⁵¹Caricatura : [P. Caricatura, It. Caricatura, de caricare , a cobrar , sobrecarga, exagerar . Veja CHARGE , v . T .]

1. Um exagero, em forma de representação, pictórica ou de outro modo, do que é característico.

2. Uma figura ou descrição em que as peculiaridades de uma pessoa ou coisa são tão exagerados a ponto de parecer ridículo.

A semelhança mais verdadeiro desta príncipe da literatura francesa será o que é mais do olhar de uma caricatura

Caricatura: v. T. [criança levada. & P. p. caricaturado; p. pr. & VB. N. caricaturando] Para fazer ou desenhar uma caricatura; para representar com exagero ridículo; burlesco.

Em vingança por esta epístola, Hogarth caricaturou Churchill (tradução nossa).

Nesse trecho observamos que o redator do jornal da Paraíba atribui a publicação primeira do romance dos snobs à revista *Punch*, portanto essa seria uma estratégia do redator para proteger o texto das possíveis críticas, mas também de já introduzi-lo com uma referência bem conhecida à época. Em outro artigo, o redator do jornal paraibano enfatiza o sucesso das obras de Thackeray, “livro de Thackeray cuja tradução teve em França um êxito enorme” (*O ESTADO DA PARAÍBA*, nº 09, p. 02). Dessa maneira, constatamos que na Paraíba o romance foi representado para o público leitor como um sucesso também entre os franceses.

Em todos os reclames analisados até o momento, nota-se que a tática do redator do século XIX era publicar nas páginas dos jornais romances provavelmente vindos da França e/ou Inglaterra, tendo em vista que a matéria literária que vinha de fora do Brasil, principalmente da Europa, tida como centro cultural era, normalmente, sinônimo de sucesso entre os brasileiros, principalmente em se tratando do interesse que a sociedade brasileira tinha em se aproximar socialmente e culturalmente dos europeus⁵².

Ao ser traduzido para a língua portuguesa, a obra francesa ou inglesa passa a ter prestígio no Brasil, contribuindo para sua consagração. Na França e/ou Inglaterra essa mesma obra pode não ter sido considerada digna de comentários, o que era muito difícil de acontecer no século XIX, pois os escritores de maior repercussão nos jornais da Paraíba já eram lidos e apreciados internacionalmente. Como podemos constatar até o momento, as traduções de romances franceses e ingleses que circularam nos jornais paraibanos do século XIX eram romances assinados por romancistas consagrados na França ou Inglaterra, o que propõe o interesse do redator de promover o interesse do leitor pela virtude e moralidade (AUGUSTI, 2009) através de nomes importantes da época.

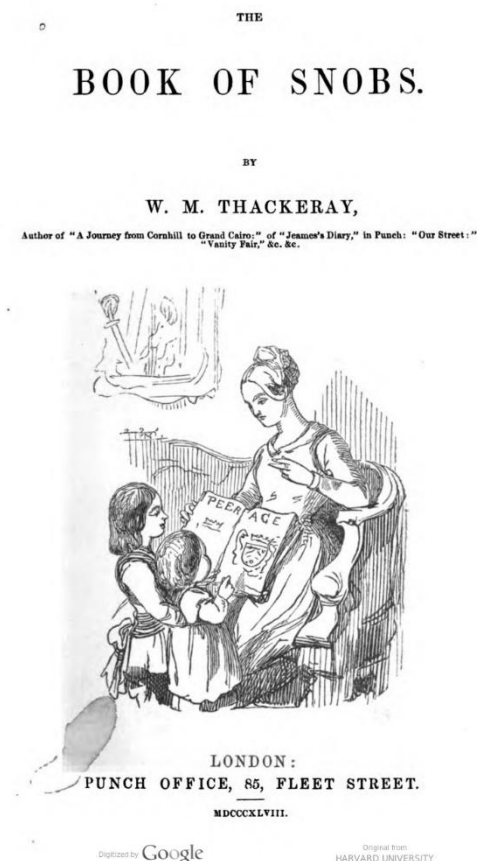
3.2 *O Livro dos Snobs*: uma prosa de ficção satírica

De cunho totalmente satírico, o *Livro dos Snobs* publicado no jornal da Paraíba ridiculariza ou uma ação, ou o comportamento humano. A série de artigos críticos e satíricos de Thackeray (1811 – 1863) publicada primeiramente na revista *Punch*, como vimos anteriormente, e posteriormente editada e transformada em livro, narra várias histórias da classe média e alta da Inglaterra Vitoriana. Na revista inglesa a obra com

⁵² A este respeito conferir Freyre (2000), Nadaf (2002), Vasconcelos (2007), Barbosa (2007), Ramicelli (2009), dentre outros.

título original *The Snobs of England* é dividida em 45 capítulos, já na tradução encontrada no jornal *O Estado da Paraíba*, os escritos são divididos em dois volumes, o primeiro conta com 24 capítulos, e o segundo volume infelizmente encontra-se publicado incompleto, constando apenas 16 títulos. É importante destacar que cada capítulo pode ser lido e compreendido de forma independente. Vale ressaltar que a leitura e análise para este trabalho foi feita a partir da obra que circulou no jornal paraibano; contudo, recorreremos à leitura da versão inglesa disponível na revista *Punch* online e do livro de bolso da editora *L&PM* para compreendermos os cinco últimos capítulos indisponíveis no periódico. Vejamos:

Figura 14 - Capa da versão inglesa do romance *The book of Snobs*



Fonte: Punch Magazine, 2014.

Além dessa divisão em capítulos, durante a leitura observamos uma separação por grupos. No capítulo 1, Thackeray trata da moral e dos bons costumes de um snob inglês, a partir daqui já é possível observar o aspecto alegre dos snobs, bem como a ironia na narração do autor. Do capítulo 2 ao 8 o escritor faz um estudo sobre os snobs da classe alta, monarcas, aristocratas, estes denominados de snobs reais. Já no capítulo 09 e 10 há uma breve apresentação dos snobs militares, segundo a obra, o esnobismo vai crescendo de acordo com a patente, logo, quanto maior a representação, maior o esnobismo, quanto maior a classe social ou grupo social ao qual o homem pertence, maior será o nível de pretensão. Essa representação pode ser deslocada para outra região ou sociedade, ou seja, ao circular no jornal paraibano os snobs que antes eram destinados à sociedade inglesa agora passam a vestir a carapuça da sociedade paraibana, dado que o serviço militar é traço comum entre os países. Constatemos:

A primeira vez, Grigg deve ter corado por ter de dar ordens a todos aqueles valentes e velhos soldados: mas como é que uma creança estragada com mimos poderia resistir contra os impulsos do egoísmo e

da presumpção? Esse menino animado da fortuna está portanto predestinado para ser um Snob.

O nosso Candido leitor deve ter-se admirado mais de uma vez do modo como o nosso exercito se comporta no campo de batalha a despeito das anomalias que se encontram na sua organização, e que são as mais monstruosas do nosso systema social. (*ESTADO DA PARAÍBA*, 22/08/1891, nº 317, p. 01).

A imagem guerreira dos militares é completamente desconstruída pela *persona* à medida que o militar vai adquirindo dinheiro e poder. As organizações militares que deveriam funcionar como uma espécie de sociedade centrada, confiável e que transmite respeito e disciplina, aparecem no romance com uma incrível necessidade de estar em todos os lugares e de fazer com que falem a respeito desses militares que buscam riqueza e *status*. Notemos que um pai snob tende a transformar o seu filho em um pequeno snob. O fato de dar ordens e exigir respeito tanto pelos colegas de farda quanto pela sociedade em geral, acaba por tornar um militar mais propenso ao esnobismo. Atentemos também para o fato de que os militares não apresentam apenas uma imagem guerreira, mas de força, austeridade e sensatez que acabam por ser desconstruída nessa passagem dado que o exército possui anomalias, ou seja, defeitos em sua própria estrutura.

Nem os clérigos escapam de ser esnobes. Do capítulo 11 ao 15, Thackeray apresenta os snobs religiosos, bem como os estudantes, reitores, dentre outros do meio acadêmico que também são snobs. Uma incrível e prodigiosa vitalidade, é assim que podemos caracterizar os snobs clericais, “os clérigos esnobes insinuam-se de modo bem natural” (THACKERAY, p.77), com vida invejável, os padres e sacristãos que deveriam seguir o sacramento da ordem são os primeiros a proliferar o esnobismo. No capítulo 16 nos deparamos com um escritor extremamente irônico, sarcástico, nem um pouco humilde e muito brincalhão. Ao falar sobre a sua classe, o romancista inglês é mais satírico ao tecer inúmeros elogios aos literários, afirmando que:

(...) na república das letras não há nem um snob. Descasque a um e um todos os homens de letras da Grã-Bretanha, e aposto em como não sois capazes de encontrar em nenhum d’elles cousa que se pareça com baixeza, inveja ou presumpção (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 15/09/1891, nº 336, p.01, grifo nosso).

Do capítulo 17 ao 20 o narrador publica o que seriam trechos de cartas do público leitor solicitando saber mais sobre sua experiência com os snobs da sociedade,

além de se mostrarem acostumados e mais à vontade com os snobs retratados por Thackeray. O pedido é atendido por meio de mais críticas aos snobs; dessa vez os irlandeses e os homens que dão festas e jantares são o prato preferido do escritor. Finalmente, o primeiro volume termina com a publicação dos capítulos 21 ao 24, nestes são apresentados alguns aspectos dos snobs franceses *versus* snobs ingleses, mas sem comparação, pois os britânicos não admitem comparação com os franceses. Podemos dizer que isso é um símbolo do povo britânico, suas íntimas convicções, tudo deveria se encaixar nos moldes ingleses⁵³. Ademais, o autor termina esse primeiro volume relatando uma visita que fez ao campo, demonstrando que este assunto renderá boas histórias para o segundo volume.

A segunda parte começa com os capítulos 25 ao 31. É interessante notar o misto de sentimentos que transparecem durante a narração desses seis capítulos cujo tema principal é o campo. A princípio, o narrador descreve a sua visita ao campo como um lugar ameno, de cheiro agradável e o mais importante: sem snobs. Contudo, toda essa perspectiva muda com o passar dos dias. Um empregado cheirando mal, vizinhos estranhos, uma recepção pouco calorosa e um pequeno lorde sendo mais acolhido do que o narrador fazem com que os esnobes no campo sejam apresentados com detalhes nestes capítulos. No capítulo 32 identificamos a inserção de uma carta escrita por uma jovem; nela a moça, após apresentação, questiona se ela e a família são snobs, nesse momento, o narrador é bastante irônico em suas respostas, tratando a jovem como “pobre querida” e “coisinha afável”.

Nos capítulos 33 ao 36 o assunto será o casamento, e a partir dele serão discutidos os valores morais e a relação entre dinheiro, amor e família. As maiores críticas e carapuças aparecem nos capítulos finais. Do título 37 ao 44 o narrador conta quais os snobs que frequentam os clubes, como se comportam, o que fazem durante tanto tempo e compartilha com o público a reação dos “amigos” após publicação destes números no periódico. Neste ponto a *persona* esnobe mais uma vez se mostra convencida ao se gabar diante do público do sucesso que foram os seus escritos enfatizando sua capacidade de expor ainda mais os snobs e de compará-los às pessoas e profissões que não foram mencionadas no decorrer da obra.

Assim como Thackeray realiza um resumo da sua obra por meio das Observações Preliminares, o seu desfecho fica por conta das Observações Finais sobre

⁵³ Disponível em: <<http://www.punch.co.uk/about/>>. Acesso em: 11 set 2015.

os snobs. Nesta o autor enfatiza o quão produtivo foram esses escritos, e que o trabalho para retratar os esnobes é infinito, logo, a obra não deve findar-se aqui.

É importante deixar claro que durante todo o romance o autor utiliza de estratégias narrativas a favor da sua escrita; isso se dá a partir do momento em que Thackeray ora aparece como uma *persona snob*, ora como narrador personagem. Essa tática de escrita gera no leitor um efeito de sentido que favorece a obra de Thackeray, pois à medida que o autor consegue envolver o leitor na história, ele permite que o público acredite na verossimilhança da narrativa. Vale ressaltar que essa verossimilhança também é um artifício retórico.

Após essa breve apresentação da obra e antes de passarmos para a análise, alguns pontos devem ser discutidos e apresentados para uma melhor compreensão.

3.2.1 A sátira inglesa na Paraíba oitocentista

A sátira é apresentada e/ou representada por indivíduos que deveriam impor respeito, por ocuparem cargos importantes, ou por não apresentarem virtudes harmoniosas em suas ações. Por exemplo, os frades que, ao invés de pregarem a palavra do Senhor ficam galanteando as mocinhas que frequentam a missa, fogem dos costumes estabelecidos pela igreja e podem ser alvo fácil de comentários satíricos, pois eles não são bem vistos pelos críticos e pela própria sociedade.

A sátira deve repreender os vícios, para instruir, sutilmente, os homens. De acordo com Hodgart (2010, p. 07),

A sátira é uma palavra usada em vários sentidos: o sentido original em Inglês e outros idiomas é uma obra literária de um tipo especial, 'na qual vício, folies, estupidezes e abusos etc., são realizadas ao ridículo e desprezo'. Ela também pode ser usada em conjunto com todas essas obras literárias, e a arte de escrevê-los. Um terceiro e mais moderno, o significado é 'o emprego na fala ou na escrita, sarcasmo, ironia, ridículo, etc., na denúncia, expondo, ou vice-versa, insensatez, abusos ou males de qualquer espécie'; em outras palavras, o processo de atacar pelo ridículo em qualquer meio, não apenas na literatura. Será que é um uso legítimo da palavra para falar da sátira no monólogo de um night-club ou rádio anfitrião, no cinema e na televisão, ou nas artes visuais (caricatura e desenhos animados) (HODGART, 2010, p. 07, tradução nossa)⁵⁴.

⁵⁴Satire is a word used in various senses: the original meaning in English and other languages is a literary work of a special kind, 'in which vice, folies, stupidities and abuses etc., are held up to ridicule and contempt'. It can also be used collectively of all such literary Works, and the art of writing them. A third,

Essa definição pode ser vista de maneira mais sucinta no *Diccionario da Língua Portuguesa* (1813), “satirizar: satirizar alguém, censurar-lhe os costumes, e ações: escrever sátira contra ele”. Essa sátira pode ser contra a igreja, política, homens, enfim, contra tudo e qualquer pessoa, contudo, “não aconselho a ninguém que faça sátiras a pessoas particulares, ainda que sejam viciosas, porque é contra a caridade” (VERNEY, p. 164).

Vale ressaltar que apesar da crítica, a sátira sempre está a favor da moral, da política e da religião (HANSEN, 2004). Ao utilizar a sátira o autor busca chamar a atenção do leitor para algo com que ele não concorda ou não aceita, fazendo-o refletir. Assim sendo, podemos observar por meio da publicação do jornal *O Estado da Paraíba* que a sátira funcionou no romance de Thackeray como uma espécie de personagem principal que utiliza do jocoso para satirizar figuras políticas da época ou para moralizar de maneira cômica um povo. Embora aborde situações corriqueiras, ao acrescentar os elementos satíricos e o risível, os ensinamentos ganham outra denominação, deixando de ser a mera descrição de um fato. Vejamos:

[...] feição dominante do Thackeray é a sátira, não a satyra que se satisfaz com epigrama, ou ditos de espirito, mas a satyra reflectida que encara o mundo e a sociedade taes como devemos vel-os na sua realidade e os pinta com uma ironia sempre seria e sempre contida (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 15/07/1891, nº 285, p. 02).

Em vários pontos do romance é possível identificar uma ironia séria e contida. A sátira empregada no romance de Thackeray induz à reflexão e nos faz ponderar sobre a função social do literato, tendo em vista que em toda a obra observamos uma relação entre texto ficcional e representação.

Ainda de acordo com os dicionários do século XIX, Webster (1879, p. 1172) define sátira como sendo:

1. Uma composição, geralmente poética, apontando vício ou loucura para reprovação; uma exposição afiada ou grave da moral pública ou privada que merece repreensão; um poema invectivas; como, as sátiras de Juvenal.

more modern, meaning is ‘the employment in speaking or writing, of sarcasm, irony, ridicule etc., in denouncing, exposing, or dering vice, folly, abuses ou evils of any kind’ ; in other words, the process of attacking by ridicule in *any* médium, not merely in literature. Is is a legitimate use of the word to talk of satire in the monologue of a night-club or radio entertainer, in the cinema and television, or in the visual arts (caricature and cartoon).

2. Entusiasmo e gravidade de observação; denúncia e exposição a reprovação; sagacidade mordaz; sarcasmo; ridículo (tradução nossa)⁵⁵.

Destaca-se que, a sátira é geralmente poética, pois foi desenvolvida primeiro sob a forma literária (HANSEN, 2004). Ela ainda é classificada como pública (social) – voltada para pessoas comuns, retratando situações do cotidiano – e privada (política) – possui como alvo as figuras públicas –. Os personagens públicos aparecem na obra de Thackeray através dos padres, literatos, reis, militares, enfim, por meio de pessoas “cuja imputação de esnobismo é indubitável” (*ESTADO DA PARAÍBA*, nº 322, p.01). Já na vida privada podemos destacar o homem do campo; contudo, todos servem de exemplo para o leitor se colocar no lugar deles e observar até que ponto vai o esnobismo do narrador.

3.2.2. Os snobs e o esnobismo no contexto paraibano

Durante todo o trabalho discutimos sobre o termo snob, mas, afinal de contas, o que significa snob? Por que este termo foi tão utilizado no século XIX inglês e brasileiro? Segundo Thackeray, “[...] esse nome percorreu em seguida a Inglaterra em todos os sentidos, como depois o fizeram as linhas férreas: os Snobs são agora conhecidos e reconhecidos em todos os pontos de um Império [...]” (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 17/07/1891, nº 287, p. 01).

O dicionário inglês de Webster (1879) descreve com detalhes a definição e a evolução lexical da palavra *snob*:

Snob: [Prov. Eng. Snob, snot, snot, um companheiro miserável. Cf. Ger. Schnoben, equivalente a schnieben. Veja SNIFF.]

1. Uma pessoa afetada e pretensiosa, especialmente uma pessoa vulgar, que macaqueia gentileza, ou afeta a intimidade com pessoas nobres ou ilustres.

Um snob é que o homem ou a mulher que está sempre fingindo ser algo melhor - especialmente mais ricos ou mais na moda - do que são. *Thackeray*.

2. (Eng. Universities) Um cidadão, ao contrário de um estudante universitário.

3. Um sapateiro jornaleiro. Halliwell.

⁵⁵1. A composition, generally poetical, holding up vice or folly to reprobation; a keen or severe exposure of what in public or private morals deserves rebuke; an invective poem; as , the Satires of Juvenal.

2. Keeness and severity of remark; denunciation and exposure to reprobation; trenchant wit; sarcasm; ridicule.

4. Aquele que trabalha por salários mais baixos em uma greve.
Aqueles que trabalham por salários mais baixos durante a greve são chamados snobs, os homens que se destacam sendo "nobs". *De Quincey*. (tradução nossa).⁵⁶

Corroboram com Webster (1879) os dicionários da Oxford (1884) e de Douglas Harper (2001) que nos induzem para a mesma leitura e compreensão do vocábulo. Essas pessoas consideradas de classes comuns ou inferiores que tendem fingir ser o que não são aparecem na obra *O livro dos snobs* em diversos momentos, como exemplo destaca-se a família de camponeses que instrui os seus filhos de acordo com os costumes de uma família e casa inglesa, contudo essa representação de família culta e intelectual é desconstruída, observemos:

Um dia interroguei esta rara creatura sobre o conjuncto dos conhecimentos que ensinava ás suas discípulas.

- Primeiro que todas as línguas modernas, respondeu-me ella com ar modesto: francez, allemão, hespanhol e italiano: latim e, sendo preciso, alguns elementos do grego: inglez, bem entendido: a arte de se exprimir segundo as regras da lógica: geographia e astronomia, estudadas nas espheras terrestres e celeste: álgebra, mas somente até as equações do quarto grão porque, bem percebe, senhor Snob, que não se nos devem exigir cousas excessivas a nós pobres mulheres: em seguida historia antiga e moderna, complemento necessário de toda a educação de uma menina: n'este ponto desejo puxar pelas minhas alunnas tanto quanto possível um bocado de botânica, geologia, de mineralogia, por divertimento, e com isto asseguro lhe que há o sufficiente para preencher os nossos dias em Evergreens sem haver tempo de nos aborrecermos.

- Louvado seja Deus! Pensei eu comigo mesmo; ahi está o que se chama uma educação! Mas, examinando um caderno de versos, manuscriptos por uma das misses Ponto, achei logo cinco erros de francez em quatro palavras. D'outra vez, tendo perguntado por desfastio a miss Wirt, a propósito de Dante Alighieri, d'onde lhe provinha o nome: "Ah! é porque era natural d'Alguém me respondeu Ella com um sorriso, satisfeito e affirmativo, o qual me não deixou nenhum dúvida sobre a solidez dos seus conhecimentos. (*ESTADO DA PARAÍBA*, 31/10/1891, nº 375, p.01)

⁵⁶ Snob: [Prov. Eng. *Snob*, snot, *snot*, a miserable fellow. Cf. Ger. *Schnoben*, equivalent to *schnieben*. See SNIFF.]

1. An affected and pretentious person, especially a vulgar person, who apes gentility, or affects the intimacy of noble or distinguished persons.

A *snob* is that man or woman who is always pretending to be something better – especially richer or more fashionable – than they are. *Thackeray*.

2. (Eng. Universities) A townsman, as opposed to a gownsman.

3. A journeyman shoemaker. *Halliwel*.

4. One who works for lower wages in a strike.

Those who work for lower wages during a strike are called *snobs*, the men who stand out being "nobs". *De Quincey*. (WEBSTER, 1879, p. 1251).

Nessa passagem a família procura, por meio da educação, imitar os padrões sociais de riqueza. Contudo é notório que tanta ocupação e tantas atribuições não foram capazes de sanar o que a *persona* classifica de ‘simples erros’. Para escapar das marcas que intitulam a família camponesa de pobre ou simples, os patriarcas apostam na educação dos filhos como uma oportunidade de equiparar-se aos snobs nobres. Essa representação também é constatada nas páginas do jornal paraibano *Estado da Paraíba*. No intuito de obter conhecimento são oferecidas nos anúncios do periódico aulas de latim, português, inglês, entre outras disciplinas; nestas as moças e rapazes buscavam enquadrar-se no ensino da época e na exatidão no seu conhecimento.

Ser *snob* não significa necessariamente não ter riquezas, bens materiais, mas o mau comportamento, a falta de postura em público ou o excesso e/ou necessidade de aparecer levam uma pessoa a ser chamada de *snob*, vejamos:

Como impedir a Snobocracia, com instituições nacionaes que parecem não ter sido feitas senão para a sua glorificação? Como impedir que todas essas espinhas se curvem diante dos lords? E a lama de que somos feitos que assim o quer. Onde está o homem capaz de resistir a esta violenta tentação? Arrastados pelo que se chama uma nobre emulação, alguns precipitam-se na liça e influem-se n’essa furiosa corrida das honras, até finalmente lhes porém mão em cima: outros, demasiado fracos ou excessivamente pequenos para a luta, contentam-se com uma admiração cega e com uma prostração completa diante dos vencedores: outros, finalmente, incapazes de conquistarem jamais seja o que for, abandonam-se a todos os excessos do ódio, da inveja e do ultraje. (*ESTADO DA PARAÍBA*, 20/07/1891, nº 296, p.01)

O *snob* não tem classe e nem escolhe a situação na qual vai aparecer, basta um pouco de pretensão a algo que o esnobismo já é detectado. Nos lordes o esnobismo aparece de forma arrogante e vil; no cidadão comum o esnobismo desponta a partir da bajulação aos vistosos; isso se confirma na citação acima quando a Sra. Marquesa se recusa a relacionar-se com um povo “inferior” a ela, que se julga tão acima de nós. No contexto da Paraíba, nós vivíamos no século XIX em uma sociedade escravocrata, na qual as pessoas da alta classe social não se misturavam com os escravos.

Contam os historiados ingleses que na Inglaterra do século XVIII e XIX, junto ao nome do cidadão trabalhador vinha a sua profissão e a classe social da pessoa, ou seja, se fosse um simples burguês, ao lado do seu nome viria s.nob., que significa *sine nobilitate* (sem nobreza). O mesmo acontecia, por exemplo, nas universidades frequentadas por filhos de nobres; alguns docentes diferenciavam os filhos dos

aristocratas daqueles da classe burguesa colocando ao lado do nome do aluno que não era nobre a sigla s. nob. Essa seria a suposta origem da palavra snob; originalmente da Inglaterra, a expressão se popularizou a partir da publicação e circulação da obra do romancista inglês W. M. Thackeray (1846).

Apesar das tentativas de atribuir uma definição para o termo snob (Inglaterra/França), snobe (Portugal) e esnobe (Brasil), para Thackeray “A palavra esnobe ocupou um lugar em nosso honesto vocabulário inglês. Talvez não saibamos defini-la. Não podemos dizer o que é, assim como não conseguimos definir a graça, o humor ou a falsidade, mas sabemos o que é” (THACKERAY, 2010, p.247). Embora não seja um termo com uma definição específica, podemos constatar por meio das explicações supracitadas que o léxico empregado até o século XVIII está em desuso, ou seja, o termo a partir do século XIX passa a carregar outro conceito. Logo, não interessa apenas o nível social ao qual o snob pertence, mas o comportamento que aquele snob tem. Vejamos:

Um homem que faz tudo quanto pôde para sair da esfera em que o seu nascimento o collocou que procura fazer acceitar os seus convites aos lordes, aos generaes, aos *aldermen* e outros grandes personagens, mas que regatera a sua hospitalidade a respeito das pessoas da sua condição, pertence também à classe dos Snobs que dão de jantar [...]. A este pressuposto tenho ainda a dizer-vos, que conheço por esse mundo certa gente que se considera offendida e ultrajada, se o jantar ou os convivas não são do seu agrado. Ahi está, por exemplo, Guttlington que quando janta em casa, passa de ordinário com um bocado de cozido de vacca, que manda buscar a taverna próxima: convida-o porém, a jantar convosco; se por acaso lhe não daes ervilhas no fim de maio, pepinos em março para comer com reduvalho, ficae sabendo que, aos olhos d’elle, lhe fizeste uma offensa irremissível em convidá-lo [...]. (ESTADO DA PARAÍBA, 27/09/1891, nº 347, p.01)

Mesquinhez, ostentação, dentre outros são alguns dos fatores que também classificam qualquer indivíduo como snob. O fato de dar jantares não o classifica como snob, mas sim a maneira como o convidado se porta no jantar, a forma como interagi com os demais convidados, e até mesmo os pratos ofertados durante a refeição aparecem como atributos para classificar o indivíduo como snob. Um convidado deixa de ser visita e passa a ser snob a partir do momento em que ele começa a desprezar as honrarias feitas pelo anfitrião, o mesmo ocorre quando o anfitrião se enaltece diante do convidado, o deixando constrangido e incomodado. Isso remete claramente ao

desenvolvimento do decoro retórico, ou seja, deve haver um pudor no discurso. Segundo Hansen (2013, p. 25),

“o decoro, por sua vez, articula-se a uma doutrina do méson, proportio ou commensuratio: enfim, doutrina da medida, como proporção que regra os efeitos dos estilos, adequando-os aos preceitos dos gêneros, aos topoi ou lugares comuns das matérias tratadas, aos destinatários e às circunstâncias”.

Logo, a conveniência do discurso e as situações devem ser moldadas, pensadas e fundamentadas nas técnicas retóricas, lembrando sempre que:

[...] o que é fundamental e muito interessante, quando se pensa no decoro do discurso: aristotelicamente, a própria areté ou virtus se torna kakia ou vitium quando há excesso (híperbole) ou falta de sua aplicação, uma vez que a virtude sempre coincide com o meio-termo racional posto entre dois extremos, o da falta e o do excesso de virtude. (HANSEN, 2013, p. 40)

Também não é correto atribuir o termo *snob* apenas para as pessoas de baixo nível social, pois como mesmo relatou Thackeray “[...] uma imensa porcentagem de snobs deve ser encontrada em cada uma das classes desta vida mortal.” (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 1891, nº 288). Logo, com base em tudo que foi dito até o momento, a palavra *snob* pode ser vista como uma pessoa presunçosa, que busca imitar em tudo as pessoas de alta posição social e econômica, “1. Que mostra esnobismo; pedante, presunçoso, pretencioso: homem esnobe. 2. Pessoa esnobe” (BECHARA, 2011, p. 532).

Assim como o termo *snob* repercutiu na Inglaterra do século XVIII e XIX, esta palavra também foi motivo de debate nas páginas dos jornais paraibanos. Vejamos, o que a esse respeito, comenta o jornal *O Estado da Paraíba*:

O que é snobismo?

Um leitor escreveu a seguinte carta ao celebre critico francez Sarcey: Venho pedir-lhe a fineza de me dizer o que significa os vocábulos “snob” e “snobismo”.

Leio o mais que posso e repetidas vezes se me tem deparado estas locuções de origem ingleza. Mas esses escriptores que as empregavão não erão muito claros ou provavelmente por defeito de minha intelligencia, o certo é que o sentido preciso de “snob” e de “snobismo” me não foi nunca revelado de um modo bem claro.

Sarcey da nestes termos a definição pedida.

“Snob” veio-nos de um livro de Thackeray cuja tradução teve em França um êxito enorme. Thackeray designava por esse nome de *snob* os phariseus do seu paiz, os que affectavão em publico uma conducta

muito regular e uma linguagem muito comedida ao passo que se entregavam clandestinamente a todas as devassidões.

O personagem deste nome possui já o seu qualificativo próprio: era o de hypocrita ou ainda o de tartufo; e algumas vezes mesmo para accentuar melhor essa espécie de hypocrisia applicava-se-lhe o epitheto farisaico.

Ao passar para o nosso paiz, o termo “snob” parece haver perdido alguma cousa da sua energia primitiva. Designa uma espécie de hypocrisia muito particular.

O snobismo é uma “pose”, uma affectação de um sentimento que se não possui, mas que o bom tom e o bom gosto recommendão que se possua.

Por exemplo: neste momento os amigos fingem extasiar-se em frente das elocubrações nebulosas de Ibsen, das quaes não percebem nada; ahi temos um caso de snobismo. Quando se lhes falla de Wagner, exclamão: Oh! Wagner! Oh! A “Walkirien”! e no fundo toda a sua paixão é pela “Traviata”. Snobismo!

Notem que se verdadeira e sinceramente gostão de Wagner e de Ibsen, já não são ‘snobs’. O snobismo é uma affectação. Há snobismos de todas as espécies, porque há tantos snobismos como affectações e o numero destas é infinito.

O “snob” extasia se em frente daquilo que não comprehende que não admira e de que não gosta. Dir-me-hão que a palavra “papalvo” exprime qualquer cousa de análogo. Sim, mas o papalvo admira e pasma de boa fé. Admira sem comprehender, mas admira sinceramente na innocencia do seu coração.

O “snob” é um palpavo pretencioso (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 20/01/1893, nº 09, p. 02).

Neste artigo publicado no jornal *O Estado da Paraíba*, temos a tradução da carta de um leitor, provavelmente enviada para um jornal francês. Primeiramente devemos observar que essa carta circulou no jornal paraibano aproximadamente um ano após o fim da circulação do romance *O livro dos Snobs*, sendo assim constatamos que a obra de Thackeray gerou algum tipo de repercussão na província paraibana, pois mesmo após a publicação do romance, a discussão continuava efervescente.

No discurso do suposto leitor, encontramos, além de uma caracterização do jornal, uma representação do que se esperava de um periódico que se propusesse a ser “moral” no século XIX. O leitor questiona a definição do termo *snob* e julga o jornal capaz de sanar as dúvidas que “a minha intelligencia” não consegue compreender. A julgar pelas palavras dirigidas ao jornal, a carta aparenta ter sido destinada ao jornalista francês Francisque Sarcey (1827 – 1899), ou pelo menos teria sido essa a estratégia utilizada pelo editorial do jornal paraibano no intuito de discutir a respeito do vocábulo *snob*. É possível verificar nesta carta que atribuir a definição do termo *snob* ao “célebre francês” já tornava a missiva um modelo, um referencial aos leitores que almejavam compreender o vocábulo; contudo, não importa quem traduziu ou quem escreveu a

carta, pois o próprio jornal paraibano funcionava como uma instância legitimadora do escrito. Logo, mencionar ou atribuir tal carta a um francês apenas atesta o que o jornal da Paraíba afirma, além de dar mais um referencial de prestígio junto ao público brasileiro/paraibano.

Na Inglaterra e França as pessoas tinham dúvida quanto ao emprego do vocábulo *snob*, mesmo sendo utilizado pelos ingleses e franceses desde o fim do século XVIII/início do XIX, o significado da palavra era muito discutido. Para os leitores do território brasileiro essa confusão etimológica foi ainda maior, pois além de ser um termo novo, o vocábulo *snob* também não pertence à língua materna. Outro quesito que chama a atenção é o fato do leitor escrever para um jornalista francês. Independente da autoria da carta, o que sabemos é que as missivas eram inseridas nas páginas dos jornais e muitas vezes ganhavam um teor jornalístico devido à veracidade como os fatos eram apresentados (BARBOSA, 2010). Contudo, esses escritos muitas vezes são vistos como uma estratégia do redator que procura utilizar todos os artifícios da carta para realmente parecer que foi escrita pelo público.

Por fim, esta carta só reforça o que Thackeray já vinha afirmando em seus escritos, ou seja, o termo *snob* é desprovido de um significado fixo e para a época ele estava propenso a vários sentidos, a depender do local em que fosse inserido. Embora haja uma tentativa da parte de Sarcey de esclarecer as dúvidas do público, ora classificando os *snobs* como “fariseus”, “hipócritas”, ora os colocando como “palpavo” ou “palpavo pretencioso” – expressões cujo significado é histórico – é nítida a dificuldade do próprio jornalista em atribuir uma definição para o termo. O que o jornalista afirma, e que de fato condiz com a história, é que o termo ganhou destaque após a publicação do livro de Thackeray.

3.2.3 As táticas de um *snob* escritor

Devido à falta de parâmetro para os escritos do século XIX a obra de Thackeray ora é apresentada como artigo, ora como romance, observemos:

A série de artigos sarcásticos de Thackeray, *Os Esnobes da Inglaterra, por um deles*, que teve muito sucesso durante anos, tornou-se famoso. Aparecendo primeiro no *Punch* em 1846, os artigos foram publicados juntos sob o título de *O Livro dos esnobes*, ilustrados pelo autor (WEBB, 2010, p. 13, grifo nosso).

O fato de terem sido publicadas em uma coluna de forma vertical, na página inicial do jornal, como é o caso de *O livro dos snobs*, W. M. Thackeray, pode sugerir simplesmente que não havia espaço para dois romances-folhetins no mesmo jornal... (BARBOSA, 2011, p. 26, grifo nosso).

Eu mal sei como foi que chegamos ao nº 45 dessa presente série de ensaaios, meus queridos amigos e irmãos esnobes... (THACKERAY, 2010, p. 245, grifo nosso).

Notemos como o conceito de literatura à época era muito mais abrangente do que temos hoje. Desse modo, no século XIX o gênero romance, hoje considerado um gênero narrativo, era tido como o mais flexível dos gêneros literários, ou seja, quando não sabiam a qual gênero pertencia o escrito, classificavam-no como romance (WATT, 2010, p. 10).

Outro aspecto que merece destaque neste trabalho é a atenção do público durante a leitura da obra *O Livro dos Snobs* diz respeito à escrita. No decorrer do romance, observamos que a voz predominante é de um narrador típico de ficção. Durante toda a ficção o narrador apresenta um relato do que vivenciou no período em que estava produzindo *O livro dos snobs*, abordando aspectos geográficos, sociais, culturais e etc. Esses relatórios e esboços se misturam e confundem o leitor devido ao foco narrativo. Vejamos:

[...] – Senhor Snob, me disse ella, sentimo-nos todos muito felizes com a sua visita a Evergreens. (*O Estado da Paraíba*, 24/10/1891, nº 369, p. 01)

[...] Todos estes preparativos, pensava eu de mim para mim, são feitos para a exibição do lordesinho. Todos estes sacrifícios são dedicados aquelle agregado clarim de dragões, que cheira a tabaco, que tresanda, e que mal sabe assignar o seu nome, ao passo que um eminente e profundo moralista, como alguém que eu conheço muito de perto, se vê todos os dias condenando a comer carneiro frio e restos de carne de porco [...] (*O Estado da Paraíba*, 18/11/1891, nº 389).

É importante discutir os modos da escrita para que durante a análise da obra não haja confusão ou interpretação errônea. Com base no fragmento acima, observamos que o narrador se coloca durante toda a obra no lugar de personagem, o que acaba gerando dúvidas durante a leitura quanto à realidade dos fatos relatados. Contudo, esse jogo com a escrita é uma estratégia de Thackeray com o intuito de envolver o leitor e jogar com a ficção e a realidade. As atribuições de nome próprio aos personagens conferiram uma função social a eles, tornando-os ainda mais reais para o público. Essa mistura de vozes

permite ao romance moralizar sem assustar o público leitor, pois é mais fácil educar e conscientizar por meio de exemplos, do que através da imposição.

O narrador atribui características mais reais a história, sem perder a essência do romance, “sendo a obra de arte literária matéria ficcional, claro está que a realidade nela revelada não se confunde com a realidade socialmente dada.” (PROENÇA FILHO, 1987, p. 35). Por se tratar de uma obra satírica, os escritos exprimem não só o ponto de vista do autor, mas também refletem a opinião pública, tornando-se uma importante forma de expressão.

3.2.4 *Os snobs caricaturados e suas representações*

Na obra, que tem como tema principal a supremacia social da classe elevada, observamos que Thackeray utiliza elementos da narrativa, figuras de linguagem e do humor para construir, enquanto representação, um discurso crítico sobre o mundo social da Inglaterra vitoriana. Dessa forma, discorrer a respeito deste assunto era falar de, por exemplo, militares indisciplinados, clérigos indecorosos, turistas arrogantes, enfim, traçar uma visão clara da sociedade snob em que Thackeray estava inserido.

Na construção dos personagens, a obra não consta de um personagem fixo, como acontece, por exemplo, no romance *Madame Bovary* (1857), no qual temos a personagem Emma como protagonista de toda a obra. *O Livro dos Snobs* tem vários personagens caricaturados que sedimentam a visão supracitada sobre o que vem a ser considerado um snob em pleno século XIX inglês, “em uma análise sequencial, podemos considerar cada personagem como o principal da sua sequência” (SOARES, 1989, p. 47), ou seja, durante toda obra observamos uma grande variedade de snobs, no qual cada um representa a sua classe com destaque para as características e diferenças. Vale destacar que, em se tratando de personagens do tipo caricatura, que seria um “personagem reconhecido por características fixas e ridículas. Geralmente é uma personagem presente em histórias de humor” (GANCHO, 2006, p. 21), em que o humor e a sátira prevalecem, esses aspectos apontados tomam maior proporção durante a construção dos discursos.

Alguns personagens são representações de pessoas que convivem com Thackeray, a exemplo do coronel Snobley, da grã-duquesa Stephany de Baden, entre outros (*O Estado da Paraíba*, 1891). Contudo, alguns nomes e expressões foram criados

pelo autor ou aparecem em sua língua original, como é o caso do Sr. Marrowfat, versão inglesa da palavra ervilha. Este jogo com as palavras ajuda a contextualizar e compreender as representações das histórias retratadas no decorrer do livro. A sátira “como trocadilho, ainda, o nome próprio também é deslocado para funções adjetivas e, por vezes, ironicamente situado no contexto discursivo pela análise de sua etimologia” (HANSEN, 2004, p. 389). Mesmo quando apresentado de maneira sutil, o humor torna-se uma arma de protesto, refutação e subversão.

Os personagens que compõem a obra são todos snobs; contudo, de acordo com Thackeray não podemos restringir um coronel, por exemplo, a um simples snob. Os snobs se subdividem em relativos, positivo, real, submisso, respeitáveis, janotas, enfim, cada pessoa se enquadra em um tipo de snob, vejamos:

“Póde ser-se Snob ou relativamente ou positivamente. Por Snobs positivos, entendo aquelles que ficam sendo Snobs em qualquer parte que se achem, que não deixam nunca de o ser desde pela manhã até a noite, desde o berço até a sepultura, aquelles que a natureza fez Snobs por essência, ao passo que outros não dão provas de Snobismo senão em casos particulares ou em certas ocorrências” (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 19/07/1891, nº 289, p. 01).

Outra característica relevante é que os personagens considerados snobs são, em sua maioria, autoridades ou representantes governamentais. O primeiro personagem snob da alta patente a serem representados são os militares, “Se não há sociedade mais agradável do que a de officiaes, não conheço no mundo nenhuma mais intolerável do que a dos Snobs militares” (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 1891, nº 317). Todos os militares descritos na obra desde os militares médicos, guardas e até os coronéis são representados como o mais completo snob. Esses profissionais cujo poder está na vestimenta, utilizam da farda para menosprezar e desprezar cidadãos comuns. Constatemos:

Não tem vergonha de se vestir ainda como um rapazinho e de dissimular aquella velha carcassa debaixo de um colete almofadado de algodão em rama, como se fosse ainda o bello George Tufto de 1800. É um conjunto de egoismo, de brutalidade, de arbatamento e de glutenaria. É bello vê-lo á mesa, com os seus olhinhos injetados de sangue, a devorar com elles anticipadamente o que tem no prato. Cada uma das suas phrazes é acompanhada de uma praga, e, depois do jantar, conta histórias de caserna, as mais escabrosas que se possam ouvir. Em razão do seu posto e dos seus serviços, todos se crêem obrigados a certas considerações para com esse velho grosseirão, tão carregado de títulos como de medalhas. Enquanto a elle, olha-vos do

alto da sua grandeza, e testemunha-vos o seu desprezo com uma ingenuidade cnvicta, que é divertido ver. Talvez se elle tivesse abraçado outra profissão, não tivesse vindo a ser a miserável criatura que se vos apresenta diante dos olhos. Mas que havia de escolher, se não servia para nada? (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 23/08/ 1891, nº 318, p. 01).

Ao tomar os padres e sacerdotes como personagens principais nos capítulos XI, XII e XIII, o autor consegue chocar o público britânico, tendo em vista que a sua obra estava inserida em um país cujos dogmas e ritos se assemelham aos proferidos pela Igreja Católica Romana. Os clérigos, normalmente descritos e vistos pela sociedade como exemplo de reputação e conduta, “é, sem contradicção, uma das espécies de Snobs mais numerosas e mais importantes d’este vasto museu” (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 1891, nº 322, p. 01). Tidos como guia espiritual de todos os filhos de Deus, pessoas humildes e desprendidos de qualquer apego material, os padres retratados por Thackeray são elegantes, vaidosos, cheirosos e galanteadores. Apesar de afirmar respeito pela batina dos sacerdotes, o autor da obra não poupa nem mesmo o bispo,

Depois da morte da princesa Sumroo, de tão respeitável memória, acham-se no testamento que ella tinha legado 10.000 libras ao papa e 10.000 libras ao arcebispo de Canterbury. D’este modo, tinha o seu negócio seguro: e qualquer que fosse o lado onde estivesse o bom partido, não podia deixar de ter a seu favor as potencias religiosas. Ahi está Snobismo sem nenhum disfarce e que se ostenta ainda em mais completa nudez de que nos exemplos procedentes (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 02/09/1891, nº 326, p. 01).

Vale destacar que nem todos os clérigos se enquadram como snobs, contudo, as críticas do autor recaem sobre as autoridades eclesiásticas que professam uma fé e vivem algo completamente diferente, ou seja, tais clérigos não têm decoro. Além dos militares e clérigos, os reis também estão inseridos como homens snobs, “E porque é que os reis não haviam de ser homens e Snobs ao mesmo tempo? N’um paiz em que os Snobs estão em maioria, com certeza não fica mal ver o mais Snob de todos governar os outros” (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 1891, nº 293).

A Inglaterra do século XIX estava sob o Reinado de Elizabeth, contudo o narrador não tomou o reinado da rainha como exemplo, todos os reis mencionados em sua obra são de reinos vizinhos, esta foi a tática que o autor inglês utilizou para se favorecer. O olhar crítico acaba por desconstruir a imagem da aristocracia, estes vistos pela sociedade como seres inigualáveis, perfeitos e soberanos, contudo é possível

observar que tecer carapuças sobre os monarcas das redondezas resguarda o narrador dos olhares agressivos da sociedade vitoriana, evitando maiores conflitos entre Thackeray e as autoridades. Outra hipótese é que a obra foi escrita em um período em que a Grã-Bretanha estava sendo governada por uma rainha e durante toda a história dos snobs, a sátira recai sobre representações masculinas, e nunca femininas. “Isso ocorre porque a *persona* satírica é quase sempre masculina, aliás, pois é a partir do masculino que se determina a ‘puta’” (HANSEN, 2004, p. 334). Essa também seria uma forma do narrador se defender das astúcias femininas, tendo em vista que ao falar da mulher ele estaria dando espaço para o falatório feminino.

Os criados também aparecem lado a lado com os reis; para o narrador os snobs estão em todas as partes, principalmente na criadagem, ou melhor, esnobezinhos submissos, como são chamados. Esses criados são representações daqueles que prestam mão de obra barata para classe social alta; independente da Inglaterra ou do Brasil, às famílias de classe social elevada possuíam em suas residências um criado, ou seja, alguém responsável pelos afazeres domésticos. Os reis são um dos responsáveis mais influentes na propagação dos snobs, pois estes são, normalmente, snobs de berço. O convívio com os snobs reais, e a subserviência aos aristocratas snobs promovem uma disseminação do esnobismo na classe baixa, observemos:

Além disto, dizer d’este ou daquelle gracioso monarcha que é um Snobe, corresponde simplesmente a dizer que o Senhor em questão é um homem. E porque é que os reis não haviam de ser homens e Snobs ao mesmo tempo? N’um paiz em que os Snobs estão em maioria, com certeza não fica mal ver o mais Snob de todos governar os outros. Entre nós, obtiveram um êxito de admiração. (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 24/07/1891, nº 293, p. 01).

Como estratégia, o autor passa a inserir a opinião do público na obra, ou seja, fragmentos de bilhetes e cartas que chegam ao jornal contendo sugestões de snobs e/ou questionamentos. Como exemplo, temos o caso de um leitor que achou estranho o fato dos snobs estarem em todas as classes sociais, mas Thackeray retratava apenas os aristocráticos.

Debalde procurariam constesta-lo: esta serie de capítulos produziu uma das sensações mais prodigiosas nas diversas classes d’esta nação: os pontos de admiração (!) e de interrogação (?), as demonstrações de censura ou os testemunhos de sympathia, n’uma palavra as maiores descomposturas teem vindo de toda a parte abysmar-se na caixa de

correspondência de *M. Punch*. [...] Porque se ocupa tão somente dos Snobs da aristocracia? Nos diz um estimável correspondente (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 18/08/1891, nº 313/314, p. 02).

Esse trecho, assim como outras tantas passagens da obra, confirma a ativa participação dos leitores no jornal (BARBOSA, 2007), nos mais diferentes escritos: cartas, bilhetes, entre outros, além de enfatizar o incômodo dos leitores com o fato de publicarem apenas a respeito dos snobs aristocráticos. Isso nos revela o quanta a obra causou algum impacto na sociedade vitoriana, pois durante toda a publicação e circulação d'*O Livro dos Snobs*, o público continua participando constantemente. Contudo, por se tratar de um escrito que circulou em um jornal do século XIX, temos que nos questionar se essa missiva inserida no corpo do texto é fictícia ou se realmente foi escrita por um leitor. Independente da veracidade da carta, Thackeray utilizou um gênero que, naquele momento, atuava como um agente que conferia autenticidade aos escritos. Vale ressaltar a importância do gênero epistolar no século XVIII e XIX, a carta era vista como uma espécie de autoridade que confere maior legitimidade e confiança aos leitores.

Como era comum à época, os leitores se apropriavam dos textos lidos e os tomavam como modelo de representação. Exemplo disso é a carta inserida no volume II, capítulo VII do romance,

“Senhor Punch,

Os seus artigos a respeito dos Snobs são para nós interessantíssimos, e estamos cada vez com mais curiosidade de saber em qual das categorias d'esta respeitável associação fará o favor de inscrever-nos. Somos três irmãa: a mais nova tem dezeseite annos, e a mais velha vinte e dois; o nosso pae pertence honesta e realmente a uma excellente familia. Dir-nos-ha talvez que esta declaração cheira um tanto ou quanto a Snobismo: mas fazemo-la apenas para que os factos fiquem bem estabelecidos. Nosso avô materno era conde...(Ah! Cuidado, menina, o seu avô, que acaba de mostrar-se, espalha um forte cheiro de Snobismo).

Temos a riqueza sufficiente para mandar vir pelo correio um exemplar das suas obras e das de Dickens, a medida que forem saindo; mas por mais que esquadrimos a nossa casa não encontrarão o *Almanach do pariato*, nem o *Annuario da nobreza* ou cousa semelhante.

Temos meza farta. É excellente a nossa adega, e á falta escanção temos uma creada de avental branco. Nosso pae é militar, tem viajado muito e frequentado sociedade selectas. Temos cocheiro e trintanario, mas não cobrimos este ultimo de botões, mas fazemos qualquer d'elles apparecer na casa de jantar como *Stripe* *Tummu*... (Arranjar essas cousas como muito bem lhe parece, nada tenho que dizer ao maior ou menor numero de botões).

Temos tantas atenções para com as pessoas que teem appendice no primeiro nome, como para com aquellas que tem esse nome sem mais nada. Usamos de crinolina com toda a moderação. (Faço-lhes, minhas meninas, os mais sinceros cumprimentos). Não levamos a manhã a mandriar... (Ainda bem! Ainda bem!) As nossas refeições, cuja abundancia em nada prejudica a qualidade, são nos servidas em porcelana apesar de termos baixella de prata.... (Ah! Apanhei-as d'esta vez. Façamos uma aposta! Eis o que há de mais Snob n'este mundo: ponho muito em duvida que jantem tão bem quando estão sozinhas como tendo visitas, porque n'este caso hão de apurar forçosamente os primores culinários). E são tão tinas quando estamos sós, como se temos pessoas de fora.

E agora, meu caro Senhor Punch, far-nos-há um grande obsequio, se nos conceder duas linhas de resposta no seu próximo número. Fique certo do nosso conhecimento; mas toda a gente, incluindo nosso pae, ignora este passo que estamos dando. Obrigamo-nos a nunca mais o importunar... (Mas, minhas senhoras nem por sombras me importunam... O que devem é prevenir o papa) Se nos favorecer com uma resposta, passaremos alguns instantes deliciosos, e ficará tudo acabado.

Se tiverdes a coragem de chegar até o fim d'essa carta, fal-a-há provavelmente tomar o caminho do seu fogão; contra isso é que nada posso: mas o meu temperamento sanguíneo manten-me n'uma esperança mais lisongeira. Em todo caso, espero com impaciência o seu numero de domingo, porque é o dia da sua chegada aqui, e, confesso-o envergonhada não podemos resistir ao prazer de lê-lo na carruagem, quando voltamos da egreja para casa. (E a etiqueta, meninas, a etiqueta? Que diria a isso o grão-mestre de cerimonias?)

Confesso-me etc...etc...por mim e minhas irmãs.

Desculpe as garatujas: deixo apenas galopar constantemente pelo papel adiantado. (E a inspiração, pois não é?)

P.S. Sempre lhe quero dizer que na semana passada não o achei na plenitude de seu bom senso (Oh! Minhas queridas meninas, é um erro dos mais graves.)

Não temos couteiro, mas, a despeito dos caçados furtivos, resta-nos ainda a caça sufficiente para os passatempos das pessoas de nossa amizade. Nunca escrevemos em papel aromatizado, e n'uma palavra, temos todas as razões para crer que, se nos conhecesse, nos havia de declarar puras de todo o Snobismo" (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 28/11/1891, nº 398/400, p. 01).

Desde o formato até a brevidade e clareza utilizada na composição da carta nos remete aos manuais epistolares do século XVIII e XIX, "a carta é definida como um diálogo entre amigos e, como tal, deve ser breve e clara, adaptando-se aos seus destinatários e empregando o estilo mais apropriado" (TIN, 2005, p. 18). Durante a leitura da carta ficcional, observamos algumas interferências do narrador em forma de diálogo, dando a entender que são respostas para os questionamentos interpostos na missiva. Alguns termos utilizados na carta são satirizados pelo autor do romance que aproveita algumas lacunas para apontar aspectos que induzem o esnobismo.

A carta é marcada pelo interesse da suposta leitora em saber se ela, suas irmãs e sua família se enquadram na categoria snob. No entanto, antes de relatar a sua vida, a moça tece elogios aos artigos da revista *Punch*, a representação desse momento é assinalada pelo uso de adjetivos como “interessantíssimos”, notemos que a flexão eleva a intensidade e a força da palavra intensificando o sentido do que é expresso, além de enaltecer o assunto de que trata a carta. Iniciar a missiva com essa saudação amistosa também era uma forma de chamar a atenção do destinatário.

Tanto a leitora quanto o narrador utilizam a ironia para tratar dos snobs. No século XIX brasileiro a participação da mulher nos jornais era mínima, as moças não tinham voz nem vez, e os assuntos a elas destinados resumem-se ao casamento, moda e casa, dessa forma, o que uma mulher poderia falar ou contribuir a cerca dos snobs? Outra ironia sutil é o fato dessa suposta leitora tratar os snobs como uma “respeitável associação”, nesse caso a mensagem obtém um efeito crítico, tendo em vista que em momento algum os snobs são respeitados, pelo contrário, eles são representados como figuras satíricas.

A vaidade e a presunção andam ao lado do discurso da leitora, além de exaltar a riqueza, a moça faz questão de apresentar o avô como conde. Antes mesmo da *persona* interferir na sua fala, o leitor já é capaz de reconhecer a incredibilidade, a malícia da mulher. A ironia sarcástica e o forte esnobismo recaem em passagens como “Nosso pae é militar, tem viajado muito e frequentado sociedade selectas”, aparentemente a leitora sabe que sua família é snob, mas ela sente a necessidade de mostrar isso aos demais. Vejamos que a família não frequenta qualquer local, não come qualquer alimento e possui à sua disposição vários criados, todas as características já foram representadas de alguma forma nos capítulos que antecedem a publicação da carta, então concluímos que a carta aparece nessa parte do romance com o objetivo de reforçar tudo o que já foi dito, anteriormente, a respeito dos snobs.

Segundo Delumeau (1989, p. 343) a mulher é vista como algo ruim, satânica, ou seja, uma representação bem negativa da imagem feminina, “[...] em dez provérbios franceses dos séculos XV-XVII relativos à mulher, sete em média lhe são hostis. Aqueles que lhe são favoráveis destacam as virtudes da esposa boa dona-de-casa, dando a entender, aliás, que tal pérola é rara”. É interessante observar que assim como Delumeau (1989) aborda a mulher como simples objeto, na carta publicada na obra de Thackeray, o narrador coloca esse discurso específico na voz de uma mulher, quase como ratificando uma imagem de mulher inferior ao do homem, como se ela fosse de

nascença vaidosa e interesseira, logo essa é uma representação bem negativa. Ao mesmo tempo, ao colocar na voz de uma mulher, por consequência, não está na boca de um homem, que necessariamente estaria enquadrado em um lugar social, diferente da mulher no século XIX que não tem trabalho, nem pode opinar nas questões políticas e sociais.

Quase no fim da missiva, o narrador questiona a respeito da formalidade da menina: onde está a classe e os manuais de boas condutas que as mulheres devem seguir, ainda mais em se tratando de uma moça de classe tão elevada? Atentemos que, segundo a carta, fica explícito que essa deve ser única e exclusivamente a preocupação da moça, de nada adianta os questionamentos ou dúvidas da leitora a respeito dos snobs, pois o narrador a todo momento tenta colocá-la em seu lugar de mulher.

Embora a epístola tenha sido escrita por uma mulher, em sua resposta o autor ataca o pai e a família da moça, pois “a *persona* satírica é quase sempre masculina, aliás, pois é a partir do masculino que se determina a ‘puta’” (HANSEN, 2004, p. 334). A figura da mulher, embora pouco explorada na obra de Thackeray, é apresentada sempre com os padrões postulados pela sociedade, em caso de desvio desta conduta, a mulher é satirizada.

Observemos também a necessidade de exaltar alguns aspectos, como o uso de mordomos, criadas, dentre outros, estes são peças fundamentais para a ascensão social na era vitoriana (XIX). Já no final da epístola, o tom satírico vai dando espaço ao teor de ameaça e suspense. No intuito de intimidar o autor dos artigos da *Punch* a leitora fala da sua necessidade de resposta e da sua ansiedade em tê-la nos próximos dias, contudo o narrador satiriza a leitora lembrando os preceitos da etiqueta. Alguns recursos da convenção retórica, como hipérbole, alegoria, dentre outros, são utilizados pelo autor durante a resposta da carta para insultar, a exemplo de “linda dama de carinha de manhosa”, “meninas tão adoráveis”, “meninas tão bem gênio”, dentre outros.

Outra característica peculiar e que nos remete às fábulas é o uso da moral da história em alguns capítulos da obra, ou seja, a história vem sempre acompanhada de um “ensinamento” moral, que nem sempre deve ser visto e compreendido como ensinamento, tendo em vista que estamos lidando com uma obra de teor satírico. Logo no capítulo I temos a representação de um Lorde inglês que, para obedecer às leis impostas pela sociedade, só queria comer de garfo e faca, sendo assim o narrador o inseriu na categoria de snob pelo fato do cidadão comer ervilhas usando tais talheres. Nesse caso, o julgamento moral apresentado no final do capítulo pode ser visto e

entendido como um sermão humorístico, pois à medida que o narrador ridiculariza o comportamento humano, ele utiliza da moral para exemplificar o que é certo e errado do ponto de vista dele. Certos costumes foram estabelecidos, mas não devem ser cumpridos milimetricamente, o narrador utilizou de um fato isolado para representar os costumes e hábitos impostos pela sociedade e, em caso de desvirtuar dos costumes, as pessoas o apontam como errado, neste caso Thackeray “postula a finalidade moral da crítica, mas demonstra prazer perverso em rebaixar as vítimas” (HANSEN, 2004, p. 259), observemos,

[...] se eu fosse a uma das suas reuniões a noite, de roupão e chinellas, em vez de traje obrigatório para todo o cavalheiro, isto é, de sapatos, colete bordado, chapéu de pasta, bofes engomados, e gravata a afogar: faria com isso um insulto a sociedade inteira: seria *comer as ervilhas com a faca*. [...] A sociedade tem as suas leis e o seu código especial, nem mais nem menos do que os governos, e devemos-nos contornar com ellas, quando, por outro lado, se pretende tirar proveito das regras estabelecidas para o bem estar geral (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 22/07/1891, nº 291, p. 01).

A moda, assim como a fala, é uma forma de discurso, ambas estabelecem preceitos que devem ser seguidos pela sociedade. Segundo Foucault (1996, p. 08)

[...] suponha que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Estes modelos de vestimentas, comportamento, dicção, entre outros, aparecem em todo o romance com o intuito de moralizar e educar a sociedade por meio de representações de pessoas que ao fugirem das convenções, costumes e hábitos impostos pela sociedade são satiricamente apontados como snobs. Thackeray também desenvolve a sátira na oposição vida urbana versus vida campestre; a partir do número 368 do jornal o autor irá dedicar as páginas do seu romance aos snobs do campo. Fugindo da cidade e escolhendo passar uma temporada no campo, o narrador acredita que é na vida rural que está o paraíso,

Aqui, ao menos, exclamei eu interiormente, tudo é sossego, felicidade e abundância. Vou, pois, finalmente vêr-me livre da proximidade dos Snobs. Com certeza que não podem existir aqui, n'esta deliciosa vivenda, n'esta nova Arcadia (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 23/10/1891, nº 368, p. 01).

Contudo, essa primeira impressão não dura muito tempo. Aos poucos tudo vira motivo de esnobismo, desde o jantar até o visitante lordesinho; o campo que antes era “um verdadeiro paraíso terrestre”, passa a ser descrito com ênfase nos detalhes negativos.

Toda a representação dos snobs do campo gira em torno da família do Sr. Ponto; estes almejam um estilo de vida superior a sua real condição financeira. Contudo, durante as diversas situações narradas observamos como o homem do campo tenta se equiparar ao homem urbano. Notemos que essa representação de homem snob do campo só é construída a partir do momento que a *persona* de Thackeray deixa de ocupar o espaço central na residência do Sr. Ponto; o fato de ter que ceder espaço para o lorde e de ter que participar de uma grande festa para recepcioná-lo, desperta o autor para o esnobismo, observemos:

Todos esses preparativos, pensava eu de mim para mim, são feitos para a exibição do lordesinho. Todos estes sacrifícios são dedicados aquele empregado clarim de dragões, que cheira a tabaco, que tresanda, e que mal sabe assignar o seu nome, ao passo que um eminente e profundo moralista, como alguém que eu conheço muito de perto, se vê todos os dias condenado a comer carneiro frio e restos de carne de porco (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 18/11/1891, nº 389, p. 01).

É possível notar que o louvor e a vituperação estão lado a lado neste fragmento: ao passo que temos a descrição de um homem obscuro, simples e servo devotado e aclamado, o homem ilustre, magistrado e moralista é tratado como um ser menor, sem grandes prestígios. A sátira está justamente nessa comparação entre um homem humilde e outro pertencente à classe social alta, ou seja, um “lordesinho” que ocupa uma posição social superior ao eminente snob.

O snob também estava presente no casamento, ainda mais no período de publicação do romance de Thackeray, em que as alianças políticas e financeiras rodeavam a instituição casamento (MEYER, 1996). A partir do número 403 do *Jornal da Paraíba* observamos que o casamento, na Inglaterra, não era visto como um enlace amoroso, mas sim como uma crítica ao que estava se tornando o enlace matrimonial na Inglaterra. Além de estar voltado para os ricos, o casamento era realizado a partir de acordos feitos entre as famílias. A mulher era instruída para desempenhar perante a sociedade o papel de mãe e esposa e só poderia se casar mediante algumas exigências, uma delas era o dote (ARIÈS; DUBY, 1873). A futura noiva deveria oferecer algum

benefício para a família do futuro marido e, conseqüentemente, para os futuros filhos, mesmo que existisse amor entre os jovens, o casamento só poderia acontecer mediante acordo. Na obra de Thackeray temos a representação de amor entre Jack e Letty, contudo esse casamento não pode ser concretizado, pois os pais dos jovens não entraram em um acordo quanto ao dote, vejamos:

Meu pae e o pae d'ella nunca puderam entender-se, continuou Jack. O general não consentiu em dar-lhe mais de mil libras de dote, e meu pae respondeu-lhe que por menos de oito mil não me deixava casar. Lovelace mandou-o para o meio do inferno e ficou tudo desmanchado. Pelo que respeita a Letty, disseram-me que estava muito embaixo. Ora! Poz-se mais caríacea e azeda do que a casca d'este limão. Mas não deites tanta porção no teu ponche, meu caro Snob. Ninguém suporta Ponche depois do vinho (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 05/12/1891, nº 404, p. 01).

Os questionamentos não ficam apenas no casamento arranjado, os snobs também estão entre os casais já casados. Nesse ponto o redator questiona os valores, tendo em vista que as representações de casais estão atrelados sempre ao dinheiro e nunca ao amor, ou seja, o casamento é representado a todo o momento como algo lucrativo,

Se o desditado Pump Temple e sua mulher volúvel e travessa arruinaram-se, arrastando outros em sua calamidade, é porque eles amam a classe e os cavalos, assim como a prata, as carruagens, os *Manuais da Corte*, a chapelaria, e sacrificariam tudo para obter esses bens (THACKERAY, 2010, p. 208)⁵⁷.

Neste fragmento constatamos o quanto as coisas materiais de alto valor financeiro eram almeçadas por casais capitalistas. Esse também poderia ser um dos motivos para o casamento não dar certo, pois a sede pela ascensão social fazia com que muitos casais deixassem de caminhar juntos. Tais snobs interesseiros não estão apenas entre os políticos, clérigos ou até mesmo no matrimônio, existem classes muito piores do que as já mencionadas: os snobs de clube (THACKERAY, 2010). Thackeray faz uma representação de snobs de clube como homens mulherengos, que passam o dia jogando conversa fora e são incapazes de exercer alguma atividade produtiva, “[...] os únicos homens que, em minha opinião, deviam ter permissão para usar os clubes, são os casados sem profissão”, ou seja, os casados aposentados, de classe média, que utilizam

⁵⁷ Este fragmento foi retirado do romance em formato de livro, pois durante as nossas pesquisas não encontramos alguns números do romance no jornal paraibano.

seu tempo ocioso para frequentar os clubes, os jovens solteiros, segundo Thackeray, deveriam ser barrados.

Desde que os esnobes de clube foram noticiados, observo a sensação causada por minha entrada em qualquer um desses locais. Membros levantam-se e se dão cotoveladas, eles agitam-se, eles fecham a carranca, enquanto lançam rápidos olhares para o presente esnobe (THACKERAY, 2010, p. 214).

Os clubes representados por Thackeray são os mais diversos, clubes militares, políticos, literários; enfim, em todo clube existe algum tipo de snob. Estes clubes eram compostos por membros que tinham algo em comum e que pudessem contribuir de alguma forma para as discussões empreendidas durante as reuniões. Contudo, a influência negativa dos snobs no clube é visivelmente representada por Thackeray. Para isso, o autor utiliza da *persona* do jovem Sackille Maine no intuito de tentar advertir os jovens ingleses, bem como a família inglesa, das consequências de um jovem casado no clube. Vejamos:

Um dos primeiros vícios que esse infeliz patife adquiriu, naquele domicílio da frivolidade, foi o de *fumar*. [...] Em seguida, ele tornou-se um *jogador de bilhar* perito, desperdiçando horas e mais horas nessa diversão; apostando algo, jogando de modo tolerável e perdendo muito [...]. Do bilhar ao uíste é apenas um passo – e quanto um homem passa para o uíste e a melhor de três a quinhentas libras, minha opinião é que está liquidado. A maneira como Sackille perdeu a saúde, como perdeu seu negócio, como passou a ter dificuldades, como contraiu dívidas, como tornou-se diretor de estrada de ferro, como a casa de Pilimco foi fechada e como ele foi para Boulogne – eu poderia contar tudo isso, só que eu estou envergonhado demais com minha parte na transação (THACKERAY, 2010, p. 241-243).

Frequentador assíduo dos clubes, o narrador enfatiza que após a publicação dos “esnobs de clube”, os seus colegas passaram a não cumprimentá-lo ou o expulsaram dos clubes, alegando que ele estava ali como um espião, tirando a liberdade dos que frequentavam os clubes e criando brigas entre os casados; também pode ser um ardil, ou seja, mais uma estratégia do narrador.

Optei em deixar o capítulo referente aos Snobs Literários por último, pois acredito que nesse capítulo, especificamente, Thackeray se sobressai com a sua sátira, ironia e principalmente com o seu lado snob, ou seja, até então observamos uma *persona* que mostra o lado snob da aristocracia inglesa, nesse capítulo, o autor é um

perfeito snob, ele não precisa utilizar de outros personagens, porque o narrador durante todo o seu discurso se coloca no lugar do snob literário. Apresentados ao público como homens sem vergonha, amigos uns dos outros, fraternos, unidos, os snobs literários são elogiados durante todo o tempo, observemos:

Toda a gente conhece as gyrandolas de entusiasmo que o Atheneum prodigalisa, assim como as invectivas peçonhentas da azeda *Literary Gazette*, *O Examiner* e talvez excessivamente reservado e o *Spectator* por demasia expansivo nos seus elogios. Mas quem pensaria em mostrar-se severo por culpas tão ligerias? Ninguém, seguramente; e os críticos, bem como os escriptores da Inglaterra, manteem-se acima de toda a comparação, considerados no seu conjuncto, bem entendido: torna-se-nos, portanto, impossível achar qualquer cousa que se lhes dizer (*O ESTADO DA PARAÍBA*, 16/09/1891, nº 337, p. 01, grifo nosso).

A representação destes homens letrados é tão refinada e esteticamente tão perfeita que confunde o leitor quanto a esta profissão de prestígio. Como apontar que aquele homem letrado é um snob se ele não possui falhas? Como enfatizar os erros de uma profissão no qual os colegas se respeitam e cujo comportamento é impecável? Esse excesso de elogios e fraternidade gera desconfiança por parte do leitor, mas ao mesmo tempo é compreensível, tendo em vista que o narrador está representando a classe da qual ele faz parte. Além do mais, o narrador transparece em todo o discurso o teor satírico, e por meio desses inúmeros elogios o narrador parece denunciar uma classe desunida, desumana, rodeada de falsos moralistas, dentre outros aspectos. Esta representação também ocorria no Brasil, por meio das páginas dos jornais é possível constatar que os redatores trocavam farpas por intermédio deste suporte.

Na citação anterior alguns qualificativos chamam atenção, a exemplo de “acima de toda a comparação” e “impossível achar”, estes ao mesmo tempo em que elevam os snobs literários colocando-os como objeto de elogio e vituperação, também são representados a partir da aparência moral, pois os homens de letras aparentemente possuem uma postura mais ética. Neste mesmo capítulo a *persona* parece atacar os educadores também, colocando-os como uma classe desvalorizada e de poucos elogios, mas claro, tudo isso explicitado de forma bastante irônica. Apesar de postular a finalidade moral ao longo do capítulo destinado ao snobs literários, o narrador ao término do capítulo demonstra prazer perverso em rebaixar as vítimas, deixando o público em dúvida sobre quem de fato são os snobs literários, ora elogiando a própria

classe, ora insultando a classe literária. Essa estratégia narrativa permite que o público tenha uma visão de ambos os lados do discurso.

Apesar desta compilação de escritos a respeito dos snobs, nas *Observações finais* fica evidente a infinidade de snobs que não participaram deste romance, a exemplo dos “esnobs teatrais”, “esnobs comerciais”, “esnobs musicais”, dentre outros. Assim como é notório durante todo o romance, *O Livro dos Snobs* é um reflexo da sociedade vitoriana. Mais do que criticar os gestos e hábitos dos ingleses, Thackeray buscou por meio da publicação na revista *Punch* fazer com que as pessoas rissem dos seus próprios defeitos e, conseqüentemente, refletissem sobre aspectos muitas vezes pouco notados durante o convívio familiar e social. Ao publicar tal romance nas páginas do jornal paraibano, o editorial do jornal almejava corrigir as falhas e os comportamentos humanos através das representações feitas por Thackeray na obra inglesa, independente dos leitores serem brasileiros, franceses, etc, a obra cumpria o seu papel.

Algumas Considerações

Após comprovada uma significativa circulação de romances nos jornais e periódicos paraibanos (BARBOSA, 2007), procuramos refletir neste trabalho sobre os romances em folhetim ingleses que circularam em meados do século XIX nos jornais da Paraíba. Com a ampliação da imprensa, a prosa de ficção foi ganhando espaço nas folhas dos jornais: romances franceses, portugueses e até mesmo ingleses já constituíam um dos elementos indispensáveis para os jornais de uma época que acreditavam que o romance era capaz de exercer a tripla tarefa de entreter, instruir e edificar (SALES, 2013).

Os periódicos brasileiros consistiam no veículo de maior eficiência para a ampliação da cultura letrada. E para que esse processo acontecesse, os jornais brasileiros precisavam se pautar em modelos para que só assim comesçassem a construir a sua identidade nacional. Dessa forma, a divulgação de ideias e a vida social da Europa eram presenças garantidas nas folhas volantes, paralelamente a estes escritos circulavam as adaptações brasileiras, “consequentemente, a cultura letrada brasileira foi se formando a partir da incorporação de matéria cultural estrangeira” (RAMICELLI, p. 220). Na Paraíba não foi diferente, da mesma forma que os jornais do Rio de Janeiro, Pará, Pernambuco, dentre outros circularam com traduções e/ou adaptações da França e Inglaterra, também nos deparados com esses escritos nos jornais paraibanos. Contudo, redobramos o nosso olhar para a presença dos ingleses na Paraíba, *corpus* desse trabalho.

Sendo assim, julgamos inicialmente necessário recuperar as informações acerca da circulação desses textos – artigos, anúncios, reclames – com o intuito de mapear a presença dos ingleses na Paraíba oitocentista. A leitura dessas diferentes fontes nos fez perceber o quanto os ingleses estavam presentes nas folhas dos jornais, na sociedade paraibana e principalmente na vida privada de nossa província. A gama de materiais ingleses que chegavam ao Brasil nos navios era abundante; a propagação da cultura dos ingleses também se estendeu aos romances, “[...] e ninguém se iluda quanto à crescentes influência do romance inglês sobre o brasileiro: uma influência que se surpreende até nos nossos romancistas mais presos à terra ou à província” (FREYRE, p. 43).

A partir dessa investigação observamos que a presença da cultura britânica no desenvolvimento do Brasil não ficou apenas nas comidas, bebidas, etc; a circulação de romance em folhetim inglês também compôs esse contato da sociedade paraibana com

os britânicos. Embora em menor quantidade, se comparado com a circulação de romances franceses, o romance em folhetim inglês apareceu nas páginas dos jornais paraibanos em lugar de destaque, na primeira página do jornal. Diferente dos demais romances que circulavam na seção folhetim presentes na segunda ou terceira página do periódico, os romances ingleses vinham na primeira folha, ao lado das notícias políticas da região. Logo, isso significa que os assuntos que circulavam nas páginas do jornal estavam em consenso com os romances que nele circulavam, ou seja, subentende-se que os romances não eram inseridos por acaso, o contexto e as matérias dos jornais justificam a sua presença. De todos os jornais consultados, durante os anos de 1850 a 1893, só foi possível identificar a circulação de três romances ingleses, são eles: *Aventuras de terra e mar*, *O livro dos Snobs* e *Vice e versa: a lesson to father*.

Uma de nossas hipóteses para essa pequena quantidade de romances ingleses deve-se ao fato da dificuldade na tradução, tendo em vista que essa mediação Inglaterra – Brasil era feita pelos franceses, “[...] a França se põe a serviço da sua rival e é por meio das traduções francesas que as ideias e feitos britânicos serão introduzidos no continente” (PALLARES-BURKE, 1995, p. 36). Outro fator que nos levou a refletir sobre a pouca circulação dos romances ingleses na província da Paraíba é quanto ao teor da narrativa. Os autores ingleses abordavam muitos fatos econômicos, políticos e sociais da nação, o que, por ventura, poderia não causar tanto fascínio aos leitores paraibanos, já que estes buscavam uma leitura amena e agradável. Este pode ter sido um dos motivos ou o fator pelo qual os romances ingleses circularam ao lado das notícias políticas da província.

A reconstrução dessa presença dos ingleses na Paraíba, tendo por base o fundamento de que os textos não são inseridos aleatoriamente na constituição de um jornal, permitiu notar que embora os ingleses possuíssem uma forte influência sobre a sociedade paraibana, como vimos nos anúncios dos jornais, os romances em folhetim inglês aparentemente não caíram no gosto popular.

Outro fator importante é quanto ao lugar ocupado por esses romances nos jornais da Paraíba, apesar de aparecer em destaque, com exceção do romance *O Livro dos Snobs*, os romances ingleses em folhetim não repercutiram nas páginas dos periódicos nem antes, nem durante e nem depois de sua circulação. No caso do romance de Thackeray, vale destacar que embora tenha sido motivo de discussão nas páginas d’*O Estado da Paraíba*, ele foi publicado incompleto, o que aos nossos olhos deveria ter sido motivo de questionamento e discussão, mas não encontramos nada desse tipo no

jornal, a falta do desfecho foi desconsiderado, abolido do periódico. Observamos também que a obra de Thackeray não se enquadra nos romances tipicamente românticos aos quais os leitores do século XIX estavam habituados, ou melhor, o romance se difere das ficções que normalmente circularam nos jornais consultados durante nossa pesquisa. *O Livro dos Snobs* não possui um personagem fixo, tão pouco um herói ou uma heroína, na obra são representados vários tipos de snobs que vão se moldando no decorrer da história.

Algumas peculiaridades nos chamaram a atenção e nos levou a análise da obra *O Livro dos Snobs*. A variedade de assuntos e interesses a que Thackeray dava guarida em sua obra permitia que o público leitor do jornal se visse nele refletido com seus variados problemas, interesses e anseios, e, fosse ou não uma história autêntica ou forjada, é bem provável que os leitores se reconhecessem como um snob em potencial. A inserção de cartas e possíveis fragmentos de escritos dos leitores promoviam a cumplicidade do público e garantiam seu envolvimento na obra. Outro aspecto pertinente aos ingleses e presente n' *O Livro dos Snobs* refere-se à técnica retórica que efetua uma teatralização, Thackeray captava opiniões que partiam dos mais variados pontos da sociedade inglesa da época, e o jornal da Paraíba ao publicar tal romance sabia que aqueles escritos cabiam na sociedade paraibana também. Ademais, essa obra possui uma narração centrada em um narrador que comanda frontalmente todos os laços do enredo.

Vale ressaltar que as possibilidades de estudos que unem os romances ingleses em folhetim aos jornais paraibanos, assim como os jornais brasileiros não se encerram com nossas abordagens. Há muito ainda por ser inquirido através do diálogo com outras áreas do saber. Dessa forma, esperamos ter contribuído por meio de nossas análises e reflexões para a historiografia literária, social e cultural, bem como para a prática leitora incessante.

REFERÊNCIAS

Fontes teóricas -literárias

ABREU, Márcia. *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: imprensa e vida*. 1º ed. Campina Grande: Grafset, 1985.

ARAÚJO, Gilberto. *Série Essencial: Júlio Ribeiro*. 2011. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=13237&sid=882>>. Acessado em: 08/06/2015.

AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de Consagração: discursos da crítica sobre o Romance no Brasil oitocentista*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. *Arrecifes e Lajedos: breve itinerário da poesia na Paraíba*. João Pessoa: Edt. Universitária/UFPB, 2001.

BARBOSA, Socorro de F. Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

_____. *Jornalismo e literatura no século XIX paraibano: uma história*. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos/Jornalismo_e_literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf>.

_____. *Pequeno Dicionário dos Escritores / Jornalistas da Paraíba do século XIX: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand*. João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/Pequeno_dic.pdf>

_____. Velhos objetos, novas abordagens: o jornal como fonte para a História Cultural. In: CURY, Cláudia E.; MARIANO, Serioja C. (orgs.). *Múltiplas Visões: cultura histórica no oitocentos*. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2009.

_____. *Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX*. Editora UFPB: João Pessoa, 2014.

BECHARA, Evanildo C. *Dicionário escolar da academia brasileira de letras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883, 7 v.

BLEILER, Everett. *The Checklist of Fantastic Literature*. Chicago: Shasta Publishers, 1948, p. 31.

Catálogo Suplementar dos Livros do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro. Perseverança: 1868.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados* 11(5), 1991. p. 173 a 191.

_____. *Práticas da Leitura*. São Paulo : Estação Liberdade, 2011.

CHEVRIER, Thierry. « Dossier : Fortuné du Boisgobey, Maurepas, Association des amis du roman populaire », *Centre Rocambole*, nº 1, 1997.

DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã. Mulher. In : *História do medo no Ocidente : 1300 – 1800, uma cidade sitiada*. São Paulo : Companhia das letras, 1989, p. 310 – 349.

DEPLAGNE, Luciana E. De F. Calado; DANTAS, Marta Pragana; XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. *Tradução e transferências culturais*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

ELIAS, Norbert. A opinião pública na Inglaterra. In: *Escritos e ensaios: estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edt., 2006.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Artes e Ofícios Editora Ltda.: Porto Alegre, 1999

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: 1996.

FREYRE, Gilberto. *Inglese no Brasil*. 3º ed. Rio de Janeiro: TOPBOOKS UNIVERSIDADE EDITORA, 2000.

_____. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. 3ªed. Recife: Editora Massangana, 2008.

GANCHÓ, Cândido Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2006.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural, Vol. 3, "Balzac". Editora Nova Cultural: 1998, p.613.

GUBERNATIS, A. De. *Dictionnaire international des écrivains du jour*. Florence : 1891.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*. São Paulo : Ateliê editorial. Campinas : Edt. da Unicamp, 2004.

HANSEN, João Adolfo. Instituição retórica, técnica retórica, discurso. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.20, n.33, p. 11-46, 2013.

HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. 2001. Disponível em: < <http://www.etymonline.com/>>

HOGHART, M. J. C. *Satire: origins and principles*. New Jersey : Transaction Publishers, 2010.

MANCHESTER, Alan Krebs. *British Preeminence in Brazil*. Octagon Books, 1972.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MONTORO, Jose Acosta. *Periodismo y literatura*. Madrid: Guadarrama, 1973.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu, 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

MURRAY, James; BRADLEY, Henry; CRAIGIE, William. *Oxford English Dictionary*, Oxford University Press: 1884.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *The Spectator. O teatro das luzes. Diálogo e imprensa no século XVIII*. São Paulo: edt. Hucitec, 1995.

PEREIRA. Rosamaria Reo. *A presença Inglesa no Brasil e sua influência nas obras de Escritores Brasileiros do século XIX*. Dissertação de Mestrado, 2005, UFPA.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINTO, Ziraldo Alves. *O Aspite*. Editora Melhoramentos: 2005.

RAMICELLI, Maria Eulália. *Narrativas itinerantes: aspectos franco-britânicos da ficção brasileira, em periódicos da primeira metade do século XIX*. Ed. Da UFSM, 2009.

REEVE, Clara. *The Progresso of Romance*. Colchester : W. Keymer, 1785.

REID, Elizabeth. *Mayne Reid, a Memoir*. London : 1º edição, 1890, p. 239.

SALES, Germana Maria Araújo. *Prefácios, advertências e prólogos: ao caro e benevolente leitor*. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, Jul./dez. 2012.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Uma biblioteca desaparecida: The Rio de Janeiro British subscription library*. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/bibliotecadesaparecida.pdf>>.

SCULLY, Richard. A Comic Empire: The Global Expansion of Punch as a Model Publication, 1841- 1936. *International Journal of Comic Art*, Volume 15, No.2, 2013. P.6-10.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. Introdução Crítica. In: *Antologia do Romance-Folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SOUZA, Roberto A. de; HOLANDA, Sílvia A. de Oliveira; AUGUSTI, Valéria. *Narrativa e recepção: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: De Letras; Niterói: EdUFF, 2009.

THACKERAY, W. M. *O livro dos esnobes*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

THOMPSON, E. P.. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

TIN, Emerson (Org.). *A arte de escrever cartas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.

_____. *Dez lições sobre o romance inglês no século XVIII*. Boitempo Editorial, 2002.

VAPEREAU, Par G. *Dictionnaire universel des littératures*. Paris : Libraire Hachette, 1876.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WEBSTER, Noah. *New edition, with supplement na American dictionary of the english language*. Springfield, mass: published by G&C. Merriam, state, street, 1879.

Fontes periódicas

A Ordem. 1850.

O Governista Paraibano. Folha oficial, política e literária. 1851.

A Epoca. 1856.

O Heliotropio. Periódico Literário. 1856.

A Borboleta. 1860.

O Publicador. Propriedade de José Rodrigues da Costa. 1864.

O Solícito. 1867.

A Regeneração. Jornal Político, Literário, Noticioso e Comercial. 1861 a 1889.

O Despertador. Jornal Político, literário e noticiador. 1874.

O Conservador. 1874.

O Tipógrafo. 1876.

Eco Escolástico. Periódico científico, literário e noticioso. 1877 a 1878.

Correio Noticioso. 1877.

A esperança. Jornal literário, recreativo e noticioso. 1877 a 1878.

O Liberal Paraibano. Órgão do partido liberal. 1879.

A ideia. Revista crítica, noticiosa e literária. 1879 a 1880.

O Porvir. 1883.

O Popular. Hebdomadar o crítico, literário e noticioso. 1883.

O liberal paraibano. Órgão do partido liberal. 1883 a 1884.

O Mercantil. 1883.

Diário da Paraíba. Órgão de todas as classes. 1884 a 1885.

O sorriso. 1887.

Arauto paraibano. Periódico literário, noticioso e abolicionista. 1888.

Gazeta da Paraíba. Folha diária. 1888 a 1890.

O Livro. 1890.

O Estado da Paraíba. Periódico Político, Social e Noticioso. 1891 a 1893.

O Mirante. 1892.

O Paraibano. Órgão do povo. 1892.

União Tipográfica. 1894.

Gazeta dos artistas. 1894.

Gazeta do comércio. 1895.

A imprensa. 1897 a 1900.

O Debate. Órgão do Partido Republicano Conservador. Mato Grosso. 1913.

The Paraíba Times. Weekly paper. 1894.

Jornal de Recife. Propriedade de José de Vasconcelos. 1876 a 1913.

Punch Magazine. Londres. 1846.

ANEXO

Anexo 1 - *O Publicador*, 12/05/1864, nº 507

VARIEDADE

As origens da nobreza ingleza.

I.

Vicissitudes das grandes famílias

Os nomes das famílias illustres formão parte da gloria nacional, e com justiça occupão o primeiro lugar nas páginas da história. Toda a honra é devida ao filho que dignamente sustenta o título que lhe legarão os seus antepassados ennobrecidos por serviços prestados ao seu paiz, ou ao príncipe representante do paiz. O respeito aos antepassados fortifica o sentimento do respeito a si mesmo, e é nesse sentido que se deve entender o adagio francez: “A nobreza impõe obrigações”.

Quando na história acompanhamos a carreira das celebridades nacionaes, ou quando pesquisamos as diversas origens das mudáveis fortunas das famílias nobres, não podemos deixar de refletir na influência moral, social e política que tem a nobreza. O prestígio de um nobre nascimento vai diminuindo augmenta? É um bem ou um mal para a humanidade? Convirá sustentar esse prestígio nas nações antigas, ou destruí-lo nos paizes novos? Será esse um dos essenciaes elementos da monarchia constitucional? Que deveres tem a civilisação, a sciencia, a litteratura e as artes para com as distincções hereditárias e a nobreza de nascimento?

Admittindo (o que é difficil de contestar) que as classes privilegiadas prestassem em algum tempo serviços ao estado, será necessário também declarar que essas classes, assim como as ordens monásticas da idade media, já fizeram a sua época, e que não são mais do que um obstáculos ao progresso das luzes depois que temos assembléas representativas e a liberdade da imprensa? Finalmente quando foi que o orgulho do nascimento chegou ao mais alto ponto, e qual foi a sua base mais real? Eis uma serie de questões sobre as quaes os philosophos e os policos nem sempre estão de acordo. Responderemos a algumas dellas.

Agora mesmo no nosso século, as tradições de família são ainda objecto de tantas averiguações como em outras eras, e isso não só no velho mundo como também no novo. Nos Estados-Unidos até estão em moda os estudos genealógicos. Por mais fastidiosos e áridos que sejam esses estudos, teem certo attractivo, porque dão a conhecer os sentimentos, as opiniões e os prejuízos inseparáveis da natureza humana. É uma fraqueza de espírito, dirão alguns. Ai de nós! Muitos espíritos eminentes e muitos espíritos fortes tiveram essa fraqueza e essa superstição.

Lord Byron tinha mais orgulho da sua descendência dos Stuarts do que dos seus poemas. Walter Scott gastou tudo quanto ganhou com os seus romances, em edificar um

castello e plantar um domínio, e sentia-se feliz quando se lembrava que os seus descendentes seriam senhores feudais e se chamariam os Scotts d'Abbotsford. Esperanças muitas vezes chimericas, orgulhosa ambição muitas vezes frustrada. – Os contemporâneos de Bryon virão três vezes Newstead Abbey mudar de proprietários, e os Scotts d'Abbotsford extinguirão-se no sentido feudal da palavra. Quantos nomes illustres da Inglaterra pertencem hoje aos representantes hereditários daquelles que os enobrecerão? Nessa lista de illustrações sem posteridade directa, achão-se Chancer Shakspeare, Spenser, Raleigh, Bacon, Dryden, Pope, Addison, Locke e Newton, Hume e Goldsmith, Clarendon, Hampden, Blake, Mariborough e Nelson, Burke, Pitt, Fox e Macaulai.

Na nossa opinião, a nobreza, fundada em um systema social, deixa de existir logo que não está circumscripta em estritos limites. Ou por outra, ella assemelha-se a esses círculos produzidos por uma pedra atirada dentro d'água, que desaparecem a medida que se vão estendendo.

É o que acontece quando a nobreza se transmite pelas mulheres. Para dar uma idéa da rápida extensão dessa nobreza feminina, basta citar o grande numero de famílias inglezas que teem nas veias algumas gotas de sangue real da Inglaterra. Sir Bernard Burke, o genealogista, diz que entre os descendentes de Edmundo Woodstoch, conde de Kent e sexto filho de Eduardo VI, que por sua morte não deixou senão filhas, contavão-se um certo José Smart, carnicheiro da aldeia de Hales-Green, e um tal M. Wilmot, recebedor de uma barreira, perto de Dudley. Jacob Penny, sacristão da igreja de S. Paulo em Londres, descende pelo lado feminino, de Tomaz Plantagenet, duque de Gloucester, quinto filho de Eduardo, e, quando baptisou seu filho mais velho, deu-lhe o nome de Plantagenet. Um casamento desigual é bastante para fazer baixar rapidamente uma família. Em 1837, um filho do neto de Margarida Plantagenet, filha e herdeira do duque de Clarence, trabalhava como official em uma fabrica de sabão. Se esse descendente dos reis tivesse casado e deixasse filhos, teria semeado na Inglaterra uma família de pequenos Plantagenets descalços e esfarrapados. O duque Bernardo de Norfolk lembrou-se um dia de convidar para um jantar todos os descendentes do Norfolk, que fora amigo de Ricardo III, mas teve de renunciar a isso quando viu que a lista incompleta dos seus convivas já excedia do número de seiscentos. Todos os Howards legítimos teem o direito de quarteir as armas reais, por causa de Margarida Mowbray, que casou com o chefe dessa família. Em 1854, organizou-se uma lista genealógica de todos os que teem o direito de quarteir os brasões das diversas dynastias que reinarão na Inglaterra: qualquer noviço na arte heráldica sabe quanto é fácil provar descendência na linha feminina de Eduardo I, de Eduardo III e de Henrique III.

Os genealogistas americanos querem que Washington descendesse também dos reis de Inglaterra. A geologia sempre tem santos, e a sciencia heráldica tem illustrações profanas ás ordens de qualquer família que precise de antepassados, pois, como dizia Beaumarchais, sempre se é filho de *alguém*. Na Corsega descobrio-se no calendário um santo do nome de Napoleão para a família de Bonaparte, e nos archivos da Italia encontrou-se um Bonaparte que existio no decimo segundo século. É certo que qualquer

homem que queira remontar até a décima sexta geração tem 65.536 antepassado paternos ou maternos. Ora, em um tal numero, pode-se contar ao mesmo tempo os mais honrosos e os mais indignos parentes.

Os duques de Northumberland são altivos como se descendessem em linha masculina directa dos Percy da balada, com quanto se saiba muito bem que esse ramo extinguiu-se no reinado de Henrique I, quando Ignez Percy, filha do terceiro fidalgo desse nome, casou com o filho do duque de Brabante, Jocelin de Souvain, que tomou o nome e as armas dos Percy. Não há família feudal que representasse mais importante papel nos annaes da Inglaterra, não há nenhuma que tivesse mais chefes influentes nos acontecimentos políticos e religiosos. Com o seu natural instinto de revolta, poucos desses duques morrerão em suas camas; uns perecerão no campo da batalha, outros no cadafalso, e outros ás mãos de um assassino...até o décimo primeiro, que só deixou uma filha, cujas aventuras não forão menos celebres que as de seu pai. Na idade de 16 annos, ella já era viúva duas vezes, sendo aos treze annos noiva do duque de Newcastle, que morreu dahi a poucos mezes; seu segundo marido foi Thynne de Songleat, que foi escolhido por seu pai, mas que morreu assassinado antes da consummação do matrimonio.

O celebre conde de Konigsmark, accusado desse homicídio, quiz casar com ella, mas a rica herdeira conseguiu escapar-lhe, e desposou o duque de Somerset, que lhe sobreviveu, pois, desse mesmo duque diz a chronica aristocrática, que a sua segunda esposa, uma filha dos Finch, batendo-lhe um dia no hombro, ou, segundo outra versão da anecdotia, sentando-se nos seus joelhos, o duque lhe dissera: “Senhora, a minha primeira mulher era uma Percy, e entretanto nunca seria capaz de tomar tal liberdade!”

A primeira duqueza de Somerset, uma das favoritas da rainha Anna, impedio que Swift fosse bispo, pois conservava-lhe rancor por elle ter dito que ella fora cumplice no assassinato do seu segundo marido, ou talvez unicamente, como da a entender Walter Scott, por ter elle mettido a ridículo a cor dos seus cabellos que erão vermelhos. Os domínios e o titulo do duque de Northumberland acabarão em um simples baronete, sir Hugh-Smithson, que esposou a única herdeira. Seu filho queixava-se amargamente a Jorge III de ser o primeiro duque de Northumberland a quem se recusou a ordem da jarreteira: “É verdade, respondeu o rei, mas também foi sir Hugh Smithson o primeiro que a solicitou”. Diz a chronica que nesse dia, Jorge III proferio o seu primeiro e ultimo dito agudo.

O mais notável exemplo da decadência de uma grande casa, é talvez o que se observa na história dos Nevilles, onde vemos o celebre conde de Warwick, que fazia os reis, possuindo um rendimento de 300,000 libras esterlinas, tendo mesa franca em todos os seus castellos, e o seu ultimo descendente, em 1572, vivendo unicamente de uma pequena pensão que lhe dava o rei de Hespanha. Lord Seton, em uma carta a Maria Stuart, falla da sua extrema indigência.

Os duques de Buckingham fornecirão á história anecdotica personagens que compettirão com os duques ne Northumberland em episódios trágicos e romanescos.

O primeiro desse titulo, Humphrey, de Stafford, morreu com seu filho mais velho na guerra das duas rosas, seu segundo filho e seu herdeiro foi amigo e depois victima de Ricardo III. O terceiro duque de Buckingham foi decapitado na torre de Londres. Villiers a quem depois foi dado esse título, morreu apunhalado por Felton, triste fim para um lord que se atreveu a fazer uma declaração de amor á rainha de França. Um verso satyrico de Pope contra um outro duque de Buckingham, é citado ás vezes com uma nota biographica que lhe contesta a exactidão: não foi sobre uma pobre enxerga, mas sim na cama do seu intendente que elle expirou. O nome de Sheffield, duque de Buckingham, é um nome litterario; esse teve um filho com quem acabarão as suas honras quando elle morreu em Roma de uma affecção pulmonar.

(Continúa)